

**ELISA FERNANDES RODRIGUES**

**QUANDO A MEMÓRIA PESSOAL ENCONTRA A MEMÓRIA  
COLETIVA: UMA LEITURA DE *LES ANNÉES*, DE ANNIE ERNAUX**

**PORTO ALEGRE  
2021**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA  
LINHA DE PESQUISA: SOCIEDADE, (INTER)TEXTOS LITERÁRIOS E TRADUÇÃO  
NAS LITERATURAS ESTRANGEIRAS MODERNAS

**QUANDO A MEMÓRIA PESSOAL ENCONTRA A MEMÓRIA  
COLETIVA: UMA LEITURA DE *LES ANNÉES*, DE ANNIE ERNAUX**

**ELISA FERNANDES RODRIGUES**

**ORIENTADOR: PROF. DR. ANTONIO BARROS DE BRITO JUNIOR**

Dissertação de Mestrado em Letras, área de Estudos de Literatura, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE**

**2021**

### CIP - Catalogação na Publicação

Rodrigues, Elisa Fernandes

QUANDO A MEMÓRIA PESSOAL ENCONTRA A MEMÓRIA  
COLETIVA: UMA LEITURA DE LES ANNÉES, DE ANNIE ERNAUX /  
Elisa Fernandes Rodrigues. -- 2021.

117 f.

Orientador: Antonio Barros de Brito Junior.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de  
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Annie Ernaux. 2. Memória coletiva. 3.  
Autobiografia impessoal. 4. Escrita autobiográfica. 5.  
Literatura francesa. I. Junior, Antonio Barros de  
Brito, orient. II. Título.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Antonio Barros de Brito Junior**

(Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Claudia Luiza Caimi**

(Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Karina de Castilhos Lucena**

(Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Euridice Figueiredo**

(Instituto de Letras – Universidade Federal Fluminense)

À Samanta, por ser tanto.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço imensamente à minha esposa Samanta, quem atravessou comigo o último ano de confinamento em meio a uma pandemia, pelo apoio, companheirismo e presença, que sempre tornam os desafios da vida mais leves. Devo muitíssimo a ela por ter conseguido, ainda que com muita dificuldade, levar a cabo este trabalho em um cenário tão complicado e desgastante.

Ao meu orientador Antonio Barros, pela gentileza com que guiou a construção deste trabalho e pela forma sempre aberta, acolhedora, respeitosa e sábia com que conduziu todo o processo.

À minha família, pelo apoio de sempre, por todas as oportunidades que me ofereceram e por nunca terem medido esforços para investir nos meus estudos, no meu desenvolvimento e na minha felicidade.

Aos meus amigos, que infelizmente estiveram fisicamente distantes no último ano e de quem sinto muita falta. A vida é muito mais feliz com eles.

*Et le véritable but de ma vie est peut-être seulement celui-ci: que mon corps, mes sensations et mes pensées deviennent de l'écriture, c'est-à-dire quelque chose d'intelligible et de général, mon existence complètement dissoute dans la tête et la vie des autres.*

Annie Ernaux

*Eu já não sei se sei de tudo ou quase tudo  
Eu só sei de mim, de nós, de todo mundo*  
Secos & Molhados

## RESUMO

A presente dissertação propõe uma leitura da obra *Les années*, da escritora francesa Annie Ernaux, buscando compreender de que forma a autora constrói, nessa autobiografia impessoal, uma narrativa da memória coletiva ocidental e francesa do passar dos anos, em um período compreendido entre a década de 1940 e o início dos anos 2000, a partir do trabalho de recordação pessoal. Para tanto, recuperamos, no primeiro capítulo, as teorias da memória, com vistas a identificar os processos mnemônicos mobilizados na escrita ernausiana. No segundo capítulo, traçamos um panorama da obra da escritora, levantando características que atravessam todos os seus livros, como a escrita auto-sócio-biográfica e a *écriture plate*, e explorando como esses aspectos se sintetizam em seu projeto de escrever a vida. No terceiro capítulo, propomos uma leitura detalhada de *Les années*, aproximando ou afastando essa narrativa das teorias de queda da experiência, de Benjamin (2012), e de desaparecimento da memória, de Nora (1984). Por fim, abordamos de que forma Ernaux se vale de elementos inerentes à noção de vivência benjaminiana, à modernidade e ao individualismo para construir uma narrativa da memória coletiva a partir da memória pessoal em *Les années*.

**Palavras-chave:** 1. Annie Ernaux. 2. Memória coletiva. 3. Autobiografia impessoal. 4. Escrita autobiográfica. 5. Literatura francesa.



## RÉSUMÉ

Ce travail propose une lecture du livre *Les années*, écrit par Annie Ernaux, et cherche à comprendre comment l'écrivaine construit, à travers une autobiographie impersonnelle, un récit de la mémoire collective occidentale et française au fil du temps, dans une période comprise entre les années 1940 et le début des années 2000, à partir du travail de remémoration personnelle. Pour ce faire, nous récupérons lors du premier chapitre les théories de la mémoire, afin d'identifier les processus mnémoniques mobilisés par l'écriture ernausienne. Dans le deuxième chapitre, nous présentons un panorama de l'œuvre d'Ernaux, relevant des caractéristiques qui traversent tous ses livres, telles que l'écriture auto-socio-biographique et l'écriture plate, afin de saisir comment ces aspects-là se synthétisent dans son projet d'écrire la vie. Dans le troisième chapitre, nous proposons une lecture détaillée de *Les années*, tout en associant ce récit aux théories de crise de l'expérience, de Walter Benjamin (2012), et de disparition de la mémoire, de Pierre Nora (1984). Finalement, nous nous penchons sur la manière dont l'écrivaine fait appel à des éléments inhérents à la notion benjaminienne d'*Erlebnis*, à la modernité et à l'individualisme pour construire dans *Les années* un récit de la mémoire collective à partir de la mémoire personnelle.

**Mots-clés:** 1. Annie Ernaux. 2. Mémoire collective. 3. Autobiographie impersonnelle. 4. Écriture autobiographique. 5. Littérature française.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Fotos e filmagens em <i>Os anos</i> .....	47
---	----

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. MEMÓRIA E RECORDAÇÃO.....	14
2. ANNIE ERNAUX E O PROJETO DE ESCREVER A VIDA.....	28
3. <i>LES ANNÉES</i> : UMA AUTOBIOGRAFIA IMPESSOAL.....	40
3.1 LEITURA DE <i>OS ANOS</i> .....	46
3.1.1 Epígrafes e introdução.....	48
3.1.2 Fotos 1 a 4: infância no pós-guerra.....	53
3.1.3 Foto 5: no ritmo da bicicleta.....	60
3.1.4 Foto 6: Reconstrução.....	62
3.1.5 Foto 7: adolescência nos anos 1950.....	66
3.1.6 Foto 8: sociedade de lazer e de consumo.....	70
3.1.7 Foto 9: Guerra Fria.....	73
3.1.8 Foto 10: passagem para a vida adulta.....	78
3.1.9 Foto 11: Maio de 68.....	83
3.1.10 Filmagem 12: no ritmo da televisão.....	89
3.1.11 Foto 13: os anos 1980 e a geração “tanto faz”.....	92
3.1.12 Filmagem 14: heranças da Revolução Francesa.....	96
3.1.13 Foto 15: envelhecendo nos anos 1990.....	100
3.1.14 Foto 16: na velocidade de um clique.....	105
3.1.15 Foto 17: salvar alguma coisa deste tempo.....	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS.....	115

## INTRODUÇÃO

Ando às voltas com Annie Ernaux desde 2014, quando, na França, uma colega alemã me falou da autora, uma de suas escritoras favoritas. Antes de voltar para casa, fui a um sebo escolher alguns de seus livros para trazer comigo na mala. Os livros ficaram, entretanto, parados na estante até 2016, quando buscava um livro em francês para traduzir em uma disciplina de tradução literária da faculdade. Esse encontro, que certamente produziu muito encantamento e curiosidade, me levou a eleger *L'événement* (2000), da escritora, como objeto de pesquisa para o trabalho de conclusão de curso em Bacharelado em Letras (Português-Francês), no qual me debrucei sobre uma proposta de tradução do livro, discutindo os desafios de traduzir marcadores culturais em uma obra autobiográfica. Se, neste primeiro trabalho, o foco eram questões tradutórias, o contato com a escrita ernausiana e sua vasta obra autobiográfica fizeram com que, já no mestrado, quisesse mergulhar mais em sua obra, buscando compreender como se dá sua escrita a partir do trabalho de recordação e, sobretudo, como se estabelece o encontro entre os âmbitos pessoal e coletivo que a autora constrói a partir da escrita autobiográfica.

Assim, neste trabalho, partindo da obra *Les années* (2008), que nos parece sintetizar o projeto ernausiano de escrever a vida, no encontro entre a memória pessoal e a memória coletiva, buscamos, em um primeiro momento, no capítulo *Memória e recordação*, recuperar as teorias da memória para entender quais processos mnemônicos são mobilizados na escrita ernausiana. Passamos assim por autores como Ricoeur (2007), Assmann (2011) e Gagnebin (2006), retrazando teorias que se aproximam do trabalho de recordação empreendido pela escritora. Dado que o livro *Les années* narra a passagem dos anos, da década de 1940 ao início dos anos 2000, constatando um processo bastante semelhante ao da queda da experiência e ao da extinção da arte de narrar observados por Benjamin (2012), aproximamos as ideias do filósofo às apresentadas no livro. Recorremos igualmente a Nora (1984) para discutir de que modo está presente ou não, na obra de Ernaux, a dinâmica entre memória e história proposta pelo autor. Além disso, incluímos a noção de memória coletiva para Halbwachs (2006), visto que Ernaux busca justamente alcançar a memória coletiva a partir da memória pessoal na escrita de *Les années*.

Em um segundo momento, no capítulo *Annie Ernaux e o projeto de escrever a vida*, traçamos um panorama da obra da autora, levantando características que atravessam todos os seus livros, como a escrita autobiográfica ou auto-sócio-biográfica e a *écriture plate*, explorando como esses aspectos se sintetizam em seu projeto de escrever a vida. Neste

momento, aprofundamos a relação entre memória pessoal e memória coletiva em Ernaux, compreendendo que a concepção ernausiana de memória está vinculada tanto à recordação enquanto busca, para Ricoeur, quanto à memória coletiva, para Halbwachs, uma vez que o trabalho de recordação não pode ser desvinculado do âmbito social, e tampouco se pode acessar a memória coletiva, em Ernaux, sem passar pelas lembranças pessoais, acessadas e reconstruídas na escrita.

Em um terceiro momento, no capítulo *Les années: uma autobiografia impessoal*, propomos uma leitura do livro *Les années*, a partir da tradução para o português brasileiro *Os anos*, feita por Marília Garcia e lançada em 2019 pela editora Três Estrelas. Neste livro, a escritora conjuga a memória pessoal à memória coletiva, partindo da descrição de fotos e filmagens pessoais para adentrar o período em que aquela foto foi tirada ou a filmagem foi feita, buscando um rumor, uma espécie de síntese dos discursos de cada época conforme eles emergem à sua memória. Assim, construímos este capítulo dividindo-o conforme as dezessete fotos e filmagens descritas ao longo da narrativa, que funcionam como dobradiças entre a memória pessoal e a memória coletiva, explorando como se dá essa narrativa da passagem dos anos. Por fim, analisamos como a autora se vale de elementos como publicidades, jingles, cinema e novos meios de comunicação, vinculados à vivência benjaminiana e associados a um processo de crescente individualismo, para recuperar a memória coletiva a partir da escrita autobiográfica e do trabalho de recordação.

## 1 MEMÓRIA E RECORDAÇÃO

A memória consiste em um fenômeno transdisciplinar, cuja compreensão é atravessada por diversas áreas, como a filosofia, as artes, a história, a literatura, a psicologia, a psicanálise, os estudos culturais, as ciências neurológicas, a tecnologia da informação, dentre outras, e que, assim sendo, não pode ser definido de maneira unívoca. Neste trabalho, levantaremos algumas teorias que nos ajudarão a pensar o lugar da memória na obra de Annie Ernaux, especialmente em *Les années*, sem pretender esgotar todas as perspectivas que abarcam as teorias da memória.

Começaremos a pensar a questão da memória a partir da obra *A memória, a história, o esquecimento* (2007), de Paul Ricoeur, em que o autor se dedica a investigar os vínculos entre a memória e a história, visando a uma política da justa memória. O livro, dividido em três partes, propõe uma fenomenologia da memória, uma epistemologia da história e uma hermenêutica da condição histórica, estando todas ligadas a uma problemática comum: a representação do passado. Contudo, é a primeira parte, destinada a um olhar fenomenológico sobre a memória e os fenômenos mnemônicos, que nos interessará particularmente.

Ricoeur parte, assim, de uma aporia tão antiga quanto a filosofia ocidental, decorrente da constatação de que nossas lembranças se dão em forma de imagem. Ora, essa proximidade entre a memória e a imaginação instaura uma suspeita em relação à veracidade da memória: como saber se tal imagem remete a uma lembrança real ou se é fruto da imaginação? Conforme Ricoeur, a desconfiança a respeito da memória está colocada desde os escritos platônicos, quando Platão associa a noção de *eikōn*, que consiste na representação presente de algo ausente, tanto à memória quanto à imaginação (cf. RICOEUR, 2007, p. 27). A metáfora da impressão (*tupos*), como a da marca que o sinete ou o anel deixam na cera, ilustra bem essa questão, remetendo justamente à ideia de uma marca presente (a marca do sinete na cera) de algo ausente (o próprio sinete). Esse modelo propõe pensar a lembrança como uma impressão-afecção na alma, resultante “do choque de um acontecimento, que podemos qualificar como notável, marcante” (*ibid.*, p. 33).

Além da confusão entre a memória e a imaginação instaurada a partir da noção de *eikōn*, a dificuldade de estabelecer uma correspondência fiável entre a marca primeira (*eidōlon*) e a representação presente da marca ausente (*eikōn*) se transpõe também à arte mimética: como diferenciar uma imagem ou cópia fiel (*eikōn*) de um simulacro ou cópia defeituosa (*phantasma*) (cf. *ibid.*, p. 31)? A essas questões Aristóteles adiciona um elemento, não previsto por Platão, essencial para pensar as especificidades da memória: sua relação com o tempo.

Ainda de acordo com Ricoeur, é Aristóteles quem constata que “a memória é do passado” (*ibid.*, p. 34), o que será crucial para diferenciá-la da imaginação. Isso porque se entende, como colocou Platão, que ambas trazem para o hoje algo que não está aqui, mas apenas à memória é conferida a ideia de que este algo já esteve presente em um momento pretérito: Aristóteles “aguçou a ponta do enigma ao fazer da referência ao tempo a nota distintiva da lembrança no campo da imaginação. Com a lembrança, o ausente traz a marca temporal do anterior” (*ibid.*, p. 38). Aristóteles entende que essa percepção da passagem do tempo e do movimento, fundamental para que se possa distinguir o antes e o depois, seja uma capacidade exclusiva dos seres humanos e que se revelará através da linguagem, dos diferentes tempos verbais e de alguns dêiticos.

[...] uma recordação surge ao espírito sob a forma de uma imagem que, espontaneamente, se dá como signo de qualquer coisa diferente, realmente ausente, mas que consideramos como tendo existido no passado. Encontram-se reunidos três traços de forma paradoxal: a presença, a ausência, a anterioridade. Para o dizer de outra forma, a imagem-recordação está presente no espírito como alguma coisa que já não está lá, mas esteve. (RICOEUR, 2003, p. 2)

Além disso, Ricoeur pontua que, para se opor a imaginação à memória, é importante também perceber que estão em questão dois objetivos, duas intencionalidades diferentes: “uma, a da imaginação, voltada para o fantástico, a ficção, o irreal, o possível o utópico; a outra, a da memória, voltada para a realidade anterior, a anterioridade que constitui a marca temporal por excelência da ‘coisa lembrada’, do ‘lembrado’ como tal” (RICOEUR, 2007, p. 26).

Uma das maiores contribuições de Aristóteles, para Ricoeur, está na distinção entre os conceitos *mnēmē* e *anamnēsis* (*ibid.*, p. 37). A *mnēmē* (que Ricoeur chamará de *evocação simples* em sua proposta fenomenológica da memória) diz respeito à simples lembrança que sobrevém à alma como afecção (*pathos*), sem que haja uma busca por essa lembrança. Já a *anamnēsis* (que será a *recordação enquanto busca*, para Ricoeur) remete ao esforço de recordação, a um processo ativo de busca da lembrança. Como veremos, a ideia da *anamnēsis* está na base de conceitos como *recordação*, *reminiscência*, *recollection* ou *rememoração*, estabelecidos por diferentes teóricos. De todo modo, a temporalidade está implicada tanto na proposta da memória-paixão (*mnēmē*) quanto na recordação-ação (*anamnēsis*). Embora a segunda se destaque na obra de Ernaux, ambas estarão implicadas em seu processo de escrita.

Preocupando-se antes em responder *de que* se tem lembrança do que *de quem* é a memória, Paul Ricoeur toma a lembrança como objeto desta e, na esteira da fenomenologia husserliana, propõe um esboço fenomenológico da memória (cf. *ibid.*, p. 40). É neste momento que o autor estabelece quatro pares opacionais, que recuperaremos aqui: *hábito* e *memória*;

*evocação e busca; lembrança primária (retenção) e lembrança secundária (reprodução); e reflexividade e mundanidade.*

O primeiro par de oposições (*hábito e memória*) retoma a distinção proposta por Henri Bergson entre *memória-hábito* e *memória-lembrança*:

Nos dois casos extremos, pressupõe-se uma experiência anteriormente adquirida; mas num caso, o do hábito, essa aquisição está incorporada à vivência presente, não marcada, não declarada como passado; no outro caso, faz-se referência à anterioridade, como tal, da aquisição antiga. Nos dois casos, por conseguinte, continua sendo verdade que a memória “é do passado”, mas conforme dois modos, um não marcado, outro sim, da referência ao lugar no tempo da experiência inicial. (*ibid.*, p. 43)

Assim, podemos tomar o fato de saber dirigir ou recitar um poema como um hábito, visto que está mais relacionado a uma ação (*lembrar que...*), enquanto lembrar daquela tarde de verão memorável com os amigos como uma lembrança, visto que esta está mais relacionada a uma representação (*lembrar como...*).

O segundo par de oposições (*evocação e busca*) equivale respectivamente à *mnēmē*, como afecção ou aparecimento atual de uma lembrança, e à *anamnēsis*, como busca ou recordação, aristotélicas. No que concerne ao processo de recordação, Ricoeur retoma também a distinção feita por Bergson entre a *recordação instantânea*, como sendo o grau zero da busca, e a *recordação laboriosa*, como sendo a busca em sua forma expressa.

O terceiro par opõe a *lembrança primária* (ou *retenção*) à *lembrança secundária* (ou *reprodução*). A lembrança primária diz respeito à retenção de uma percepção, como, por exemplo, quando acabamos de escutar uma melodia e ela ainda ressoa na nossa consciência. A lembrança secundária se dá quando a lembrança primária da melodia, neste exemplo, “desapareceu” e depois voltou: trata-se da re-apresentação da melodia. Fala-se em lembrança secundária quando o objeto temporal reproduzido não tem mais pé na percepção: “Ele se despreendeu. É realmente passado.” (*ibid.*, p. 53).

O quarto par de oposições (*reflexividade e mundanidade*) é bastante interessante porque confere à memória um sentido subjetivo e objetivo no tocante à esfera da corporeidade do sujeito. Segundo Ricoeur, a reflexividade é um rastro irrecusável da memória, sendo inegável que ela pertença ao âmbito da interioridade. Contudo, a partir da ideia de mundanidade, o filósofo se afasta da tradição que faz prevalecer o lado “egológico” da experiência mnemônica (cf. *ibid.*, p. 23), ao compreender que os fenômenos da memória implicam também o corpo, o espaço, o horizonte do mundo ou de um mundo.



Não nos lembramos somente de nós, vendo, experimentando, aprendendo, mas das situações do mundo, nas quais vimos, experimentamos, aprendemos. Tais situações implicam o próprio corpo e o corpo dos outros, o espaço onde se viveu, enfim, o horizonte do mundo e dos mundos, sob o qual alguma coisa aconteceu. (*ibid.*, p. 53)

É importante pontuar que Ricoeur entende que a reflexividade se encontra no seu auge no esforço da recordação (*anamnēsis*).

Cabe mencionarmos brevemente os três *mnemonic modes* propostos por Edward Casey e que Ricoeur recupera neste mesmo capítulo: os modos *reminding*, *reminiscing* e *recognizing* (cf. *ibid.*, p. 55). O *reminding* funciona como um lembrete (o “nó no lenço”) ou como um indicador que visa proteger contra o esquecimento. Pontos de apoio para recordação posterior, como fotos, cartões e agendas, também podem ser considerados *reminders*. O *reminiscing*, por sua vez, é um fenômeno principalmente coletivo e oral, em que várias pessoas evocam juntas o passado, de modo que uma ajuda a outra a lembrar. Esse processo também pode ser interiorizado, conforme Ricoeur, por meio de um diário ou de uma autobiografia, gêneros que prevalecem na obra de Ernaux. Por fim, o modo *recognizing* ou *reconhecimento* é bastante importante para a fenomenologia da memória proposta por Ricoeur, e consiste em reconhecermos:

a lembrança presente como sendo a mesma e a impressão primeira visada como sendo outra. Assim, pelo fenômeno de reconhecimento, somos remetidos ao enigma da lembrança enquanto presença do ausente anteriormente encontrado. E a “coisa” reconhecida é duas vezes outra: como ausente (diferente da presença) e como anterior (diferente do presente). E é como outra, emanando de um passado outro, que ela é reconhecida como sendo a mesma. [...] Mas o pequeno milagre do reconhecimento é de envolver em presença a alteridade do decorrido. É nisso que a lembrança é re-(a)presentação, no duplo sentido do re-: para trás e de novo. (*ibid.*, p. 56)

Assim, Ricoeur encerra sua proposta de uma fenomenologia da memória e pontua que, a despeito das limitações da memória, das suspeitas que pode suscitar e das ciladas que o imaginário pode lhe impor, “não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou *antes* que declarássemos nos lembrar dela” (*ibid.*, p. 40). E é justamente a partir do que Casey nomeia reconhecimento que identificamos a lembrança como uma realidade que de fato se deu em um momento pretérito — ou, em outras palavras, é por meio deste que se estabelece uma espécie de acordo entre o vivido e o declarado.

Henri Bergson, citado diversas vezes ao longo dos escritos de Ricoeur, teve um papel essencial para a elaboração das teorias sobre os fenômenos mnemônicos. Bergson observou que o tempo costumava ser abordado pela filosofia de forma predominantemente quantitativa, isto é, como uma sucessão de fragmentos exatamente idênticos, sendo essa perspectiva espacial

do tempo que nos permite contá-lo e dividi-lo em segundos, minutos, horas, anos. No entanto, Bergson constatou que o tempo não é vivido pela consciência quantitativamente, mas qualitativamente. Não sentimos o tempo passar de forma fragmentada e sequer vivemos todos os instantes de forma equivalente. Em outras palavras, o tempo da consciência, da esfera psicológica, não é o mesmo tempo do relógio (cf. MONTEIRO, 2007).

É a partir dessa constatação que Bergson propõe o conceito de duração (*durée*). Segundo o filósofo, a duração é o tempo da consciência, vivido como uma sucessão ininterrupta de momentos indivisíveis entre si. Ou seja, para Bergson, sentimos o fluxo do tempo como uma multiplicidade indivisível e heterogênea, tornando-se inviável segmentá-lo ou mensurá-lo. A concepção de tempo como duração é interessante na medida em que atribui ao tempo a ideia de mobilidade e mutação contínua, presente na perspectiva da lembrança como recordação, além de aproximá-lo de uma visão mais existencial e subjetiva, uma vez que a duração está diretamente imbricada à consciência e à memória.

Nossa percepção pura, com efeito, por mais rápida que a suponhamos, ocupa uma certa espessura de duração, de sorte que nossas percepções sucessivas não são jamais momentos reais das coisas, como supusemos até aqui, mas momentos de nossa consciência. O papel teórico da consciência na percepção exterior, dizíamos nós, seria o de ligar entre si, pelo fio contínuo da memória, visões instantâneas do real. Mas, na verdade, não há jamais instantâneo para nós. Naquilo que chamamos por esse nome existe já um trabalho de nossa memória, e conseqüentemente de nossa consciência, que prolonga uns nos outros, de maneira a captá-los numa intuição relativamente simples, momentos tão numerosos quanto os de um tempo indefinidamente divisível. [...] A heterogeneidade qualitativa de nossas percepções sucessivas do universo deve-se ao fato de que cada uma dessas percepções estende-se, ela própria, sobre uma certa espessura de duração, ao fato de que a memória condensa aí uma multiplicidade enorme de estímulos que nos aparecem juntos, embora sucessivos. Bastaria dividir idealmente essa espessura indivisa de tempo, distinguir nela a multiplicidade ordenada de momentos, em uma palavra, eliminar toda a memória, para passar da percepção à matéria, do sujeito ao objeto. (BERGSON, 1999, p. 73-74)

Assim como Ricoeur, Aleida Assmann, em *Espaços da recordação* (2011), recupera duas tradições discursivas para pensar a memória: a memória como *ars* (arte) e a memória como *vis* (potência) (ASSMANN, 2011, p. 31). A palavra “arte” é usada aqui no seu antigo sentido de “técnica”, de modo que a memória como *ars* faz referência à arte da mnemotécnica romana, isto é, a técnica de estimulação da memória e de memorização. Nesta perspectiva, semelhante à memória como hábito de Ricoeur, a memória tem uma função substancialmente instrumental de armazenar e acumular informações, consistindo em um “procedimento mecânico que objetiva a identidade entre o depósito e a recuperação das informações” (ASSMANN, 2011, p. 33).

Dessa forma, não importa o conteúdo daquilo que é memorizado, seja ele uma fórmula, um dado histórico ou um poema, o que importa é que este armazenamento seja confiável e que haja uma recuperação exata das informações que foram inseridas. Tradicionalmente, essa técnica objetiva a organização e a ordenação formal do conhecimento, tendo sido bastante comum nas práticas de ensino. Além disso, na mnemotécnica, a memória conta apenas com um componente espacial, sendo a dimensão temporal irrelevante, visto que a informação memorizada, como a tabuada, por exemplo, deve ser sempre idêntica, independentemente do momento em que for requisitada. Segundo Assmann, com o advento da imprensa e mais recentemente dos computadores e da internet, dada a facilidade de pesquisar e buscar informações, a era de ouro da mnemotécnica ficou no passado, e as práticas pedagógicas já não contam mais tanto com ela.

Já a memória como *vis* ou potência vem de uma tradição psicológica, na qual a escrita erasmiana se insere, em que o que está em questão não é mais armazenar, mas recordar. Essa perspectiva é a mesma da recordação enquanto busca de Ricoeur, herdeira da *anamnēsis* aristotélica. Conforme Assmann, a recordação inviabiliza a recuperação exata da informação, estando em jogo um processo de reconstrução, certamente inexato, inconstante e dinâmico, em que a dimensão do tempo é fundamental e consiste em um agente transformador das recordações.

Enquanto o tempo interfere no processo da memória, há um deslocamento fundamental entre o que foi arquivado e sua recuperação. Se na mnemotécnica era crucial a correspondência exata entre o *input* e o *output*, na recordação é a diferença entre ambos que vem à tona. Gostaria, por isso, de opor ao *procedimento de armazenamento* o *processo de recordação*, pois, diferentemente do ato de decorar, o ato de lembrar não é deliberado: ou se recorda ou não se recorda. [...] A recordação procede basicamente de forma reconstrutiva: sempre começa do presente e avança inevitavelmente para um deslocamento, uma deformação, uma distorção, uma reavaliação e uma renovação do que foi lembrado até o momento de sua recuperação. Assim, nesse intervalo de latência, a lembrança não está guardada em um repositório seguro, e sim sujeita a um processo de transformação. (ASSMANN, 2011, p. 33, destaques da autora)

Assim, na esteira de Bergson, a memória não consta aqui como um recipiente protetor, como um invólucro que garantirá que aquilo que está contido saia intacto, mas, ao contrário, como uma força imanente, com uma energia e leis próprias, e que prevê transformações e mudanças. Segundo Assmann, essa energia pode dificultar a recuperação da informação, como no caso do esquecimento, ou bloqueá-la, como no caso da repressão (cf. *ibid.*, p. 34). Na compreensão da memória como *vis*, a recordação está indissociavelmente intrincada ao esquecimento, sendo, na verdade, um possibilitador do outro.

Esse vínculo inevitável entre lembrança e esquecimento foi muito bem explorado por Marcel Proust em *Em busca do tempo perdido* (1913-1927). De acordo com Gagnebin (2006), a obra proustiana não deve ser reduzida a um romance “impressionista”, em que estariam enumeradas e descritas sensações e lembranças felizes que pegam o herói de surpresa. Para a autora, a *Busca* é acima de tudo uma luta contra o tempo e contra a morte através da escrita, “luta que só é possível se morte e tempo forem reconhecidos, e ditos, em toda a sua força de esquecimento, em todo o seu poder de aniquilamento que ameaça o próprio empreendimento do lembrar e do escrever” (GAGNEBIN, 2006, p. 146).

Proust opõe a miséria do esforço consciente e voluntário de lembrar o passado à felicidade da memória involuntária, ilustrada pelo episódio da *madeleine*, de modo que a força da resistência e do poder da morte colocam em xeque o sujeito soberano da consciência clara e voluntária. Nesse sentido, também entra em jogo o papel do acaso, que, para Proust, é:

[...] aquilo que não depende de nossa vontade ou de nossa inteligência, algo que surge e se impõe a nós e nos obriga, nos força a parar, a dar um tempo, a pensar — como faz o gosto da “madeleine”. Ao mesmo tempo, ele só pode ser percebido se há como um treino, um exercício, uma ascese da disponibilidade, uma “seleção”, umas “provas” que tornam o espírito mais flexível, mais apto a acolhê-lo, esse imprevisto, essa ocasião — *kairos!* — que, geralmente, não percebemos, jogamos fora, rechaçamos e recalamos. Segundo Deleuze, via Proust, este acaso é, paradoxalmente, a única fonte de nossos conhecimentos necessários e verdadeiros: necessários não no sentido clássico de uma coerência por nós estabelecida, mas no sentido de que não podemos escapar a eles. [...] O risco maior consiste, segundo Proust, na nossa propensão a passar ao lado dessa “vida verdadeira”, que jazia escondida no signo casual e ocasional, por inatenção, por preguiça, por covardia [...] e aí, sim, o perigo de sermos surpreendidos pelo acaso maior, a morte, antes de termos sequer suspeitado dessa outra vida, dessas outras vidas. (*ibid.*, 2006, 153-154)

Assim, para Gagnebin, a *Busca* consiste em uma elaboração lenta, às vezes alegre, às vezes angustiante, de um confronto com a perda, com o esquecimento, com o tempo e com a morte (cf. *ibid.*, p. 161).

Walter Benjamin também teve um papel bastante relevante nos estudos da memória, ao colocá-la em relação com a história, a narrativa e a experiência. Assim, recuperaremos algumas de suas ideias, que muito se aproximam da proposta de *Les Années*. Interessa-nos sobretudo a descrição que o filósofo faz do declínio progressivo da experiência, paralelamente à sua paulatina substituição pela vivência, sendo esse processo resultado, em grande parte, da aceleração imposta pelo capitalismo e pelo desenvolvimento da tecnologia.

Benjamin entende a experiência (*Erfahrung*) como a transmissão de conhecimentos de uma geração a outra que ocorre por meio das narrativas orais nas sociedades ditas tradicionais. A experiência, nesse sentido, é comunicada pelos mais velhos aos mais jovens, por meio de

provérbios, contos e histórias. No ensaio *O narrador* (1936), o autor defende que a arte de narrar, ou seja, a arte da experiência, estaria em vias de extinção e que com ela se extinguiria também essa capacidade de transmissão coletiva do saber e da experiência (cf. BENJAMIN, 2012, p. 213). O autor constata que é “como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (*ibid.*).

O depauperamento da arte de contar parte, portanto, do declínio de uma tradição e de uma memória comuns, que garantiam a existência de uma experiência coletiva, ligada a um trabalho e a um tempo partilhados, em um mesmo universo de prática e de linguagem. (GAGNEBIN, 2012, p. 11).

Em *Experiência e pobreza* (1933), Benjamin já havia abordado a ideia de declínio da experiência e proposto que a derrocada dessa experiência rica da tradição daria lugar à experiência pobre da modernidade, chamada posteriormente de vivência (*Erlebnis*). Todavia, é à Primeira Grande Guerra que o filósofo atribui o golpe derradeiro da transmissão oral. Isso porque, segundo Benjamin, os soldados da Primeira Guerra voltaram mudos para casa, impossibilitados de contar o que viveram nas trincheiras, visto que, de um lado, não há narrativa que dê conta do horror, e, de outro, não havia quem quisesse escutar as atrocidades vivenciadas.

Os traumas da guerra, acompanhados da sensação de aceleração, intensificação e contração do tempo na modernidade, da mudança total das paisagens do pós-guerra, dificultando o reconhecimento dos lugares de memória, e das grandes transformações técnicas, que foram eliminando o fazer artesão único e instituindo as grandes produções em série, teriam em conjunto contribuído para eliminar a transmissão e aniquilar a experiência.

Não, está claro que as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história universal. [...] Na época, já se podia notar que os combatentes voltavam silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. [...] Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmentidas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de torrentes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano. (BENJAMIN, 2012, p. 124)

Benjamin coloca que “essa pobreza não é apenas pobreza em experiências privadas, mas em experiências da humanidade em geral” (*ibid.*, p. 124-125), abrindo espaço para o que chama de uma nova barbárie.

Conforme ressalta João Gabriel da Silva, a vivência benjaminiana, diferentemente da experiência benjaminiana, coletiva por natureza, é “fragmentária, contingente e limitada à existência de um homem” (SILVA, 2015, p. 74). Assim, a temporalidade linear, contínua e extensiva da *Erfahrung* dá lugar à temporalidade imediata, quebrada e descontínua da *Erlebnis*, fazendo com que a experiência moderna seja caracterizada sobretudo pela impossibilidade de transmitir um conhecimento que atravesse gerações: rompe-se o laço entre os indivíduos, rompe-se a transmissão do passado coletivo e restam as singularidades. De fato, ao falar da origem da palavra *Erlebnis*, Silva explica que o verbo *erleben* (vivenciar) tem o sentido de “ainda estar vivo quando algo acontece”: “Deste modo, está implícito no próprio verbo o caráter testemunhal, a presença de alguém em algum acontecimento. O vivenciar [...] é imediato, experimentado pelo indivíduo de modo direto; não inclui o que se ouviu dizer, mas unicamente o que se teve vivência própria” (*ibid.*, p. 76).

Ainda em *O narrador*, Benjamin compara a narrativa com o romance, relacionando a primeira à experiência e o segundo, à queda desta (cf. BENJAMIN, 2012, p. 217). Para o autor, a narrativa se dá oralmente e tem um senso prático importante, pois visa aconselhar aqueles que a escutam. O final da narrativa é mantido em aberto, fazendo com que seja possível atribuir a ela diversas “morais da história” e interpretações, o que a torna tão poderosa. Além disso, o narrador é compreendido como figura de autoridade e como fonte de sabedoria na medida em que conta sua própria experiência ou as que lhe foram relatadas por outros e as incorpora à experiência de seus ouvintes. Desse modo, a coletividade é um fator inerente à narrativa.

O romance, por sua vez, independe da oralidade e, por estar vinculado ao livro físico, só pôde ser difundido com a invenção da imprensa. Benjamin identifica que tanto o escritor quanto o leitor do romance são indivíduos isolados e solitários, e que, diferentemente da narrativa, que tem a função de dar um conselho, o romance busca responder qual é o sentido da vida — o que só se revela com a morte dos personagens.

Ou seja, o romance não é significativo por descrever pedagogicamente um destino alheio, mas porque esse destino alheio, graças à chama que o consome, pode nos fornecer o calor que não podemos encontrar em nosso próprio destino. O que atrai o leitor ao romance é a esperança de aquecer sua vida gelada com a morte descrita no livro. (*ibid.*, p. 231)

Dessa forma, para Benjamin, com a própria ascensão do romance, que coloca os indivíduos isolados na busca pelo sentido da própria vida, observa-se a queda da capacidade de se intercambiar experiências coletiva e transgeracionalmente.

Benjamin também atribui à informação jornalística — que emerge com a consolidação da burguesia e que depende, assim como o romance, da imprensa — grande responsabilidade pela extinção do lado épico da verdade, transmitido pela narrativa: “Ela é tão estranha à narrativa como o romance, mas é mais ameaçadora que ele, e, de resto, provoca uma crise no próprio romance. Essa nova forma de comunicação é a informação.” (*ibid.*, p. 218). Ao contrário da narrativa, a informação depende de uma verificabilidade imediata e precisa ser plausível.

Nisso ela se revela incompatível com o espírito da narrativa. [...] A cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em experiências surpreendentes. A razão para tal é que todos os fatos já nos chegam impregnados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece é favorável à narrativa, e quase tudo beneficia a informação. Metade da arte narrativa está em, ao comunicar uma história, evitar explicações. [...] O extraordinário, o miraculoso é narrado com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que falta à informação. (*ibid.*, p. 219)

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se esgota jamais. Ela conserva suas forças e depois de muito ainda é capaz de desdobramentos. (*ibid.*, p. 220)

Estaria assim implícita a ideia de que uma reconstrução da *Erfahrung* deveria ser acompanhada de uma nova forma de narratividade que desse conta não mais da experiência, mas da vivência própria à modernidade, e que pudesse representar seu caráter fragmentário limitado. Benjamin identificou em Proust, Baudelaire e Kafka representações, de diferentes formas, da ruína da experiência, da desagregação da tradição e da vivência do homem moderno (GAGNEBIN, 2012). Nossa hipótese ao longo deste trabalho é que *Les années* também tratará, à sua maneira, desse processo de transição da experiência para a vivência, descrito por Benjamin.

Para Godard (2019), a visão de Benjamin sobre a entrada na modernidade, bem como a crise da experiência, é carregada de nostalgia. A autora também critica a ideia segundo a qual a qualidade da narrativa, para Benjamin, estaria profundamente ligada à qualidade de vida, visto que essa se degradaria junto com a derrocada da experiência.

Benjamin's definition of storytelling, and his associated reliance upon Proust, is problematic because of its underlying tone of nostalgia. Benjamin's rhetoric suggests that long ago, when times were simpler, life was better for everyone [...] Because of the interrelationship between story and experience, for Benjamin it would also seem that the quality of narrative is deeply connected to the quality of life itself. (GODARD, 2019, p. 11)

Outros autores, todavia, como Gagnebin (2012), Silva (2015) e Pestre (2018), discordam desse ponto de vista e não acreditam que o texto de Benjamin tenha um tom nostálgico ou que seus ensaios se resumam a isso. Os autores compreendem que o filósofo constata uma mudança da realidade e da narrativa, sem tecer juízo de valor sobre essas transformações. Fazemos essa observação porque Ernaux também tratará desse processo desprovida de um olhar nostálgico.

Este aspecto “construtivista”, essencial nas “teses” [...], deve ser destacado, para evitar que a teoria benjaminiana sobre a experiência seja reduzida à sua dimensão nostálgica e romântica, dimensão essa presente, sem dúvida, no grande ensaio sobre “O narrador”, mas não de maneira exclusiva. (GAGNEBIN, 2012, p. 10)

Há, sem dúvida, um tom melancólico nesse ensaio. Não obstante, é um erro supor que Benjamin seja pessimista ou nostálgico quanto ao futuro da narração. Não há uma só linha em *O narrador* na qual se encontre uma convocação para reerguer a velha experiência ou que maldiga a condição moderna. (SILVA, 2015, p. 74)

Même si un regret certain apparaît chez Benjamin quant à la disparition de cette figure du conteur, cette révélation n’est pas embuée de nostalgie, la modernité étant incompressible et désormais à saisir. (PESTRE, 2018, p. 23)

O historiador francês Pierre Nora, de modo muito semelhante ao de Benjamin, defende que o estabelecimento da historiografia é consequência do desaparecimento da memória: “Fala-se tanto da memória porque ela não existe mais” (NORA, 1984, p. 7). Para o autor, a crise da memória também se deve ao crescimento industrial, à globalização, à massificação, à mediatização e aos processos de descolonização:

Aceleração: o que o fenômeno acaba de nos revelar bruscamente, é toda a distância entre a memória verdadeira, social, intocada, aquela cujas sociedades ditas primitivas, ou arcaicas, representaram o modelo e guardaram consigo o segredo — e a história que é o que nossas sociedades condenadas ao esquecimento fazem do passado, porque levadas pela mudança. Entre uma memória integrada, ditatorial e inconsciente de si mesma, organizadora e toda-poderosa, espontaneamente atualizadora, uma memória sem passado que reconduz eternamente a herança, conduzindo o antigamente dos ancestrais ao tempo indiferenciado dos heróis, das origens e do mito — e a nossa, que só é história, vestígio e trilha. (*ibid.*, p. 8)

Nora defende assim que a necessidade de memória, que foi se tornando cada vez mais evidente desde o final do século XIX e sobretudo ao longo do século XX, é, na verdade, uma necessidade da história. E é apenas porque não existem mais meios de memória que surgem os lugares de memória, com o objetivo de fazer lembrar aquilo que por si só não é mais lembrado ou celebrado.



Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história. Cada gesto, até o mais cotidiano, seria vivido como uma repetição religiosa daquilo que sempre se fez, numa identificação carnal do ato e do sentido. Desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história. (*ibid.*, p. 8-9)

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. [...] Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. (*ibid.*, p. 13)

Nora afirma que memória e história não só não são sinônimos, como tudo indica que são opostos (cf. *ibid.*, p. 9). Memória é vida, um fenômeno sempre atual, em permanente evolução e aberto à dialética da recordação e do esquecimento. História, por sua vez, é uma representação do passado, uma reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. Além disso, Nora pontua que a história é uma operação intelectual laicizante que liberta a memória do âmbito do sagrado, tornando-a prosaica. Essa passagem de uma história totêmica para uma história crítica resulta, segundo o autor, em uma psicologização da memória, de modo que a memória deixa de ser social, coletiva, globalizante e passa a ser psicológica, individual e subjetiva (cf. *ibid.*, p. 14).

É que esta memória nos vem do exterior e nós a interiorizamos como uma obrigação individual, pois que ela não é uma prática social. A passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo. [...] Está dada a ordem de se lembrar, mas cabe a mim me lembrar e sou eu que me lembro. O preço da metamorfose histórica da memória foi a conversão definitiva à psicologia individual. (*ibid.*, p. 17)

Deslocamento decisivo que se transfere da memória: do histórico ao psicológico, do social ao individual, do transmissivo ao subjetivo, da repetição à rememoração. Inaugura-se um novo regime da memória, questão daqui por diante privada. A psicologização integral da memória contemporânea levou a uma economia singularmente nova da identidade do eu, dos mecanismos da memória e da relação com o passado [...]. Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória. (*ibid.*, p. 18)

Assim, Pierre Nora entende que a memória deixa de fazer parte do âmbito coletivo, ficando a cargo do indivíduo. O autor sublinha também que não é à toa que o foco dos trabalhos de Bergson, Freud e Proust na memória coincidem com o que ele chama de “abalos decisivos dos equilíbrios tradicionais”, dando ênfase ao desabamento do mundo rural (cf. *ibid.*, p. 17-

18). Como Benjamin, Nora confere à mídia parte da responsabilidade pelo desinteresse em relação à herança e pelo crescente interesse em relação ao caráter efêmero da atualidade (cf. *ibid.*, p. 8).

Como veremos, Ernaux costura, na escrita de *Les Années*, a memória pessoal à memória coletiva. Assim, mais uma vez recorremos a Paul Ricoeur, que, ainda em *A memória, a história, o esquecimento* (2007), discorre sobre a relação entre os âmbitos pessoal e coletivo da memória. O autor, após escrever sobre o *que* é lembrado ao longo de sua proposta de uma fenomenologia da memória, coloca-se a pensar sobre *quem* recorda, uma questão que não tinha sido colocada pelos Antigos. Desse modo, Ricoeur localiza duas tradições, que surgiram muito tempo depois dos questionamentos de Aristóteles e Platão e que se opõem: uma mais antiga de reflexividade, que se debruça sobre a memória individual, e uma mais recente de objetividade, que se ocupa da memória coletiva. Segundo Ricoeur, essas correntes opostas decorrem de dois movimentos: “Por um lado, temos a emergência de uma problemática de feição francamente egológica; por outro, a irrupção da sociologia no campo das ciências sociais e, com ela, de um conceito inédito de consciência coletiva” (RICOEUR, 2007, p. 106).

Não nos estenderemos muito sobre o histórico dessas duas tradições, mas sublinhamos que na primeira, à qual Ricoeur se refere como escola do olhar interior e que critica por beirar o solipsismo (cf. *ibid.*, p. 106), inserem-se Santo Agostinho, John Locke e Edmund Husserl. Conforme Ricoeur, Santo Agostinho foi o primeiro a observar que, ao se lembrar de algo, alguém se lembra de si (cf. *ibid.*, p. 107); Locke foi o criador da tríade identidade-consciência-si, instaurando o próprio conceito de *consciência* e a ideia de que a identidade pessoal é uma identidade temporal (cf. *ibid.*, p. 113-115); e, por fim, foi Husserl quem vinculou as problemáticas da identidade, da memória e do tempo (cf. *ibid.*, p. 119).

Três traços costumam ser ressaltados em favor do caráter essencialmente privado da memória. Primeiro, a memória parece de fato ser radicalmente singular: minhas lembranças não são as suas. Não se pode transferir as lembranças de um para a memória do outro. Enquanto minha, a memória é um modelo de minhadade, de posseção privada, para todas as experiências vivenciadas pelo sujeito. Em seguida, o vínculo original da consciência com o passado parece residir na memória. [...] a memória é do passado, e esse passado é o de minhas impressões; nesse sentido, esse passado é o meu passado. [...] Finalmente, em terceiro lugar, é à memória que está vinculado o sentido de orientação na passagem do tempo, orientação em mão dupla, do passado para o futuro, de trás para a frente, por assim dizer, segundo a flecha do tempo da mudança, mas também do futuro para o passado, segundo o movimento intenso de trânsito da expectativa à lembrança, através do presente vivo. (RICOEUR, 2007, p. 107-108)

Na segunda tradição, voltada para a memória coletiva, Ricoeur aponta o sociólogo Maurice Halbwachs como o primeiro a atribuir a memória a uma entidade coletiva, como um grupo ou uma sociedade. Até então domínio da psicologia e da filosofia, foi Halbwachs quem inaugurou o campo de estudos da memória nas ciências sociais. O sociólogo constata que, para se lembrar, precisa-se dos outros: “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2006, p. 30). Conforme Ricoeur, Maurice Halbwachs inova justamente ao desvincular a memória coletiva do trabalho de memória pessoal, de modo que o âmbito social se torna uma dimensão inerente ao trabalho de recordação (cf. RICOEUR, 2007, p. 130).

Por fim, para Ricoeur, nenhuma das duas abordagens, nem a fenomenologia da memória, nem a sociologia da memória, dão conta da aparente tese adversa em que se observa uma “coesão dos estados de consciência do eu individual, de um lado; [e a] capacidade das entidades coletivas de conservar e recordar as lembranças comuns, de outro” (*ibid.*, p. 134). Assim, o autor, ao buscar os recursos de complementaridade entre essas duas abordagens antagonistas, propõe não dois, mas três sujeitos de atribuição da lembrança: o eu, os coletivos e os próximos. Nessa hipótese, haveria um plano intermediário entre os dois polos da memória individual e da memória coletiva: o plano da relação com os próximos.

Dentre os próximos constam, por exemplo, amigos e familiares, isto é, relações de contemporaneidade, marcadas pelo fenômeno de “envelhecer junto”. Trata-se de relações que põem em sinergia duas durações em desdobramento e repousam em uma mesma comunidade de tempo e espaço: “os próximos estão a meio caminho entre o si e o se (apassivador) para o qual derivam as relações de contemporaneidade” (*ibid.*, p. 140-141). Ricoeur entende que os próximos não são apenas outros, mas outrem privilegiados, que podem acompanhar os dois acontecimentos que limitam a vida humana: o nascimento e a morte. Assim, essa tríplice atribuição da memória — a si, aos próximos e aos outros — permite criar um meio-termo interessante entre as duas tradições de um olhar interior e um olhar exterior sobre a memória.

Após termos realizado esse panorama dos estudos da memória, compreendendo de que forma os fenômenos mnemônicos foram abordados ao longo da história em seus aspectos fenomenológico, individual e coletivo, veremos a quais dessas tradições a obra de Annie Ernaux se vincula e de que forma a autora inova, coloca em questão e transgredir algumas dessas propostas.

## 2 ANNIE ERNAUX E O PROJETO DE ESCREVER A VIDA

Annie Ernaux nasceu em 1940, na cidade francesa de Lillebonne, e cresceu no interior da Normandia, em Yvetot, em uma família de operários e pequenos comerciantes. Ernaux teve uma história diferente da de seus pais, pois conseguiu, através dos estudos e do casamento, ascender socialmente e adentrar a burguesia intelectual. Expressando certa culpa por esse movimento, a autora se autodenomina uma trãnsfuga, por ter abandonado sua classe social e seu meio de origem (cf. ERNAUX; JEANNET, 2017, p. 60). Incentivada pela família, teve a oportunidade de completar o ensino básico e de se mudar inicialmente para Rouen e depois para Bordeaux, cidades maiores que as de sua infância, para cursar a faculdade e o mestrado em Letras. Mais tarde, tornou-se professora de Letras Modernas e uma aclamada escritora, constando hoje como um dos grandes nomes da literatura contemporânea francesa. Já foi agraciada com mais de cinco prêmios literários, dentre eles o Prix Renaudot, em 1984, e o Prix de la langue française, em 2008, por *Les Années*. Seu último livro, *Mémoire de fille*, foi lançado em 2016. Hoje mora em Cergy, na França.

Atualmente com oitenta anos, Annie Ernaux é uma escritora conhecida por sua escrita autobiográfica, tendo publicado mais de vinte livros, classificados em sua maioria como romances ou narrativas autobiográficas, em que aborda experiências importantes de sua vida. Ernaux já escreveu sobre seus pais e o salto de classe social em relação à família de origem (*La place, La honte, Une femme*), sua juventude (*Ce qu'ils disent ou rien*), seu casamento (*La femme gelée*), sua vida sexual (*Mémoire de fille*), a doença de Alzheimer e a morte da mãe (*Je ne suis pas sortie de ma nuit*), um aborto clandestino que realizou na juventude (*L'événement*), sua vivência do câncer de mama (*L'usage de la photo*), entre outros temas.

Em *L'écriture comme un couteau*, longa entrevista realizada por Frédéric-Yves Jeannet com a autora para tratar da escrita ernausiana, Ernaux fala sobre alguns *modes d'écriture* que atravessam sua obra (*ibid.*, p. 22-23). Inicialmente, a escritora começou escrevendo ficção, em livros como *Les armoires vides* (1974), *Ce qu'ils disent ou rien* (1977) e *La femme gelée* (1981), embora já estivessem presentes nessas obras aspectos autobiográficos. Em um segundo momento, passou a se dedicar à narrativa autobiográfica, mas afirma que esse termo não lhe agrada muito, por passar uma impressão limitada, simplificada e redutora do processo de construção da narrativa, em que “bastaria” o escritor falar de si. Por isso, segundo Ernaux, não se trata apenas de uma escrita autobiográfica, mas de uma narrativa auto-sócio-biográfica, sobre a qual nos debruçaremos ao longo deste capítulo, presente em livros como *La place* (1983), *Une femme* (1988), *La honte* (1997) e *L'événement* (2000). Comenta que escreveu

também análises de forma impessoal de paixões pessoais, como em *Passion simple* (1992) e *L'occupation* (2002). Neste mesmo trecho da entrevista, Ernaux também fala sobre a escrita de diários, presente desde cedo em sua vida, mas que difere de seus livros publicados, visto que os diários são um exercício de escrita para si mesma e que não são escritos com o objetivo de serem publicados.

Desde os anos 1980, com *La Place*, Ernaux se opõe declaradamente à ficcionalização da vida e assume uma posição de recusa de toda e qualquer ficção em sua escrita (cf. *ibid.*, p. 85), rejeitando igualmente o termo autoficção para sua obra<sup>1</sup>. De fato, se retomarmos a definição de autobiografia proposta por Lejeune, segundo a qual autobiografia é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2014, p. 16), a maior parte dos textos de Ernaux pode ser enquadrada neste gênero. Além disso, a maioria dos livros da autora preenche os quatro critérios estipulados por Lejeune para que se trate de uma autobiografia: são narrativas em prosa em primeira pessoa, em que são abordadas a vida individual e a história de uma personalidade, em que o autor (cujo nome remete a uma pessoa real), o narrador e o personagem principal coincidem e em que existe uma perspectiva retrospectiva da narrativa (cf. *ibid.*, p. 16-17).

Contudo, apesar de situar alguns *modes d'écriture* predominantes em sua obra, ao falar de sua escrita, Annie Ernaux evita enquadrar seus livros em gêneros literários específicos e prefere escapar, quando questionada, das perguntas relacionadas à categorização de sua obra: “La question des formes (je préfère cela au ‘genre’, qui est une méthode de classification à laquelle je souhaite échapper) est centrale pour moi mais inséparable de la matière”<sup>2</sup> (ERNAUX; JEANNET, 2017, p. 52-53). Jeannet afirma, nesse sentido, que a autora transcendeu o romance, a autoficção e o gênero autobiográfico tradicional (cf. *ibid.*).

Para Ernaux, a escrita consiste em uma busca, que nos remete à *recherche* proustiana, do real e da verdade (cf. *ibid.*, p. 74), sendo a recordação — tomada no sentido da *anamnēsis* aristotélica, da recordação enquanto busca para Ricoeur ou ainda da memória como *vis* para Assmann — chave essencial e possibilitadora desse processo de reconstrução. O trabalho de recordação, para a escritora, é tomado como uma busca dinâmica empreendida no presente, da

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida ao jornal *Le Monde*. Disponível em: <[https://www.lemonde.fr/livres/article/2011/02/03/camille-laurens-et-annie-ernaux-toute-ecriture-de-verite-declenche-les-passions\\_1474360\\_3260.html](https://www.lemonde.fr/livres/article/2011/02/03/camille-laurens-et-annie-ernaux-toute-ecriture-de-verite-declenche-les-passions_1474360_3260.html)>. Acesso em: 5 out. 2020.

<sup>2</sup> “A questão das formas (prefiro falar em forma do que em ‘gênero’, que é um método de classificação do qual prefiro escapar) é central para mim, mas inseparável da matéria” (Tradução nossa).

qual o esquecimento faz parte e em que o tempo interfere como fator inevitável de transformação e mudança.

Ces dangers et ces limites, donc, sont à peu près les mêmes que l'on rencontre dans tout discours rétrospectif sur soi. Vouloir éclaircir, enchaîner ce qui était obscur, informe, au moment même où j'écrivais, c'est me condamner à ne pas rendre compte des glissements et des recouvrements de pensées, de désirs, qui ont abouti à un texte, à négliger l'action de la vie, du présent, sur l'élaboration de ce texte.<sup>3</sup> (*ibid.*, p. 18)

A busca empreendida por meio do esforço de recordação é expressa frequentemente, em Ernaux, pelo desejo de reviver o passado, sentir novamente o que sentia ou sentiu em dada ocasião, ser tomada por sensações de outrora e reencontrar, em evidente alusão a Proust, o tempo perdido. Podemos perceber esse movimento em trechos como “Ce que je désire est impossible, c'est revivre les choses”<sup>4</sup> (ERNAUX, 2011, p. 54), “pour vivre vraiment les choses, j'ai besoin de les revivre”<sup>5</sup> (ERNAUX; JEANNET, 2017, p. 20), “Vouloir à toute force *rentrer* dans l'être que j'étais”<sup>6</sup> (ERNAUX, 2011, p. 58, destaque da autora), “On ne saisit le passé qu'en le revivant, qu'en le répétant”<sup>7</sup> (*ibid.*, p. 18), “Ce désir [...] d'atteindre la fille d'autrefois”<sup>8</sup> (*ibid.*, p. 58), “une promenade de reviviscence, de recherche du temps perdu”<sup>9</sup> (*ibid.*, p. 52) ou ainda “c'est le temps retrouvé, la vraie vie”<sup>10</sup> (*ibid.*, p. 57).

Para Ernaux, a memória é dotada de materialidade, de modo que relembrar é buscar reencontrar o que foi precisamente visto, ouvido, falado, presenciado, vivido. Nesse sentido, a escrita das lembranças depende de que se possa rever e rescutar o vivenciado, e é a partir das sensações evocadas pelo esforço da recordação que Ernaux escreve: “J'insiste sur le fait qu'il y a toujours un détail qui 'crispe' le souvenir, qui provoque cet arrêt sur image, la sensation et tout ce qu'elle déclenche”<sup>11</sup> (ERNAUX; JEANNET, 2017, p. 40-41). Para a escritora, a sensação é critério de verdade e prova da realidade.

---

<sup>3</sup> “Esses perigos e limites são praticamente os mesmos que encontramos em qualquer discurso retrospectivo sobre si. Querer esclarecer, dar ordem ao que estava obscuro e sem forma no momento da escrita é me condenar a não dar conta dos deslizos e sobreposições de pensamentos, de desejos que resultaram em um texto, a negligenciar a ação da vida, do presente sobre a elaboração desse texto.” (Tradução nossa)

<sup>4</sup> “O que desejo é impossível: é reviver as coisas.” (Tradução nossa)

<sup>5</sup> “para viver verdadeiramente as coisas, preciso revivê-las.” (Tradução nossa)

<sup>6</sup> “Querer de qualquer jeito retornar ao ser que eu era.” (Tradução nossa)

<sup>7</sup> “Só se alcança o passado revivendo-o, repetindo-o.” (Tradução nossa)

<sup>8</sup> “Esse desejo [...] de alcançar a menina de outrora.” (Tradução nossa)

<sup>9</sup> “um passeio de revivescência, de busca do tempo perdido.” (Tradução nossa)

<sup>10</sup> “é o tempo reencontrado, a verdadeira vida.” (Tradução nossa)

<sup>11</sup> “Insisto no fato de que há sempre um detalhe que crispa a lembrança, que provoca esse congelamento da imagem, a sensação e tudo o que ela desencadeia.” (Tradução nossa)

J'ai écrit que "la mémoire est matérielle", peut-être ne l'est-elle pas pour tout le monde, pour moi, elle l'est à l'extrême, ramenant des choses vues, entendues (rôle des phrases, souvent isolées, fulgurantes), des gestes, des scènes, avec la plus grande précision. Ces "épiphanies" constantes sont le matériau de mes livres, les "preuves" aussi de la réalité. Je ne peux pas écrire sans "voir", ni "entendre", mais pour moi c'est "revoir" et "réentendre". Il n'est pas question de prendre telles quelles les images, les paroles, de les décrire ou de les citer. Je dois les "halluciner", les rabâcher [...] et ensuite je tâche de "produire" — non de dire — la sensation dont la scène, le détail, la phrase sont porteurs pour moi, par le récit ou la description de la scène, le détail. Il me faut la sensation (ou le souvenir de la sensation), il me faut ce moment où la sensation arrive, dépourvue de tout, nue. Seulement après, trouver les mots. Cela veut dire que la sensation est critère d'écriture, critère de vérité.<sup>12</sup> (*ibid.*, p. 40)

Ernaux também fala de uma necessidade compulsiva de marcar o tempo que escapa, de fixá-lo, de se fazer história em todos os sentidos do termo (*ibid.*, p. 116). Assim como na leitura de Proust feita por Gagnebin (2006), a escrita ernausiana das memórias parece ter relação com a luta contra o esquecimento e a morte — não apenas sua, como também daquilo que testemunhou, daqueles com quem conviveu (os próximos, para Ricoeur), da sociedade em que viveu: "Sauver de l'effacement des êtres et des choses dont j'ai été l'actrice, le siège ou le témoin, dans une société et un temps donnés, oui, je sens que c'est là ma grande motivation d'écrire. C'est par là une façon de sauver aussi ma propre existence"<sup>13</sup> (*ibid.*, p. 114).

É importante observar que as canções e as fotografias têm um espaço privilegiado nos livros de Ernaux. As canções funcionam, em sua obra, como uma *madeleine* pessoal, ao evocar sensações e lembranças de momentos da vida marcados pela canção em questão, a partir das quais será construída a escrita, mas também como uma *madeleine* coletiva, por consistirem em uma produção que marca coletivamente épocas e contextos históricos, sociais e culturais (cf. ERNAUX; JEANNET, 2017, p. 41). Com efeito, uma canção que faz sucesso em dado período não é lembrada apenas no plano individual, como também no plano coletivo. Existe desde já, no tratamento dado às canções, um posicionamento que remete à visão de memória coletiva para Halbwachs, no sentido de que é impossível desvincular a memória individual da coletiva.

---

<sup>12</sup> "Escrevi que 'a memória é material'. Talvez ela não o seja para todo mundo, mas, para mim, ela o é ao extremo, evocando coisas vistas, ouvidas (papel das frases, frequentemente isoladas, fulgurantes), gestos, cenas, com enorme precisão. Essas 'epifanias' constantes são o material dos meus livros, as 'provas' também da realidade. Não posso escrever sem 'ver' ou 'escutar', mas para mim trata-se de 'rever' e 'reescutar'. O que está em jogo não é tomar as imagens e as falas e descrevê-las ou citá-las tal qual elas ressurgem. Devo 'aluciná-las', repeti-las [...] e então procuro 'produzir' — e não dizer — a sensação que a cena, o detalhe, a frase me trazem, pela narrativa ou pela descrição da cena, do detalhe. É da sensação (ou da lembrança da sensação), desse momento em que a sensação chega, desprovida de tudo, nua, que preciso. Somente depois trato de encontrar as palavras. Isso significa que a sensação é critério de escrita, critério de verdade." (Tradução nossa)

<sup>13</sup> "Salvar do apagamento seres e coisas dos quais fui atriz, sede ou testemunho, em uma determinada sociedade e em um determinado tempo, sim, sinto que está aí minha grande motivação para escrever. Esta também é uma forma de salvar minha própria existência." (Tradução nossa)

As fotos, por sua vez, estão relacionadas à materialidade da memória — “la réalité matérielle, irréfutable des photos, dont la succession “fait histoire”, dessine une trajectoire sociale”<sup>14</sup> (ERNAUX, 2011, p. 8) —, servindo como suporte para evocar lembranças. A fotografia funciona, assim, como um suporte, como um meio, como observa Aleida Assmann em *Espaços da recordação* (2011) em relação à imagem, mas não é o mecanismo de recordação em si. Desse modo, a escritora recorre à fotografia como um meio para chegar à lembrança, como uma forma de estimular e ancorar as recordações. Além disso, a relevância das fotografias em Ernaux também nos parece estar associada à ideia de rastro vinculada às fotos, sendo o rastro aquilo que perdura do passado e atravessa o tempo: “Les photos, elles, me fascinent, elles sont tellement le temps à l’état pur”<sup>15</sup> (ERNAUX; JEANNET, 2017, p. 41). Na maior parte dos livros, as fotos são apenas mencionadas e descritas; em *Écrire la vie e L’usage de la photo*, no entanto, elas são apresentadas ao leitor. Em *Les années*, as fotografias — nesta ocasião apenas mencionadas e descritas — terão, como veremos, um papel central na narrativa, ao enquadrarem lembranças, épocas e contextos da vida pessoal da autora e, dessa forma, abrirem espaço para o tempo e a memória coletivos.

Colocando as canções e as fotografias lado a lado, podemos observar que ambas, na escrita ernausiana, se encontram no atravessamento da memória coletiva com a memória pessoal, como se fosse impossível desvincular uma da outra. As canções funcionam como uma música de fundo para a história de gerações e de grupos sociais, mas também podem, certamente, ser evocadas por indivíduos e servirem como apoio para lembranças pessoais. No mesmo sentido, as fotos tiradas no seio da família servem de suporte para as lembranças pessoais, mas também denunciam, sem dúvida, aspectos coletivos e geracionais, que podem se revelar por meio das roupas usadas na época, dos cortes de cabelo, das poses, dos locais, do próprio estado da foto (papel em que foi impressa, cores e qualidade da imagem), dentre diversos outros aspectos que não se restringem à individualidade. Deste modo, parece-nos claro que o uso feito por Ernaux das canções e das fotografias se dê tanto no sentido da memória coletiva quanto no da memória pessoal.

Assim, começa a se delinear o projeto de escrita ernausiana e a ficar claro que sua obra não pode ser lida apenas como uma obra autobiográfica centrada no eu, visto que a articulação entre os âmbitos individual e coletivo se encontra sempre tensionada. Retomando Ricoeur

---

<sup>14</sup> “a realidade material, irrefutável das fotos, cuja sucessão ‘faz história’, desenha uma trajetória social.” (Tradução nossa)

<sup>15</sup> “As fotos me fascinam, elas são o tempo em estado puro.” (Tradução nossa)



(2007), há um jogo entre a reflexividade e a mundanidade da memória evidente em Ernaux: o indivíduo não está descolado do espaço, do mundo, da cultura, de seu tempo, dos outros.

L'intime est encore et toujours du social, parce qu'un *moi* pur, où les autres, les lois, l'histoire ne seraient pas présents est inconcevable. Quand j'écris, tout est chose, matière devant moi, extériorité, que ce soit mes sentiments, mon corps, mes pensées ou le comportement des gens dans le RER.<sup>16</sup> (*ibid.*, p. 139, destaque da autora)

De fato, a escritora se interessa justamente pelo entrecruzamento da literatura com a sociologia e a história: “Écrire quelque chose ‘entre la littérature, la sociologie et l’histoire’ [...] reste toujours l’essentiel de ma visée”<sup>17</sup> (*ibid.*, p. 54).

O interesse de Ernaux em conciliar essas três áreas, assim como o âmbito privado com o coletivo, se constrói no mínimo desde os anos 1980, com a narrativa auto-sócio-biográfica, e, como veremos, culminará em *Les années* (2008), com a autobiografia impessoal. Sobre esse *mode d’écriture*, em que a autora já recusa totalmente a ficção, Ernaux fala que “d’une manière générale, les textes de cette seconde période sont avant tout des ‘explorations’, où il s’agit moins de dire le ‘moi’ ou de le ‘retrouver’ que de le perdre dans une réalité plus vaste, une culture, une condition, une douleur, etc.”<sup>18</sup> (*ibid.*, p. 23). Isto é, a vida pessoal não consiste apenas em uma visão desencarnada do contexto social: o pessoal é o social, em uma imbricação indissociável.

Annie Ernaux se serve, assim, declaradamente de sua subjetividade para desvendar mecanismos e fenômenos coletivos:

Je n’ai pas le désir de découvrir les zones d’ombre de ma vie, ni de me souvenir de tout ce qui m’est arrivé, et mon passé, en soi, ne m’intéresse pas spécialement. Je me considère très peu comme un être unique, au sens d’absolument singulier, mais comme une somme d’expériences, de déterminations aussi, sociales, historiques, sexuelles, de langages, et continuellement en dialogue avec le monde (passé et présent), le tout formant, oui, forcément, une subjectivité unique. Mais je me sers de ma subjectivité pour retrouver, dévoiler des mécanismes ou des phénomènes plus généraux, collectifs.<sup>19</sup> (*ibid.*, p. 43)

---

<sup>16</sup> “O íntimo não deixa de ser social, porque um eu puro, em que os outros, as leis, a história não estariam presentes é inconcebível. Quando escrevo, tudo é coisa, matéria diante de mim, exterioridade, seja meus sentimentos, meu corpo, meus pensamentos ou o comportamento das pessoas no trem RER.” (Tradução nossa)

<sup>17</sup> “Escrever algo ‘entre a literatura, a sociologia e a história’ [...] segue sendo o essencial do meu projeto.” (Tradução nossa)

<sup>18</sup> “de forma geral, os textos deste segundo período são antes de tudo ‘explorações’, em que se trata menos de dizer o ‘eu’ ou de ‘encontrá-lo’ que de perdê-lo em uma realidade mais vasta, uma cultura, uma condição, uma dor, etc.” (Tradução nossa)

<sup>19</sup> “Não tenho o desejo de descobrir as zonas de sombra da minha vida, nem de me lembrar de tudo o que me aconteceu, e meu passado, em si, não me interessa particularmente. Considero-me muito pouco como um ser

Ce qui compte, c'est l'intentionnalité d'un texte, qui n'est pas dans la recherche du moi ou de ce qui me fait écrire, mais dans une immersion dans la réalité supposant la perte du moi — laquelle, certes, est à mettre en relation avec le social, le sexuel, etc.! — et une fusion dans le “on”, le “nous”.<sup>20</sup> (*ibid.*, p. 58)

Chama a atenção a ideia de uma certa dissolução do eu no coletivo, revelando que a busca empreendida por meio do trabalho de recordação não visa exatamente, como objetivo final, à delimitação e à estruturação de um eu definido, provido de uma história coerente, mas, ao contrário, ao encontro da coletividade em que esse eu acaba por se diluir. O jogo mencionado entre o *moi* e os pronomes *on* e *nous*, como veremos, será bastante explorado em *Les années*. Ernaux também pontua que prefere falar em valor coletivo do eu autobiográfico, em vez de valor universal.

Il y a un aspect fondamental, qui a à voir énormément avec la politique, qui rend l'écriture plus ou moins “agissante”, c'est la *valeur collective* du “je” autobiographique et des choses racontées. Je préfère cette expression, valeur collective, à “valeur universelle”, car il n'y a rien d'universel. La valeur collective du “je”, du monde du texte, c'est le dépassement de la singularité de l'expérience, des limites de la conscience individuelle qui sont les nôtres dans la vie, c'est la possibilité pour le lecteur de s'approprier le texte, de se poser des questions ou de se libérer.<sup>21</sup> (*ibid.*, p. 75, destaque da autora)

Assim, observamos que a concepção ernausiana de memória está vinculada tanto à recordação enquanto busca, para Ricoeur, quanto à memória coletiva, para Halbwachs, uma vez que o trabalho de recordação não pode ser desvinculado do âmbito social, e tampouco se pode acessar a memória coletiva, em Ernaux, sem passar pelas lembranças pessoais, acessadas e reconstruídas na escrita. Além disso, o conceito de *reminiscence*, proposto por Casey e apresentado por Ricoeur (2007), em que a recordação é compreendida como um fenômeno principalmente coletivo e oral e em que várias pessoas evocam juntas o passado, também está

---

único, no sentido de absolutamente singular, mas como uma soma de experiências, de determinações também, sociais, históricas, sexuais, de linguagens, e constantemente em diálogo com o mundo (passado e presente), o todo formando, isso sim, inevitavelmente, uma subjetividade única. Mas me sirvo da minha subjetividade para encontrar, desvendar mecanismos ou fenômenos mais gerais, coletivos.” (Tradução nossa)

<sup>20</sup> “O que conta é a intencionalidade de um texto, que não está na busca do eu ou do que me faz escrever, mas em uma imersão na realidade que supõe a perda do eu — a qual, sem dúvidas, deve ser colocada em relação com o social, o sexual, etc.! — e uma fusão no ‘a gente’, no ‘nós’.” (Tradução nossa)

<sup>21</sup> “Há um aspecto fundamental, que tem totalmente a ver com a política, que torna a escrita mais ou menos ‘agente’: é o valor coletivo do ‘eu’ autobiográfico e das coisas narradas. Eu prefiro esta expressão, valor coletivo, a ‘valor universal’, pois não existe nada universal. O valor coletivo do ‘eu’, do mundo do texto, é o ultrapassamento da singularidade da experiência, dos limites da consciência individual que são os nossos na vida, é a possibilidade para o leitor de se apropriar do texto, de se colocar questões ou de se libertar.” (Tradução nossa)

presente. Como visto, o *reminiscing* pode ser interiorizado em diários ou autobiografias, o que nos parece estar bem próximo da prática da escritora.

Jérôme Meizoz (2010) identifica em Annie Ernaux uma postura etnográfica de observação do mundo, que qualifica de meticulosa e lúcida, e compara sua escrita com a prática do trabalho de campo, presente em áreas como a etnologia e a sociologia.

Nourrie des sciences sociales, la démarche littéraire d'Annie Ernaux s'inspire en partie de la pratique de l'observation de terrain. [...] Ernaux emprunte explicitement ses démarches d'écriture à des travaux sociologiques ou ethnologiques, notamment leurs outils et méthodologies: elle établit des fiches préparatoires, consignnant souvenirs et indices sociaux, recueille des témoignages, des photos, fait des observations *in situ* (supermarché, métro) [...].<sup>22</sup> (MEIZOZ, 2010, p. 113)

Tal postura remete também à noção de objetivação participante proposta por Bourdieu, que prevê a prática da reflexividade como instrumento científico nas ciências sociais: “L’objectivation participante se donne pour objet d’explorer, non ‘l’expérience vécue’ du sujet connaissant, mais les conditions sociales de possibilité (donc les effets et les limites) de cette expérience et, plus précisément, de l’acte d’objectivation”<sup>23</sup> (BOURDIEU, 2003, p. 44). Meizoz observa também na escrita ernausiana uma enunciação *transpersonnelle*, em que a autora se coloca como retratista de um mundo e de uma época, transcendendo sua subjetividade para se tornar a expressão de uma experiência coletiva (cf. MEIZOZ, 2010, p. 113).

E, ao contrário do que à primeira vista se poderia supor, ao trabalhar com suas lembranças, Ernaux se aproxima da história, da sociologia ou da etnologia, como defende Meizoz, mas procura se afastar da psicanálise, colocando-se contra uma leitura mais psicologizante de sua obra:

La psychanalyse, sans doute parce que justement mes zones d'ombre personnelles ne m'intéressent pas trop, m'a toujours été indifférente. [...] Que des lecteurs expriment leur croyance qu'écrire revienne au même qu'une psychanalyse, surtout s'il s'agit d'une écriture autobiographique, me paraît participer d'une espérance et d'un malentendu. Espérance de se libérer tout seul de ses problèmes, de son mal de vivre, et en même temps obtenir la reconnaissance des autres, le gros lot psychosymbolique. Malentendu, parce que c'est croire que l'écriture *n'est que* la recherche

---

<sup>22</sup> “Inspirada nas ciências sociais, a abordagem literária de Annie Ernaux se baseia em parte na prática de trabalho de campo. [...] Ernaux pega explicitamente emprestado de trabalhos sociológicos ou etnológicos seus procedimentos de escrita, especialmente suas metodologias: ela estabelece fichas preparatórias, toma nota de lembranças e índices sociais, recupera depoimentos, fotos, faz observações *in situ* (supermercado, metrô) [...]” (Tradução nossa)

<sup>23</sup> “A objetivação participante encarrega-se de explorar não a ‘experiência vivida’ do sujeito do conhecimento, mas sim as condições sociais de possibilidade (e, portanto, os efeitos e limites) dessa experiência e, mais precisamente, do ato de objetivação.” (Tradução nossa)

de choses enfouies, qu'elle ressemble au processus de la cure psychanalytique.<sup>24</sup> (ERNAUX; JEANNET, 2017, p. 55, destaque da autora)

Nesse sentido, o posicionamento de Ernaux vai ao encontro da perspectiva deleuziana de literatura. Crítico obstinado de uma psicanalização freudiana da literatura, Deleuze afirma que escrever não consiste em contar as próprias lembranças, viagens, amores, lutos, sonhos e fantasmas, visto que a escrita constitui um devir sempre em via de fazer-se, que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida (cf. DELEUZE, 1997, p. 11-12). Segundo o autor, ainda que os personagens literários sejam perfeitamente individuados, seus traços individuais os elevam a uma visão que os arrasta em um indefinido, ressaltando, assim, a potência do impessoal na literatura. Deleuze também levanta a possibilidade da escrita a partir das lembranças apenas quando essas são a origem ou a destinação coletivas: “embora remeta sempre a agentes singulares, a literatura é agenciamento coletivo de enunciação” (cf. *ibid.*, p. 14).

Devemos destacar também a intenção fortemente política da escrita ernausiana, que, ao buscar escrever o social e o coletivo, se engaja em revelar, denunciar e provocar mudanças: “Écrire est, selon moi, une activité politique, c’est-à-dire qui peut contribuer au dévoilement et au changement du monde ou au contraire, conforter l’ordre social, moral, existant”<sup>25</sup> (*ibid.*, p. 68). Ao colocar que sua escrita visa à subversão das visões dominantes do mundo (*ibid.*, p. 49), Ernaux reforça mais uma vez sua distância de uma postura solipsista em relação ao trabalho com a memória. Isto é, ela não se dedica à escrita autobiográfica e ao trabalho de recordação por acreditar na primazia do eu e de suas experiências pessoais, sem levar em conta o contexto social, histórico e político em que este eu se insere. A escrita não tem para ela tampouco uma função narcísica de eternizar os contornos de sua consciência e lembranças. Pelo contrário, as lembranças pessoais são mobilizadas, na escrita de Ernaux, como veremos que acontece com *Les années*, com a finalidade de alcançar as tonalidades da experiência e da memória coletiva.

Em 2011, foi lançado pela editora Gallimard, no contexto da coleção Quarto, o livro *Écrire la vie*, que consiste em uma coletânea de doze livros de Annie Ernaux, acompanhada de alguns textos inéditos. Além disso, as primeiras cem páginas da coletânea são dedicadas a um

---

<sup>24</sup> “A psicanálise, sem dúvidas porque minhas zonas de sombra pessoais não me interessam muito, sempre me foi indiferente. [...] A crença, por parte de alguns leitores, de que a escrita seja a mesma coisa que uma psicanálise, especialmente quando estamos falando de escrita autobiográfica, me parece apontar para uma expectativa e um mal-entendido. Uma expectativa de se libertar sozinho de seus próprios problemas, de seus sofrimentos, e, ao mesmo tempo, obter o reconhecimento dos outros — o grande combo psico-simbólico. E um mal-entendido porque significa acreditar que a escrita *não passa* de uma busca de coisas encobertas e que ela se parece com o processo da cura psicanalítica.” (Tradução nossa)

<sup>25</sup> “Escrever é, para mim, uma atividade política, que pode contribuir para a revelação e mudança do mundo ou, ao contrário, reforçar a ordem social, moral existente.” (Tradução nossa)

*photojournal*, em que trechos de diários antigos da autora se mesclam a fotos pessoais suas e de sua família, em diversas fases da vida, da infância à velhice. Isto é, se, em 2003, na entrevista de *L'écriture comme un couteau*, Ernaux separava seus diários do restante de sua produção, em 2011 ela já recupera trechos dos diários que escreveu ao longo da vida, para si mesma, para serem publicados. Na introdução de *Écrire la vie*, Ernaux fala sobre a escolha do nome da coletânea:

Écrire la vie. Non pas ma vie, ni sa vie, ni même une vie. La vie, avec ses contenus qui sont les mêmes pour tous mais que l'on éprouve de façon individuelle: le corps, l'éducation, l'appartenance et la condition sexuelles, la trajectoire sociale, l'existence des autres, la maladie, le deuil. Par-dessus tout la vie telle que le temps et l'Histoire ne cessent de la changer, la détruire et la renouveler. Je n'ai pas cherché à m'écrire, à faire oeuvre de ma vie: je me suis servie d'elle, des événements, généralement ordinaires, qui l'ont traversé, des situations et des sentiments qu'il m'a été donné de connaître, comme d'une matière à explorer pour saisir et mettre au jour quelque chose de l'ordre d'une vérité sensible. J'ai toujours écrit à la fois de moi et hors de moi, le "je" qui circule de livre en livre n'est pas assignable à une identité fixe et sa voix est traversée par les autres voix, parentales, sociales, qui nous habitent.<sup>26</sup> (ERNAUX, 2011, p. 7)

Este trecho é de extrema relevância, pois sintetiza o projeto ernausiano a partir da ideia de escrever a vida. Fica claro aqui que, ao se propor a *écrire la vie*, a autora não se limita à própria vida, mas busca escrever sobre a vida em geral, sobre uma época, sobre um período histórico, entendendo que, ao tomar um indivíduo como amostra, ao mergulhar em suas vivências e lembranças, em sua cultura e seus hábitos, alcança marcas do tempo impressas nele, sendo essas marcas que lhe interessam. Também chamamos a atenção para a ideia de que a voz de um indivíduo é atravessada por outras vozes sociais, confirmando que, em Ernaux, torna-se impossível separar a individualidade da coletividade e da história.

Por fim, é importante investigarmos a *écriture plate*, adotada pela autora desde *La place* e caracterizada por sua objetividade, concretude, sobriedade e ausência de metáforas. Chamada também de *clinique e minérale* por Jeannet (ERNAUX; JEANNET, 2017), a *écriture plate* de Ernaux está diretamente relacionada à escrita da vida a que se propõe, visto que, para a

---

<sup>26</sup> “Escrever a vida. Não minha vida, não sua vida e nem mesmo uma vida. A vida, com seus conteúdos que são os mesmos para todos, mas que cada um experimenta individualmente: o corpo, a educação, o pertencimento e a condição sexuais, a trajetória social, a existência dos outros, a doença, o luto. Acima de tudo, a vida tal qual o tempo e a História não param de mudar, destruir e renovar. Não busquei me escrever, a fazer obra da minha vida: me servi dela, dos acontecimentos, geralmente comuns, que a atravessaram, das situações e dos sentimentos que experimentei como uma matéria a ser explorada para alcançar e atualizar algo da ordem de uma verdade sensível. Sempre escrevi ao mesmo tempo de mim e fora de mim. O ‘eu’ que circula de livro em livro não é atribuível a uma identidade fixa, e sua voz é atravessada por outras vozes, parentais, sociais, que nos habitam.” (Tradução nossa)

escritora, é essa linguagem que permitirá a maior aproximação possível da realidade que busca e quer retratar. É nesse sentido que a autora diz se valer da escrita como uma faca ou uma pedra, que permitirá explorar e revelar aquilo que diz respeito ao social, ao histórico e ao cultural.

Tout ce que je sais c'est que ce livre [*La place*] a inauguré comme je l'ai dit une posture d'écriture, que j'ai toujours, exploration de la réalité extérieure ou intérieure, de l'intime et du social dans le même mouvement, en dehors de la fiction. Et l'écriture, "clinique" dites-vous, que j'utilise, est partie intégrante de la recherche. Je la sens comme le couteau, l'arme presque, dont j'ai besoin.<sup>27</sup> (*ibid.*, p. 35-36)

A alusão à *écriture blanche*, abordada por Barthes em *Le degré zéro de l'écriture*, é explícita, quando se trata da *écriture plate* ernausiana. Conforme Barthes, a escritura, para além da língua e do estilo, diz respeito à escolha de um tom, de um *éthos*, de uma intencionalidade a partir da qual o escritor se posiciona e se engaja social e historicamente. Trata-se da reflexão quanto ao uso social da forma adotada na escrita.

Langue et style sont des forces aveugles; l'écriture est un acte de solidarité historique. Langue et style sont des objets; l'écriture est une fonction: elle est le rapport entre la création et la société, elle est le langage littéraire transformé par sa destination sociale, elle est la forme saisie dans son intention humaine et liée aux grandes crises de l'Histoire.<sup>28</sup> (BARTHES, 2002, p. 11-12)

A *écriture blanche*, que marca a obra de Blanchot e Ernaux, por exemplo, é tida, para Barthes, como uma escrita neutra, ausente, como a própria negação da literatura, em oposição à literatura burguesa, dominante até o Romantismo. Ernaux adota a *écriture plate* justamente para não ser conivente com a linguagem do mundo dominante e, desse modo, resgatar a linguagem do mundo dominado, do qual ela vem e que resente ter abandonado (trânsfuga). A escritora afirma que, como queria, em *La place*, falar de seu pai e de suas origens, não faria sentido adotar uma linguagem rebuscada, que em nada corresponderia à realidade em que cresceu e que de certa forma poderia ser uma traição ainda maior à sua classe de origem. Assim,

---

<sup>27</sup> "Tudo o que sei é que este livro [*La place*] inaugurou, como disse, uma postura de escrita, que mantenho até hoje, de exploração da realidade exterior e interior, do íntimo e do social no mesmo movimento, fora da ficção. E a escrita, 'clínica' como você chama, que uso é parte integrante da busca. Eu a sinto como a faca, como a arma quase, de que preciso." (Tradução nossa)

<sup>28</sup> "Língua e estilo são forças cegas; a escrita é um ato de solidariedade histórica. Língua e estilo são objetos; a escrita é uma função: é a relação entre a criação e a sociedade, é a linguagem literária transformada por sua destinação social, é a forma captada em sua intenção humana e ligada às grandes crises da História." (Tradução nossa)

a adoção da *écriture plate* por Ernaux se justifica, retomando Barthes, por uma postura ética e por um posicionamento político e social.

La seule écriture que je sentais “juste” était celle d’une distance objectivante, sans affects exprimés, sans aucune complicité avec le lecteur cultivé [...]. C’est ce que j’ai appelé dans *La place* “l’écriture plate, celle-là même que j’utilisais en écrivant autrefois à mes parents pour leur dire les nouvelles essentielles”. Ces lettres auxquelles je fais allusion étaient toujours concises, à la limite du dépouillement, sans effets de style, sans humour [...]. Par et dans le choix de cette écriture, je crois que j’assume et dépasse la déchirure culturelle: celle d’être une ‘immigrée de l’intérieur’ de la société française. J’importe dans la littérature quelque chose de dur, de lourd, de violent même, lié aux conditions de vie, à la langue du monde qui a été complètement le mien jusqu’à dix-huit ans, un monde ouvrier et paysan. Toujours quelque chose de réel.<sup>29</sup> (ERNAUX; JEANNET, 2017, p. 34)

Essa postura, que busca quebrar as hierarquias literárias e sociais, se revela não apenas pela forma, mas também pela escolha das temáticas tratadas, visto que Ernaux escreve justapondo, em um mesmo nível, objetos considerados tipicamente literários, como a sensação do tempo e os mecanismos da memória, e outros tidos menos “nobres”, como supermercados, aborto e o RER, trem que liga Paris a suas periferias (cf. *ibid.*, p. 75).

Assim, percebemos que a recusa da ficção, a escrita auto-sócio-biográfica — ou a escrita que intenta conjugar literatura, sociologia e história — e a *écriture plate* estão intimamente ligadas, a serviço de um mesmo projeto. O trabalho de recordação e a memória pessoal dão acesso, por meio da concretude da *écriture plate*, à realidade — social, cultural, histórica — de um tempo, de uma época, que a escritora busca retratar. E é assim que a enunciação *transpersonnelle*, constatada por Meizoz (2010), permite que o eu, da *recherche* da memória pessoal, se perca em um nós, próprio à memória coletiva. Em seguida, veremos como esses aspectos se conjugam para a construção de *Les années*, livro em que a autora leva às últimas consequências a busca e escrita de uma memória coletiva a partir da memória individual.

---

<sup>29</sup> “A única escrita que sentia que fosse ‘adequada’ era a de uma distância objetivante, que não expressasse afetos e que não tivesse qualquer cumplicidade com o leitor culto [...]. É o que chamei em *La place* de ‘*écriture plate*, a mesma que usava quando escrevia aos meus pais para contar as principais novidades’. Essas cartas que menciono eram sempre concisas, no limite da simplicidade e da sobriedade, sem efeitos de estilo, sem humor [...]. Pela escolha dessa escrita, acredito que assumo e ultrapasso a ruptura cultural que consiste em ser uma ‘imigrante do interior’ da sociedade francesa. Trago para a literatura algo árduo, pesado, violento até, ligado às condições de vida, à língua do mundo que foi completamente o meu até os dezoito anos, um mundo operário e camponês. Sempre algo de real.” (Tradução nossa)

### 3 LES ANNÉES: UMA AUTOBIOGRAFIA IMPESSOAL

Certamente um dos livros mais conhecidos e traduzidos de Annie Ernaux, *Les années* foi publicado em 2008 pela editora Gallimard na França e traduzido apenas mais recentemente para o português brasileiro. A tradução, que leva o título *Os anos*, é assinada por Marília Garcia e foi lançada em 2019 pela editora Três Estrelas. *Les années* faz parte do projeto de escrever a vida da autora, aprofundado no capítulo anterior, e é, a nosso ver, sua maior realização, destacando-se em relação ao restante de sua obra por se tratar de uma autobiografia impessoal.

*Les années* se propõe a ser uma narrativa impessoal sobre a passagem ininterrupta dos anos, com foco nos acontecimentos históricos e nas transformações sociais, conforme eles foram vividos pela escritora, e com ancoragem em alguns pontos de sua vida pessoal e familiar, sem que o âmbito privado se sobreponha necessariamente ao âmbito coletivo. O livro atravessa assim pouco mais de seis décadas de acontecimentos e história, de 1940 até o início dos anos 2000, em uma faixa temporal que vai do ano de nascimento de Ernaux, em plena Segunda Guerra Mundial, até o momento de escrita do livro, em 2006. Aqui, lembranças da vida pessoal da escritora se fundem à história ocidental e francesa, em uma imbricação em que história pessoal e história coletiva dependem uma da outra para serem narradas.

Para isso, a autora parte da observação e da descrição de fotografias e, mais raramente, filmagens suas, em diferentes momentos da vida, da infância à velhice, para adentrar na época e no cenário em que aquela fotografia foi tirada ou em que a filmagem foi feita. As fotos e as filmagens funcionam, portanto, em *Les années*, como a dobradiça entre memória pessoal e coletiva. Esses documentos pessoais e familiares têm a função de dar acesso a “une entrée, une conscience dilatée dans l’époque et me rappeler ainsi beaucoup d’autres choses qui vont s’accumuler, s’intégrer”<sup>30</sup> (ERNAUX, 2008).

Será uma narrativa escorregadia, no pretérito imperfeito e absoluto que vai, pouco a pouco, devorando o presente até a última imagem de uma vida. Um fluxo que será, contudo, interrompido a intervalos regulares por fotos e sequências de filmes que vão captar as formas do corpo e os lugares sociais sucessivos ocupados por ela. Estas interrupções funcionarão como pausas na memória e, ao mesmo tempo, como conexões com o desenvolvimento de sua própria existência, com aquilo que a tornou singular, não pela natureza dos elementos de sua vida, sejam eles externos (trajetória social, profissão) ou internos (pensamentos e aspirações, desejo de escrever), mas por sua combinação única em cada ser humano. (ERNAUX, 2019, p. 226)

---

<sup>30</sup> “uma entrada, uma consciência dilatada na época e me lembrar assim de muito mais coisas que vão se acumular, se integrar.” (Tradução nossa)



Em entrevista<sup>31</sup>, Ernaux explica que, inicialmente, quando se propôs a escrever uma narrativa da memória coletiva, não tinha a intenção de partir de fotografias pessoais ou de dar muito espaço para o que veio a ser o âmbito do *elle*, isto é, aspectos mais relacionados a sua vida pessoal. No entanto, à medida que escrevia as primeiras páginas, percebeu que a narrativa estava ficando impessoal e fria demais, e foi então que recorreu à descrição das fotografias pessoais, que vêm acompanhadas de suas lembranças acerca do contexto em que cada foto foi tirada, ainda que descritas na terceira pessoa do singular. Em dado momento da entrevista, a autora deixa claro que as fotos mencionadas e descritas não teriam nenhuma relação com o resto da narrativa, dando a entender que não teriam grande relevância em *Les années*, posição da qual discordamos totalmente. Acreditamos que as diversas fotos que dão ritmo à narrativa de *Les années* são fundamentais para a articulação entre memória pessoal e memória coletiva que Ernaux cria, bem como para a própria realização de uma autobiografia impessoal. A compreensão de memória para Ernaux, que trabalha na intersecção entre os planos pessoal e coletivo, acaba, a nosso ver, sendo muito mais bem expressa graças ao recurso às fotos. Assim, não apenas discordamos de que as fotos sejam irrelevantes para a narrativa em *Les années*, como partiremos delas para a análise do livro.

Nas últimas páginas de *Les années*, Ernaux, muito semelhante a Proust no último tomo da *Busca*, vislumbra a escrita do livro:

Para ela o importante é [...] capturar a duração que constitui sua passagem pela terra em uma época determinada, em um tempo que a atravessou, captar este mundo que só registrou vivendo. Ela intuiu como será a forma de seu livro em uma outra sensação, que experimenta quando parte de uma imagem fixa da lembrança [...] se mistura com uma totalidade indistinta, da qual consegue arrancar, por um esforço da consciência crítica, um a um, os elementos que a constituem, costumes, gestos, palavras etc. O minúsculo ponto no passado cresce e encontra um horizonte ao mesmo tempo móvel e de uma tonalidade uniforme, que representa um ou vários anos. Ela sente, então, uma satisfação profunda, quase fascinante — que não remete à imagem, única, da lembrança pessoal —, um tipo de sensação coletiva vasta, na qual a consciência, todo o seu ser, está contido. (ERNAUX, 2019, p. 224)

Fica evidente, nesse trecho, a relação estabelecida entre as memórias individual e coletiva, podendo esta ser acessada por meio das lembranças pessoais e do trabalho de recordação. Interessa-nos também a percepção de que essa sensação coletiva vasta só pode ser captada através da experiência, conforme a história e a passagem do tempo a atravessam. Chama igualmente a atenção desde já a busca por uma totalidade indistinta ou uma tonalidade

---

<sup>31</sup> Entrevista concedida à livraria Shakespeare and Company, em 2018. Disponível em: <<https://shakespeareandcompany.com/event/924/annie-ernaux-on-the-years>>. Acesso em: 19 de dez. 2020.

uniforme, associadas à ideia de duração, que remete por sua vez ao conceito bergsoniano de *durée*. Nesse sentido, há um esforço em *Les années* para se reconstituir uma história coletiva de aspecto contínuo e ininterrupto, como um processo sempre em transformação e inacabado, conforme também aponta a ideia do minúsculo ponto no passado que vem crescendo até o presente. Ela segue:

Assim, a forma de seu livro só pode surgir de uma imersão nas imagens da sua memória para detalhar os traços específicos da época ou do ano, mais ou menos precisos, aos quais eles pertencem — e ir ligando um ao outro lentamente, se esforçando para ouvir novamente as falas das pessoas, os comentários sobre fatos e objetos, extraídos da massa de discursos que pairam ali, espécie de rumor que suscita incessantemente as formulações acerca do que somos e devemos ser, pensar, acreditar, temer, esperar. Aquilo que este mundo inscreveu nela e em seus contemporâneos lhe servirá para reconstruir um tempo comum — aquele que transcorreu de muito tempo atrás até hoje — para, encontrando a memória da memória coletiva a partir de uma memória individual, apresentar a dimensão vivida da História. (*ibid.*, p. 225)

Além de buscar alcançar essa vasta sensação coletiva a partir das lembranças pessoais, Ernaux vai atrás de um rumor, uma espécie de síntese dos discursos de cada época conforme eles emergem à sua memória. É interessante observar que o que está em questão e o que a narradora busca é “a dimensão vivida da História”. Isto é, diferentemente de um livro de História, em que o historiador não está explicitamente envolvido nos acontecimentos e observa os eventos de fora, aqui a autora está diretamente relacionada e implicada no que é narrado, embora a escrita na primeira pessoa, marca da escrita ernausiana, dê espaço à escrita na terceira pessoa neste livro. A passagem evidencia assim o núcleo do impessoal do presente no livro, no sentido de que é a experiência que deixa marca nas pessoas, e não as pessoas que constroem deliberadamente as experiências.

Logo a seguir, percebemos que *Les années* dá continuidade a seu interesse pela escrita auto-sócio-biográfica, e que a escrita desta autobiografia impessoal se distingue do que se costuma compreender por autobiografia. A lembrança pessoal funciona como ponto de acesso, como forma de captação da história dos pensamentos, crenças, medos, das transformações históricas e sociais:

Não se trata de um trabalho de rememoração, tal como se entende normalmente, que busca narrar uma vida, dar uma explicação de si. Ela só vai olhar para si própria buscando encontrar o mundo, a memória e o imaginário dos dias passados no mundo, e capturar as mudanças no pensamento, nas crenças e na sensibilidade geral, e a transformação das pessoas e das coisas que ela conheceu e que nada serão talvez, perto daqueles que terão conhecido sua neta e todos os indivíduos vivos em 2070. Perseguir as sensações que já estão aqui, ainda sem nome, como aquela que a levou a escrever. (ERNAUX, 2019, p. 225)

Assim, o objetivo dessa escrita autobiográfica impessoal não é encontrar o indivíduo em questão, de modo a delimitá-lo, mas, ao contrário, perdê-lo no coletivo, no movimento de uma geração — alguns autores como Godard (2019) e Yücedağ (2017) se dedicam especialmente ao aspecto geracional desta obra. Ernaux compreende a boa recepção de *Les années* pela crítica e pelo público como uma necessidade de memória e ressalta que o livro evidencia que a história é construída coletivamente:

Sans doute faut-il attribuer en partie l'enthousiasme des lecteurs et de la critique à un besoin de mémoire, en cette époque de mutations sans précédent. Non la mémoire officielle ou conservée par les archives, mais celle que chacun fabrique rien qu'en vivant, traversés que nous sommes par les choses et les idées, les événements qui composent l'*air du temps*. Je veux croire aussi que, par-delà le bonheur mélancolique ressenti par les lecteurs de ressaisir le temps, ce livre donne conscience que nous faisons histoire ensemble.<sup>32</sup> (ERNAUX; JEANNET, 2017, p. 145-146)

Percebe-se que a visão de memória mobilizada por Ernaux não é a de história, para Nora (1984), ou a da memória oficial, nacional, dos monumentos e datas comemorativas, para Gagnebin (2006), mas a memória coletiva, construída e veiculada pelas narrativas populares, bem como, conforme aprofundaremos mais adiante, pelas canções, filmes, slogans e publicidades. A necessidade de memória constatada por Ernaux remete em parte a Nora (1984), mas se diferencia dele por refutar a ideia de desaparecimento da memória.

Em *Les années*, também entra em jogo a escolha dos pronomes pessoais. Neste caso, Annie não se refere a si mesma como *je* (eu), como ocorre na maior parte de seus livros e como é típico da escrita autobiográfica clássica, mas como *elle* (ela). A renúncia do *je* reitera que, de fato, o foco não está em sua vida pessoal, na sua história, mas na história da passagem dos anos, em uma narrativa coletiva. A escolha dos pronomes lembra que Annie é uma personagem, como qualquer outra, de uma história maior. Há uma passagem em *Les années* em que, pensando no processo de escrita do livro, Ernaux menciona a hesitação entre o *eu* e o *ela*, mas sabemos que, no fim, a escolha é feita pelo *ela*.

Gostaria de reunir estas múltiplas imagens de si própria, isoladas e em desacordo, por um fio de narrativa, a narrativa de sua existência desde o nascimento, durante a Segunda Guerra Mundial, até hoje. Gostaria que fosse uma existência singular, mas entrelaçada ao movimento de uma geração. No momento de começar a escrita, sempre esbarra nos mesmos problemas: como representar, ao mesmo tempo, a

---

<sup>32</sup> “Sem dúvidas é necessário atribuir o entusiasmo dos leitores e da crítica em parte a uma necessidade de memória, presente nesta época de mutações sem precedente. Não falo aqui de uma memória oficial ou conservada pelos arquivos, mas de uma memória que cada um só produz vivendo, visto que somos atravessados pelas coisas e pelas ideias, pelos eventos que compõem o *air du temps*. Quero acreditar também que, para além da felicidade melancólica sentida pelos leitores em reencontrar o tempo, este livro traz a consciência de que fazemos história juntos.” (Tradução nossa)

passagem do tempo histórico (com coisas, ideias e costumes se transformando) e o espaço íntimo desta mulher? [...] A preocupação principal é escolher entre “eu” e “ela”. No “eu”, há muita permanência e alguma coisa apertada e sufocante. No “ela”, muita exterioridade e distanciamento. (ERNAUX, 2019, p. 168-169)

Outro pronome pessoal que marca obra, além do *elle* é o pronome *on* do francês:

À cette “sans cesse autre” des photos correspondra, en miroir, le “elle” de l’écriture. Aucun “je” dans ce qu’elle voit comme une sorte d’autobiographie impersonnelle — mais “on” et “nous” — comme si, à son tour, elle faisait le récit des jours d’avant. (ERNAUX, 2017, p. 252)<sup>33</sup>

Ao pronome *on* são acordados três sentidos em francês, conforme Delatour *et al.* (2004): primeiramente, é usado no registro informal como equivalente a “a gente” em português, ou seja, como sinônimo de *nous* (*nós* em português); em segundo lugar, como sinônimo de *quelqu’un* (*alguém*), que não sabemos exatamente quem é ou que não desejamos revelar; e, finalmente, como sinônimo de *les gens*, fazendo referência às pessoas e um povo em geral. Assim, acreditamos que o uso que a autora faz do pronome *on* se confunda entre o primeiro e o terceiro sentidos.

Ou seja, por um lado ela faz parte e se inclui no coletivo, no *nós*, mas, por outro, ela observa o mesmo coletivo e os acontecimento de fora, da mesma forma que abdica do *je* para se referir a si mesma como *elle*. O que está em jogo também é a compreensão de que a Ernaux do passado, dos acontecimentos narrados, é e não é a mesma que está escrevendo e está em constante transformação (cf. ERNAUX, 2019, p. 226). A afirmação de uma identidade única e estática torna-se nesse sentido inviável: “J’ai pris conscience qu’il n’existe pas d’identité. On ne sait pas qui on est, mais on peut le saisir à travers l’histoire, les époques. Moi, je suis faite de mes époques successives”<sup>34</sup> (ERNAUX, 2008).

É importante notar também que, em um primeiro momento, quando a narrativa parte de uma fotografia ou de uma filmagem pessoal para adentrar uma época ou emoldurar um contexto, a autora se refere a si própria como *ela*. Todavia, logo o *ela* dá lugar ao *nós* (ou ao *a gente*), como uma câmera que estava focada em um ponto — o núcleo pessoal — e vai se afastando, abarcando o coletivo em que se encontra. Trata-se, como dito anteriormente, do

---

<sup>33</sup> Tradução para o português: “O uso do ‘ela’ na escrita vai corresponder, em espelho, ao caráter fugidio das fotos, nos quais ela é ‘constantemente outra’. Não haverá ‘eu’ neste livro que ela considera uma autobiografia impessoal - apenas pronomes impessoais e o uso de ‘nós’ - como se estivesse narrando os dias passados.” (ERNAUX, 2019, p. 226)

<sup>34</sup> “Tomei consciência de que não existe identidade. Não sabemos quem somos, mas podemos alcançá-lo através da história, das épocas. Sou feita de minha épocas sucessivas.” (Tradução nossa)

encontro do coletivo a partir do pessoal e da consequente perda e dissolução do individual no coletivo.

Na passagem seguinte, a escritora enfatiza tanto a recusa de uma narrativa excessivamente autocentrada, como também a ideia de uma fusão entre o *on*, o *nous* e o *elle* em uma forma coletiva e impessoal:

Avec ce livre, en particulier, j'ai voulu créer une fusion. J'ai utilisé le « on », le « nous », le « elle » comme une forme collective, impersonnelle. Sans pour autant me passer de l'intime. Habituellement, le « je » de la première personne est le signe de l'autobiographie. Mais il est également un moyen de dire le monde qui est autour. A condition qu'il ne s'agisse pas d'autobiographies bêtement centrées sur soi, bien sûr ! Moi, j'ai fait l'inverse. Grâce aux photos qui ont permis ces arrêts sur mémoire. Grâce à l'utilisation de mon journal, de mes notes et de souvenirs personnels. Toutes ces écritures différentes m'ont permis de dire à la fois l'intime, l'historique, le changement des choses de la vie, de la mémoire. C'est un livre sur le temps et la mémoire.<sup>35</sup> (*ibid.*)

Esse *nós*, em que ela também se insere, essa coletividade em que ela se coloca, não é, contudo, sempre o mesmo e varia conforme o lugar social que a autora ocupa em cada momento da vida, seja ele o de camponesa, criança, adolescente, pessoa de classe média, mulher, estudante, intelectual, professora, mãe, avó, etc. Como Cardoso (2018) bem observa, o único *nós* que é invariável e do qual ela nunca se retira é o do grupo das mulheres. Essa postura é coerente com o projeto do livro, visto que, se o coletivo só pode ser encontrado a partir do individual e da experiência, ela só pode falar e encontrar essa vasta sensação coletiva a partir dos espaços sociais que de fato ocupou. Caso contrário, se perderia o contato, essencial para Ernaux, entre as memórias pessoal e coletiva. A esse respeito, Ernaux também assinala a limitação e parcialidade da visão em relação ao social e ao coletivo a partir de cada um desses *elle*, que não deixam de ser diferentes pontos de vista: “Je l'ai écrit avec la conviction que chaque individu à chaque moment du présent a en tête de façon inconsciente l'image, une image sans doute fantasmée, d'une totalité du monde”<sup>36</sup> (ERNAUX, 2008).

‘Elle’, c’est celle des photos. Une femme au singulier mais également une vision féminine — féministe — des années 1970. C’est important car je pense que les livres donnent le plus souvent une vision masculine du monde. Avec ‘on’, ‘nous’, c’est

---

<sup>35</sup> “Com este livro em particular quis criar uma fusão. Utilizei os pronomes ‘on’, ‘nous’ e ‘elle’ como formas coletivas, impessoais, sem, com isso, deixar o íntimo de lado. Geralmente o ‘je’ da primeira pessoa é o símbolo do autobiográfico. No entanto, ele também é uma forma de falar do entorno, do mundo que está ao redor — se não for uma autobiografia estupidamente centrada em si mesmo, é claro! Eu fiz o inverso. Graças às fotos que permitiram levar à memória, graças aos meus diários, às minhas notas e às minhas lembranças pessoais. Todas essas escritas me permitiram falar ao mesmo tempo do íntimo, do histórico, da mudança das coisas da vida, da memória. Este é um livro sobre o tempo e a memória.” (Tradução nossa)

<sup>36</sup> “Escrevi este livro com a convicção de que cada indivíduo, a cada momento do presente, tem em mente de forma inconsciente a imagem, uma imagem sem dúvida fantasiada, de uma totalidade do mundo.” (Tradução nossa)

autre chose. On entre dans le temps sans être un petit individu perdu dans le présent.<sup>37</sup> (*ibid.*).

Para Raíssa Cardoso (2018), a recusa do *eu* autobiográfico em *Les années* revela também a ética de escrita adotada pela autora. Cardoso acredita que a decisão de escrever uma autobiografia impessoal esteja em consonância com os posicionamentos da autora em relação à literatura e a sua recusa da ficcionalização da vida, conforme aprofundamos no capítulo anterior. A renúncia do *eu* se explicaria assim pela compreensão de Ernaux de que sua formação como sujeito depende de diversos fatores culturais, históricos, sociais e, em suma, coletivos, além de compreender que o sujeito está sempre mudando, de modo que falar *eu* não dá conta dessa transformação. O *eu* da escrita já não é mais o *eu* do acontecimento narrado.

### 3.1 LEITURA DE OS ANOS

A leitura do livro proposta neste trabalho será realizada citando a tradução de *Les années* em português, de modo que nos basearemos na edição de *Os anos* lançada em 2019 pela editora Três Estrelas e realizada pela tradutora Marília Garcia, com vistas a tornar este trabalho mais amplamente acessível aos pesquisadores e pesquisadoras brasileiros ou de língua portuguesa. Eventualmente recuperaremos passagens do livro em francês, quando for necessário ou pertinente compreender quais palavras ou expressões precisamente a autora empregou, ou ainda quando entrarem em questão aspectos tradutórios.

*Les années* não é dividido em partes ou capítulos, o que se deve, a nosso ver, à intenção de criar uma narrativa contínua da passagem dos anos, em que a história corre ininterruptamente. E, embora haja uma base documental importante no livro — quinze fotos e duas filmagens pessoais da escritora —, não há uma separação clara entre as partes que compreendem cada um dos documentos. Escolhemos, entretanto, para os fins deste trabalho, apresentar nossa leitura de *Os anos* segmentando-a conforme os diferentes períodos abordados por cada uma das fotos, pois, como apresentamos, acreditamos que esse recurso à descrição das fotos e filmagens pessoais seja de extrema importância para a criação da autobiografia impessoal a que se propõe Ernaux, em que memória pessoal e coletiva se imbricam indefinidamente.

---

<sup>37</sup> “‘Elle’ é a mulher das fotos. Uma mulher no singular, mas igualmente uma visão feminina — feminista — dos anos 1970. Isto é importante, pois penso que os livros costumam dar uma visão masculina do mundo. Com os pronomes ‘on’ e ‘nous’, é outra coisa. Entramos no tempo sem ser um pequeno indivíduo perdido no presente.” (Tradução nossa)

Para tanto, realizamos um mapeamento das fotos e filmagens, disponível nos quadros a seguir, conforme elas são apresentadas no livro. Na primeira linha do quadro, constam o número da foto ou filmagem na ordem em que aparecem no relato e, entre parênteses, a página de *Os anos* em que encontramos a menção ao documento que introduz a narrativa da época em questão. Já na segunda linha priorizamos dois elementos que têm, a nosso ver, grande importância para a construção dessa história coletiva da passagem dos anos a partir da memória pessoal: o tempo, com a data em que a fotografia foi tirada ou a filmagem foi feita, e o espaço, com o local em que se deu o registro da foto ou da filmagem.

<b>Foto</b>	<b>Foto 1</b> (p. 17)	<b>Foto 2</b> (p. 17)	<b>Fotos 3 e 4</b> (p. 18)	<b>Foto 5</b> (p. 30)	<b>Foto 6</b> (p. 36)
<b>Data</b>	provavelmente 1941	por volta de 1944	por volta de 1944	agosto de 1949	1937
<b>Local</b>	Lillebonne	não informado	não informado	Sotteville-sur-Mer	não informado

<b>Foto</b>	<b>Foto 7</b> (p. 49)	<b>Foto 8</b> (p. 60)	<b>Foto 9</b> (p. 69)	<b>Foto 10</b> (p. 80)	<b>Foto 11</b> (p. 91)
<b>Data</b>	1955	1957	1958-1959	junho de 1963	inverno de 1967
<b>Local</b>	jardim do internato Saint-Michel	Yvetot	Liceu Jeanne-D'Arc, em Rouen	Alojamento universitário em Mont-Saint-Aignan	Rue de Loverchy

<b>Foto/ Filmagem</b>	<b>Filmagem 12</b> (p. 111)	<b>Foto 13</b> (p. 131)	<b>Filmagem 14</b> (p. 146)	<b>Foto 15</b> (p. 164)	<b>Foto 16</b> (p. 189)	<b>Foto 17</b> (p. 219)
<b>Data</b>	1972-1973	julho de 1980	fevereiro de 1985	3 de fevereiro de 1992	março de 1999	25 de dezembro de 2006
<b>Local</b>	Vida familiar	Espanha	Vitry-sur-Seine	Cergy	Trouville	Cergy

Quadro 1. Fotos e filmagens em *Os anos*

### 3.1.1 Epígrafes e introdução de *Os anos*

*Os anos* começa com as duas seguintes epígrafes (ERNAUX, 2019, p. 5):

Temos apenas a nossa história e ela não é nossa. (José Ortega y Gasset)

— Sim. Seremos esquecidos. É a vida, nada podemos fazer. Aquilo que hoje parece importante, grave, cheio de consequências, um dia será esquecido, deixará de ter relevância. E o curioso é que não podemos saber hoje o que será um dia considerado grande e importante ou medíocre e ridículo. (...) Pode ser também que esta vida de hoje à qual nos agarramos seja um dia considerada estranha, desconfortável, desprovida de inteligência, insuficientemente pura e, quem sabe até, passível de culpa. (Anton Tchekhov)

A primeira epígrafe já abre algumas problemáticas que Ernaux desenvolverá ao longo de toda a obra, e as diversas interpretações possíveis para esta frase já indicam a complexidade da temática. Se, por um lado, nós, como indivíduos, não temos, de fato, nada a não ser nossa própria história, ela ainda assim não é nossa por diversas razões. Primeiramente, não a possuímos efetivamente, por se tratar do passado (já passou) e por não ser algo material, passível de posse. Em segundo lugar, nossa história não é só nossa por ser compartilhada com nossa e outras gerações, com os próximos de que fala Ricoeur (2007) e com os diversos coletivos nos quais nos inserimos em diferentes circunstâncias da vida. Em terceiro lugar, a frase aponta, em última instância, para o esquecimento e a morte, pois, uma vez mortos, não ficamos com nada, nem levamos nada, sequer nossa própria história. Ou seja, são ilusórias as percepções de que estejamos sozinhos no mundo ou de que possuamos qualquer coisa, pois até mesmo nossa própria história não nos pertence — ou ao menos não nos pertence só a nós enquanto indivíduos. Está desde já lançada a articulação complexa entre a memória pessoal e a memória coletiva, assim como sua relação com a história, que Ernaux pretende construir.

A segunda epígrafe, por sua vez, trata da memória e da história não de um ponto de vista da recordação, mas do esquecimento: se há algo certo é que morreremos e seremos esquecidos — quer isso ocorra em um futuro mais próximo ou distante. Além disso, a passagem reitera o fato de que nossas vivências íntimas e individuais, que para nós têm grande importância, se tornarão irrelevantes para a história, ainda que a possibilidade de uma memória coletiva também seja construída a partir de individualidades. Por fim, assinala que o valor da história depende muito de como ela será vista retrospectivamente, em oposição a outros momentos, apontando a dinâmica de como se constrói a história.

Ambas as epígrafes chamam portanto mais a atenção para a perda, para o esquecimento, para a morte, para a passagem do tempo enquanto potência destrutiva e não construtiva, do que



para a história como lembrança, ou uma história em sua perspectiva construtora de experiência ou relacionada à construção de uma história oficial. Ambas tiram de imediato o indivíduo, suposto dono de seu próprio destino e história, do centro e afirmam a certeza do esquecimento, face inseparável da recordação, sem que isso seja necessariamente apresentado como uma fatalidade.

Passadas as epígrafes, virando a página, a narrativa se inicia de fato pela frase “Todas as imagens vão desaparecer” (*ibid.*, p. 7). Seguida dela, vem uma listagem — estrutura que será comum em *Os anos* — de diversos eventos e cenas a que Ernaux se refere na primeira linha como imagens. Cada elemento dessa lista é separado por uma linha em branco, marcando de certa forma a independência de um evento ou de uma cena em relação à outra. Todavia, as frases ou parágrafos que relatam esses eventos não são finalizados por ponto final ou sequer começam com letra maiúscula, o que parece ressaltar o encadeamento dos acontecimentos entre si e o incessante correr da história, como se não houvesse uma pausa possível ou uma verdadeira separação de um acontecimento em relação ao outro. Salta também aos olhos o fato de essas imagens ou cenas não serem recuperadas em ordem cronológica. Não parece haver, neste primeiro momento, qualquer lógica temporal nas evocações, remetendo talvez justamente ao fato de que as lembranças não são necessariamente mobilizadas em ordem lógica e cronológica ou ainda ao fato de que, no fim das contas, tudo fará igualmente parte do passado. Como veremos, isso ocorrerá diferentemente uma vez finalizada a introdução do livro.

Quanto à natureza dos eventos e cenas listadas na introdução, alguns deles são imediatamente reconhecidos pelo leitor como históricos e coletivos, enquanto outros parecem ser lembranças pessoais da escritora. Ou seja, encontram-se lado a lado lembranças pessoais e coletivas, lembranças históricas, consideradas importantes, e outras, pessoais, possivelmente vistas como anódinas, que não se encontrariam em livros de história. Lado a lado, todas têm o mesmo valor. Não há uma hierarquia entre o que seria uma lembrança de um evento historicamente relevante e outra de um acontecimento mais banal ou relevante apenas no âmbito pessoal: todas se encontram em um mesmo patamar e todas estão igualmente fadadas ao esquecimento. Todas as imagens se tornarão passado e desaparecerão, confirmando mais uma vez a inevitabilidade do esquecimento, da passagem do tempo e, claro, da morte.

Observando mais atentamente o tipo de lembrança evocada na introdução que seria mais facilmente identificada como coletiva, encontramos referências a filmes — “o rosto de Simone Signoret no cartaz do filme *Thérèse Raquin*” (*ibid.*, p. 8); frases, ditados e expressões ditas na época pelas pessoas — vozes da época, como “velho e relho, foi um quiprocó, separar

o joio do trigo, que ideia de jerico!<sup>38</sup>” (*ibid.*, 12) ou “o que você estava fazendo no dia 11 de setembro de 2001?” (*ibid.*, p. 11); notícias de jornal; comerciais de cinema e televisão — “no cinema, o sujeito em um comercial do detergente Paic Vaisselle, que quebrava alegremente a louça suja em vez de lavá-la. Uma voz em off dizia severamente: ‘esta não é a solução!’ e o sujeito olhava desesperado para o público, mas ‘qual é a solução?’” (*ibid.*, p. 8); propagandas nas ruas, exposições em museus e marcas de produtos. Ressaltamos aqui o espaço privilegiado que têm a mídia e a publicidade nessa construção da memória coletiva. Além disso, é importante observar que, embora essas lembranças digam respeito à memória coletiva, elas são mobilizadas e recordadas pela escritora enquanto indivíduo: são as lembranças pessoais, dado que vividas por uma pessoa, que dão acesso à construção ou à reconstrução dessas lembranças coletivas.

Já dentre as lembranças que entendemos em princípio como pertencentes ao âmbito pessoal, temos, por exemplo, esta: “a mulher agachada urinando em plena luz do dia atrás de uma barraca que servia café à beira das ruínas, em Yvetot, depois da guerra, ia vestindo a calcinha já de pé com a saia levantada e voltava para o café” (*ibid.*, p. 7). Sabemos que Annie Ernaux morou durante a infância em Yvetot e que sua família morava em uma casa cujo térreo era destinado a um café-mercearia, no qual trabalhavam seus pais. Portanto, é possível imaginar que esta tenha sido uma cena que Ernaux viu na infância, no pós-guerra, em sua cidade, próximo ao estabelecimento comercial dos pais. Outro exemplo é a seguinte lembrança:

o homem encontrado em uma calçada em Pádua, no verão de 1990, com as mãos presas aos ombros, fazendo lembrar na mesma hora da talidomida que receitavam para as grávidas contra o enjoo trinta anos antes e também da piada que se contava depois: uma futura mãe tricota o enxoval do bebê enquanto toma talidomida, uma carreira de tricô, um comprimido. Uma amiga fica apavorada ao saber do remédio e diz a ela, mas você não sabia que seu bebê corre o risco de nascer sem braço, ao que ela responde, pois é, eu sei, mas de todo modo não aprendi a tricotar as mangas (*ibid.*)

Podemos supor que esta foi uma cena que ela mesma viu em uma viagem a Pádua e que ela mesma se lembrou da piada relacionada à ingestão de talidomida durante a gravidez nos anos 1960 e de suas consequências para a formação do bebê.

Contudo, o que urge ser constatado é que as lembranças que em princípio estariam mais relacionadas ao âmbito pessoal nunca são meramente lembranças individuais. Todas elas contam algo sobre o coletivo, sobre a história, sobre a época em questão, sobre uma sociedade. No primeiro caso mencionado, Ernaux deve ter visto a cena de uma mulher urinando na rua e

---

<sup>38</sup> Em francês “vieux kroumir, faire du chambard, ça valait mille ! tu es un petit ballot !” (ERNAUX, 2017, p. 16)

essa cena a marcou; no entanto, ela também diz respeito às condições estruturais e sanitárias precárias no interior do país nos anos 1940. A menção às ruínas, que aparecem como um pano de fundo inerente àquele espaço no pós-guerra, também é bastante importante, pois vincula a memória não só a um tempo, como também a um lugar — aspecto que também é mobilizado quando Ernaux situa as fotos descritas em *Os anos* no tempo e no espaço. Cabe também repararmos na impessoalidade da pessoa lembrada na primeira passagem (“uma mulher”). Caso essa pessoa fosse nomeada ou distinguida (“a vizinha”, por exemplo), a lembrança teria um caráter mais rememorativo do que documental, o que provavelmente afastaria a narrativa do limiar entre a memória pessoal e a memória coletiva buscado na escrita desta autobiografia impessoal.

Já no segundo caso, a lembrança pode até ter sido pessoal e ter sobrevivido à mente de uma única pessoa, mas é inegável que ela comunica algo a respeito da história coletiva. Tanto o fato histórico da ingestão da talidomida na gravidez quanto as piadas contadas depois concernem a toda uma geração, uma época, uma população, não se tratando de um caso isolado. A memória tem, portanto, lugar, ela é topológica e topográfica, havendo uma topicalização ao mesmo tempo histórica e geográfica. Sendo assim, ela é um lugar de visitação e passagem, um meio de circunscrever a experiência.

Assim, a imbricação entre a memória pessoal e coletiva é tamanha que se torna impossível separá-las: a primeira sempre comunica algo sobre a segunda, e a segunda s  é acessada nesta narrativa pela primeira. Além disso, é importante observar que as lembrancas supostamente mais ligadas ao âmbito pessoal só o são supostamente, visto que em nenhum momento é dito “eu” ou “lembro que”. Mesmo a memória pessoal é atravessada pela impessoalidade, lembrando-nos da proposta do livro de ser uma autobiografia impessoal. Uma vez que é antes de qualquer coisa uma porta de acesso   constru o da memória coletiva do passar dos anos, faz sentido que o indivíduo que lembra não seja bem definido ou ainda que o livro aponte para quase um anonimato daquela que narra.

Acreditamos que essa imprecisão também remete ao esquecimento de que falávamos anteriormente: no fundo pouco importa quem está lembrando, tudo virar  igualmente passado e desaparecerá. Ou ainda, no passado, tudo se funde, as perspectivas se somam, e nessa fusão é que aparece a memória coletiva como algo amorfo, de contornos indistintos, mas ainda assim com suas fronteiras e sua consistência bastante visíveis. A * criture plate* ernausiana também já pode ser percebida nesses primeiros trechos do livro, visto que a enumera o de lembrancas consiste muito mais em um exercício de evoca o e observa o impessoal, em que não encontramos julgamentos pessoais ou expressão de valores, sentimentos ou opiniões acerca

daquilo que é narrado. Como sabemos, esse mecanismo é também uma estratégia de Ernaux para o acesso da memória coletiva e para a construção da escrita auto-sócio-biográfica.

Esses foram apenas alguns exemplos das lembranças, coletivas ou pessoais ou ainda coletivas e pessoais, evocadas na introdução, mas elas prosseguem ao longo de nove páginas na edição de *Os anos*. Além da listagem de palavras, acreditamos ser importante comentar ainda duas passagens presentes na introdução do livro, estando a primeira situada no meio da introdução:

Vão se acabar todas de uma só vez, assim como as milhares de imagens que estavam na cabeça dos avós mortos há meio século e dos pais também mortos. Nessas imagens ainda somos criancinhas e estamos no meio de outras imagens de pessoas desaparecidas antes mesmo de termos nascido, do mesmo modo que na memória estão presentes nossos filhos no meio de netos e de gente que ainda não nasceu. Assim como o desejo sexual, a memória nunca se interrompe. Ela equipara mortos e vivos, pessoas reais e imaginárias, sonho e história. Milhares de palavras vão sumir de repente, palavras que serviram para nomear coisas, rostos de pessoas, ações e sentimentos. Palavras que serviram para organizar o mundo, disparar o coração e umedecer o sexo. (*ibid.*, p. 10-11)

Mais uma vez, está em questão o desaparecimento abrupto de todas as imagens, sendo esse desaparecimento não apenas relacionado à história, mas estando, neste momento, vinculado, sobretudo, à memória pessoal: com a morte, toda uma vida de lembranças desaparece. Chama igualmente a atenção a ideia de uma equiparação de mortos e vivos, pessoais reais e imaginárias, sonho e história, mas também da memória pessoal e coletiva, assim como de pessoas de diferentes gerações (filhos e netos), que talvez nem tenham convivido. Essa equiparação se dá tanto na memória — uma memória que é de certa forma atemporal, como a ausência de ordem cronológica na narração até aqui também indica — quanto no correr da história. Precisamos também destacar, não apenas nesse trecho, mas também ao longo do livro, a importância conferida às expressões, aos ditados, à língua como fato histórico e coletivo imbricado também à esfera pessoal — as palavras que organizam o mundo, disparam o coração e umedecem o sexo. Como veremos, os eventos e a passagem do tempo ao longo do livro também são acompanhados de uma transformação da língua e das palavras.

Ressaltamos aqui as ideias de perda e de desaparecimento, relacionadas à morte e à passagem do tempo, mas não podemos deixar de constatar que existem formas de resistência da memória coletiva, que são traduzidas e repassadas de geração em geração, caso contrário não seria possível falar em memória coletiva. E é a partir desse caráter residual da memória, objetivado em refrãos ou em cultura material (podendo entrar aqui canções, ditados, objetos, cultura de massa, gestos), que é possível entrever e acessar uma arqueologia imaterial da

memória coletiva, certamente impessoal. Para além do esquecimento inevitável, é com esses resíduos da memória coletiva que Ernaux conta e trabalha para criar esta narrativa coletiva impessoal em *Os anos*.

Por fim, a introdução acaba com a seguinte passagem:

Tudo vai se apagar em um segundo. O vocabulário acumulado, do berço ao leito final, será eliminado. Restará somente o silêncio, sem palavra alguma para nomeá-lo. Da boca aberta não vai sair mais nada. Nem eu, nem meu. A língua continuará inventando o mundo com as palavras. Nas conversas ao redor de uma mesa em dias de festa, nós seremos apenas um nome, cujo rosto vai desvanecer até desaparecer na massa anônima de uma geração distante. (*ibid.*, p. 15)

Mais uma vez constatamos a referência ao desaparecimento das imagens, ao apagamento da memória e de todo o vocabulário acumulado ao longo da vida, relacionada aqui ao silêncio, à morte, o que inevitavelmente nos remete à colocação de Gagnebin (2006) que, em sua leitura da *Busca* de Proust, afirma que a escrita é um confronto com a perda e o esquecimento ou ainda uma luta contra a morte. Parece-nos que essa luta contra a morte está o tempo todo no horizonte de escrita de *Les années*, pois, ao mesmo tempo em que é constatado o desaparecimento inevitável de todas as imagens, sejam elas pessoais ou coletivas, ou de todos os rostos em “uma massa anônima de uma geração distante”, o esforço de escrita de uma autobiografia impessoal ou o esforço de trabalho de recordação para a construção de uma narrativa da memória coletiva parece vir no sentido contrário, isto é, como um trabalho que visa deixar rastro e assegurar a preservação dessa memória. Enquanto se está vivo, ainda é possível recordar e narrar.

### **3.1.2 Fotos 1 a 4: infância no pós-guerra**

Encerrada a introdução, começa efetivamente a construção da narrativa da passagem dos anos, em uma estrutura em que uma foto pessoal da escritora sempre dará acesso à época sobre a qual a autora discorrerá. A foto (ou mais raramente a filmagem) em questão não é apresentada ao leitor, mas descrita. Costumam ser feitas constatações sobre o estado e apresentação física da foto, o local e data em que foi registrada, a situação ou contexto em que foi tirada, de modo que logo esse contexto se amplia para o contexto histórico da época, que será o foco principal da narrativa. Nesta ocasião, ao contrário da introdução, a narrativa da passagem dos anos se dará em ordem cronológica, começando em 1940, ano de nascimento de Ernaux, e se desenrolando até o momento de escrita do livro, em 2006. Uma vez que a construção dessa narrativa sobre a memória coletiva parte da memória pessoal e uma vez que

não se costuma ter muitas lembranças dos primeiros anos de existência, é de se esperar que o relato dos anos que abrangem os primeiros momentos de vida de Ernaux não seja muito extenso, o que de fato ocorre.

Assim, a primeira foto, tirada em Lillebonne em 1941, é descrita como sendo “sépia, em formato oval, colada dentro de uma caderneta com a borda dourada, protegida por uma folha transparente com relevo” (ERNAUX, 2019, p. 17), o que já traz elementos de como eram registradas e armazenadas as fotos nos anos 1940. Nela consta “um bebê gorducho”, arrumado e apresentado em um cenário que busca apresentá-la como um anjinho. Cabe ressaltar que mais uma vez assumimos ou supomos que a foto é da autora, pois em momento algum isso fica explícito: no lugar de “eu” é dito apenas “um bebê gorducho”, ficando claro que se trata de um olhar externo sobre esses personagens das fotos e que a identificação da autora com aquela que foi um dia não é declarada. Muito pouco é dito sobre essa época, a não ser que essa peça do arquivo familiar consistiria em um ritual pequeno-burguês de encenar a chegada ao mundo e que provavelmente uma cópia da foto em questão deve ter sido enviada para toda a família, com o objetivo de comunicar seu nascimento. Percebe-se que essa constatação não diz apenas respeito à vida da autora ou de sua família especificamente, mas a um comportamento que abrange todo um grupo social.

Já a segunda foto, tirada por volta de 1944 em um local que não nos é informado, é emoldurada em um papel mais simples e o dourado da borda já se encontra desvanecido, indicando o envelhecimento da foto e a passagem do tempo. Nela, consta “uma menininha de mais ou menos quatro anos”, e pouco é descrito além da roupa da criança e da barriga proeminente, que poderia ser sinal de raquitismo. Não à toa se trata do final da Segunda Guerra; assim, as condições de saúde da menina da foto não podem ser desvinculadas do contexto histórico em questão.

As fotos três e quatro, provavelmente também do ano de 1944, já abrem para um panorama mais detalhado e uma narrativa mais longa e minuciosa. Ambas são descritas juntas, como pequenas fotos de bordas serrilhadas tiradas no mesmo dia. Em uma, a mesma criança da primeira foto, que assumimos ser Ernaux, aparece ao lado de uma mulher que supomos ser sua mãe; na outra, acompanhada de um homem que adivinhamos ser seu pai. A partir da descrição das duas fotos, entramos efetivamente na reconstrução da memória coletiva da época.

De extrema importância para a narrativa, são mencionadas pela primeira vez as refeições em família, que, como veremos, serão uma constante ao longo de toda a obra, pautando a transformação das relações entre os familiares e entre as gerações, dos assuntos abordados na mesa, dos valores da época e, essencial para nossa leitura da obra, a forma como

as lembranças que nutrem a memória coletiva são evocadas no interior do grupo familiar. Observemos como se dá a primeira menção à refeição em família, nos anos 1940, já no pós-guerra:

Nas reuniões de família na época do pós-guerra, naquela lentidão interminável das refeições, alguma coisa vinha do nada e assumia uma forma: era o tempo já começado. Às vezes, os pais pareciam presos nele quando esqueciam de nos responder, os olhos perdidos em um tempo em que não estávamos, em que nunca estaremos, o tempo de antes. As vozes dos convidados se misturavam para compor a grande narrativa dos acontecimentos coletivos, os quais, pouco a pouco, passamos a acreditar que tínhamos vivido.

Eles nunca se cansavam de contar daquele inverno de 1942, glacial, a fome e o nabo, as provisões e os vales de cigarro, os bombardeios

a aurora boreal que tinha anunciado a guerra

[...]

as vítimas vasculhando os escombros à procura de suas fotografias e de seu dinheiro [...]" (*ibid.*, p. 18-19)

A saída de um nada (*néant*, em francês), que vai assumindo progressivamente uma forma, diz respeito, a nosso ver, à saída dos primeiros anos de vida dos quais não guardamos recordações, como um breu na memória pessoal, para a entrada em um momento em que a consciência de si e dos outros, assim como as primeiras recordações, começam a adquirir contorno. Lembramos que Ernaux nasceu em 1940, mas fala de suas lembranças e vivências a partir do pós-guerra, provavelmente porque não tem recordações desse período histórico. Além disso, esboça-se aqui a consciência de um tempo já começado, isto é, a consciência de que já havia mundo, história e memória coletiva antes do nascimento do indivíduo em questão. Assim como há o tempo de antes, haverá também o tempo de depois: tempos que extrapolam a existência individual e que traçam a continuidade histórica e transgeracional.

Esse tempo de antes, da guerra, narrado nas refeições em família e vivido pelos familiares da escritora, também atua para a construção da memória coletiva, lembrando o *reminiscing* de Casey, em que as lembranças são mobilizadas oral e coletivamente ("eles nunca cansavam de contar"). Também nos faz pensar na configuração da família como o terceiro sujeito de atribuição da memória proposto por Ricoeur, para além do eu e dos coletivos, qual seja os próximos. Os próximos sendo um espaço intermediário entre a individualidade e a coletividade, aqueles que nos veem nascer e que nos verão morrer parecem estar representados em *Os anos* pela família, nas cenas das refeições. São eles que acompanharão a continuidade do tempo de antes para um tempo de depois, ou seja, a duração da passagem do tempo e da história.

Ainda na mesma passagem, constatamos que, ouvida por pessoas que sequer participaram da guerra, como pelas crianças, a memória é construída e poderá ser repassada como se elas mesmas tivessem vivido aquele acontecimento. Chamamos a atenção também para o espaço da “grande narrativa dos acontecimentos coletivos”, que, como veremos, perderá espaço nas refeições em família conforme forem passando os anos. Na listagem de eventos e fatos que remetem à Segunda Guerra, ressaltamos aqui a importância conferida às fotografias, procuradas pelas vítimas dentre os escombros, como elementos que também podem assegurar a transmissão das memórias pessoal e coletiva. Mais uma vez, não há dúvida de que as lembranças pessoais alimentam a memória coletiva e que esta depende da primeira para ser narrada.

Logo a seguir, a frase “Tendo como pano de fundo comum a fome e o medo, as histórias eram contadas com o uso do ‘nós’, dos pronomes indefinidos e construções impessoais”<sup>39</sup> (*ibid.*, p. 19) chama a atenção para uma narrativa que é contada sob o paradigma da coletividade, da impessoalidade, de acordo também com a própria proposta de *Les années* de escrita de uma autobiografia impessoal. Nos dois casos, o uso do *nous* e do *on* prevalece sobre o uso do *je*. É evidente que, nos anos 1940, no pós-guerra, segundo essa narrativa, era atribuído um valor importante à coletividade, ao compartilhamento das experiências e ao lembrar em conjunto: nós lembramos juntos e nós compartilhamos aquilo que nós vivemos juntos.

Imitavam o voo e o estrondo dos mísseis V2 rodando no céu e interpretavam o horror vivido, simulando as deliberações nos momentos mais dramáticos, *o que será que eu faço agora*, para manter a atenção de todos. [...] Era uma narrativa cheia de mortes, violência, destruição, contada com tanta alegria que parecia querer desmentir, em alguns momentos, a observação contundente e solene ‘uma coisa dessas não pode voltar a acontecer’, seguida por um silêncio, espécie de advertência contra uma instância obscura, o remorso pelo prazer. (*ibid.*, p. 20, destaques da autora)

Já a passagem acima, em complementaridade às anteriores, parece ao menos em um primeiro momento contrariar a impressão de Walter Benjamin (2012) em relação à queda definitiva da experiência após a Primeira Guerra Mundial. Ainda após a Segunda Guerra existe um espaço de narrativa e de transmissão oral relacionado às guerras, do que aconteceu durante esses períodos, seja nas batalhas ou não, em um esforço de recordação que se dá coletivamente. Ou seja, a possibilidade de transmissão do saber e da experiência às próximas gerações que não viveram diretamente a guerra ainda parece estar assegurada, segundo *Os anos*. E talvez o que

---

<sup>39</sup> Em francês, “Sur fonds commun de faim et de peur, tout se racontait sur le mode du ‘nous’ et du ‘on’” (ERNAUX, 2017, p. 23).



mais impressione em relação às observações de Benjamin seja a alegria aparentemente nostálgica que parece imperar na manutenção da memória da guerra por aqueles que dela participaram. Na mesa da infância de Ernaux, a guerra não é narrada pelo viés do trauma e parece, sim, ser uma experiência capaz de ser compartilhada, ao menos neste primeiro momento.

Mas só se falava sobre o que tinha sido testemunhado e que podia ser revivido enquanto comiam e bebiam. Ninguém tinha o talento necessário ou a convicção para falar sobre coisas que não tinha visto, embora fossem conhecidas. Assim, nenhuma palavra sobre as crianças judias entrando nos trens para Auschwitz [...] ou sobre os dez mil graus em Hiroshima. Por isso, a impressão que tínhamos — e que as aulas de história, os documentários e os filmes de depois não dissipariam — era de que nem os fornos crematórios nem a bomba atômica se situavam na mesma época da manteiga do mercado negro, dos alarmes e das descidas para se abrigar no porão. (*ibid.*)

Chama aqui também a atenção o fato de que os testemunhos, os relatos daquilo que foi presenciado pessoalmente, tenham mais valor para a manutenção da memória coletiva do que as aulas de história e documentários, o que se aproxima mais da visão de memória do que da visão de história de Nora (1984), ainda que o testemunhar, o fato de estar vivo quando algo ocorre, se aproxime mais da *Erlebnis* do que da *Erfahrung*, conforme coloca João Gabriel da Silva (2015). Está igualmente em questão o aspecto topográfico da memória: o mundo era menos global, e a vivência se prendia mais ao local e às técnicas da vida enraizadas na comunidade, o que faz também com que as lembranças estejam relacionadas à realidade imediatamente próxima daqueles que a viviam.

Logo após essa passagem, Ernaux narra que, enquanto comparavam as duas guerras, discutindo qual delas tinha mais heroísmo ou mais desgraça, seus familiares remontavam a tempos mais antigos, quando nenhum deles existia, para falar da Guerra da Crimeia, de 1870. A recordação de uma guerra ainda anterior, da qual nenhum dos presentes participou, aponta também para a manutenção da memória coletiva, capaz de atravessar gerações para continuar sendo narrada. No final da refeição, cantavam juntos músicas patrióticas francesas, fazendo referência às cores da bandeira.

A seguir, é interessante notar que as crianças, apesar de “não escutarem nada” das histórias contadas, guardavam tudo na memória, tendo até mesmo saudade dos dias não vividos da guerra:

As crianças não escutavam nada e tinham pressa para deixar a mesa logo que fosse permitido [...]. Porém, guardavam na memória todas aquelas histórias. Ao lado da época fabulosa — da qual entenderiam muito mais tarde a ordem dos acontecimentos,

a Debacle, o Êxodo, a Ocupação, o Desembarque, a Vitória —, consideravam sem graça a época em que cresciam. Lamentavam não terem nascido, ou ainda serem muito pequenos, quando era preciso partir em bando pelas estradas e dormir como nômades ao ar livre. Dessa época não vivida guardariam uma saudade persistente. A memória dos outros daria a eles uma nostalgia secreta por esse momento perdido por pouco, e a esperança de um dia poder viver tudo aquilo. (*ibid.*, p. 21)

São narrados então os anos do pós-guerra, dos objetos encontrados no meio dos escombros, das granadas deixadas para trás, do frenesi da Libertação, de um período de tumulto, festa, animação e liberdade. É um momento de desejos que deveriam ser realizados imediatamente e de todas as coisas que seriam feitas pela primeira vez desde a guerra. “Qualquer ocasião, profana ou religiosa, era motivo para todos se reunirem na rua, como se quisessem seguir vivendo coletivamente” (*ibid.*, p. 22). É também a primeira vez que Charles de Gaulle, protagonista da Segunda Guerra, é mencionado. Trata-se de um personagem histórico que, como outros, reaparecerá diversas vezes ao longo do livro, como uma forma de marcar a passagem do tempo e o correr da história. Nesta ocasião, De Gaulle está em cartazes envelhecidos pelas ruas, visto que a guerra já está se distanciando no passado.

Uma vez que Ernaux era criança nos anos 1940, temos um ponto de vista infantil sobre os acontecimentos históricos e nos é relatado muito sobre as brincadeiras na escola, a volta às aulas naquela época, lembrando que, a cada momento histórico narrado, temos acesso a um ponto de vista do grupo social ocupado no momento pela escritora — neste caso, o de criança no interior da Normandia naquela década.

As refeições em famílias também são palco nessa época, em *Os anos*, de uma narrativa sobre as origens, os laços familiares e a hereditariedade. Nesse sentido, Ernaux aproxima história familiar e história coletiva, o que é muito interessante, uma vez que podemos confirmar nossa compreensão da família como representante dos próximos, como um dos elementos possíveis de contato aqui entre memória pessoal e coletiva, intergeracional. Também se coloca a questão da polifonia, presente em Ernaux no sentido de procurar escutar as vozes da época.

Na polifonia ruidosa das refeições em família [...], chegava até nós, toda fragmentada e misturada às histórias da guerra, outra grande narrativa: das nossas origens. [...] História familiar e história coletiva são uma única coisa. (*ibid.*, p. 24-25)

Passavam de mão em mão as fotos amareladas pelo tempo com o verso manchado de tantos dedos que as tinham segurado em outros encontros, mistura de café e gordura que formava uma cor indefinível. Não dava para reconhecer nossos pais nem ninguém ao olhar os noivos sérios e rígidos [...]. Também não conseguíamos acreditar que nós éramos aquele bebê seminu sobre uma almofada, com o sexo escondido. Parecia outra pessoa, uma criatura que pertencia a um tempo mudo e inacessível. (*ibid.*, p. 26)

Mais uma vez as fotografias têm destaque em *Os anos*, indicando aqui não só a passagem do tempo, com o amarelamento das fotos, como também o espaço de compartilhamento e de manutenção da memória, através da ideia dos diversos dedos que a pegaram e das marcas e rastros que deixaram. O reconhecimento ou não daquele que se foi no passado, o *recognizing* para Ricoeur (2007), com a importância do reconhecimento para a lembrança, também está em questão, colocando novamente em xeque a visão estática e unívoca do sujeito.

A seguir, na passagem “Ao deixar de lado a guerra, ao redor da mesa infinita daquelas reuniões, em meio aos risos e exclamações, *vai chegar a nossa hora também, vamos aproveitar enquanto dá!*, a memória dos outros fazia com que também fizéssemos parte do mundo” (*ibid.*, destaques da autora), há uma ênfase explícita em relação à importância da memória dos outros para o pertencimento. Logo depois, Ernaux ressalta a relevância não só das histórias e das narrativas para a memória coletiva, como também dos gestos passados como herança de uma geração a outra e compartilhados em um determinado grupo social, servindo como uma espécie de memória corporal coletiva.

Não eram apenas as histórias que transmitiam a memória do passado, mas também os modos de caminhar, se sentar, falar e rir, chamar alguém na rua, os gestos de cada um ao comer ou segurar alguma coisa. Estes modos passavam de um corpo para o outro dos lugares mais remotos do interior da França e da Europa. Uma herança que era invisível nas fotos e que, para além das diferenças individuais e da distância entre a bondade de alguns e a maldade de outros, unia os membros da família, os moradores do bairro e todos aqueles que, segundo diziam, eram gente como a gente. Um repertório de hábitos, um somatório de gestos moldados pela infância passada no campo e a adolescência nas oficinas, antecedidas por outras infâncias, indo assim até o esquecimento. (*ibid.*, p. 26-27)

No fim da narrativa impessoal da época aberta pelas terceira e quarta fotos, nos anos 1940, durante a infância de Annie Ernaux, também é dada atenção às diferentes línguas em que o francês consistia na época: uma língua falada, do povo, e uma língua “correta”, da escola, cada uma delas tendo um valor e estando associada a uma transmissão de saberes e crenças. Embora essa língua falada ligasse a geração dos filhos à dos pais, as crianças tinham o privilégio de estar indo à escola, e notava-se também uma mudança em relação à percepção da passagem do tempo: “Porém, ao contrário dos nossos pais, nunca deixamos de ir à escola para plantar colza, colher maçãs ou buscar lenha. O calendário escolar tinha substituído o ciclo das estações” (*ibid.*, p. 29). Por fim, na escola, a passagem dos cadernos e livros de uma turma para

a outra, ainda com as anotações dos alunos anteriores, servia também como uma espécie de herança.

### 3.1.3 Foto 5: no ritmo da bicicleta

A quinta foto descrita por Ernaux é uma foto em preto e branco de uma menininha de quase nove anos na praia. Como sempre, faz-se referência a essa menina, que sabemos ser Ernaux, na terceira pessoa, por meio do pronome *ela*. A partir da descrição da pose e da expressão dela na foto, a escritora constata que “a cena mostra um desejo de posar como as estrelas da revista *Cinémone* ou de um comercial de protetor solar e de escapar daquele corpo de menina, humilhante, sem a menor importância” (*ibid.*, p. 30). O desejo rememorado é mais uma manifestação da conexão entre memória pessoal e coletiva que estamos buscando retrair neste trabalho: ao mesmo tempo em que o suposto desejo diz respeito àquela menina específica, pode-se imaginar que se tratava de um desejo compartilhado por toda uma geração, por dizer respeito à cultura, ao imaginário da época e especialmente à publicidade, que também se torna, como veremos, uma espécie de arqueologia da memória. Para além da época, acreditamos que o desejo dessa pré-adolescente de deixar a infância mais rapidamente e experimentar a vida enquanto adulta seja bastante comum dessa idade e perpassasse diversas gerações, podendo então ser considerado algo do âmbito da coletividade.

A foto em questão data de agosto de 1949 e foi tirada em Sotteville-sur-Mer, praia da Normandia, na França. É frequente, na menção às fotos ao longo de *Os anos*, a referência ao verso da foto, onde estão anotados normalmente a data da foto, o local em que foi tirada e eventualmente as pessoas presentes na foto. Acreditamos que se, por um lado, a captação da imagem em que consiste a fotografia é a captação de um presente destinado a virar passado e história, por outro, o verso da fotografia funciona como uma espécie de avesso da história, que narra e se refere a um tempo já definitivamente inscrito no passado.

Ernaux se refere aqui também à dificuldade de saber o que se passava na cabeça dela, da menina da foto, lembrando mais uma vez a ideia de que aquela que narra não é a mesma que já foi um dia ou ainda que o esquecimento é inevitável no processo de recordação, impressões confirmadas pela frase que vem logo a seguir: “Talvez não tenha restado mais nenhuma outra imagem além destas que resistiram à dispersão da memória” (*ibid.*, p. 31). Parece-nos, na frase anterior, que a natureza representada da memória é justamente a da dispersão e do esquecimento, e não a do armazenamento. Mais adiante, um trecho que recupera a mesma impressão e o mesmo estranhamento em relação àquela que foi um dia:

A única certeza era seu desejo de ser mais velha. E a ausência completa da seguinte lembrança: a primeira vez em que viu uma foto de um bebê de camisola sentado em cima de uma almofada, entre outras fotos idênticas, ovais e de cor castanha, e disseram a ela: “esta aqui é você”, fazendo com que fosse obrigada a ver a si própria naquele ser gorducho que tinha vivido uma existência misteriosa naquele tempo passado. (*ibid.*, p. 32-33)

Ganham destaque, nesse momento, diversas lembranças da escola, “aqueles anos da escola que ficaram para trás” (*ibid.*, p. 31), bastante voltadas para a memória pessoal, fazendo-nos pensar que as crianças estão muito mais centradas em sua esfera individual e no seu arredor, envolvidas com os próximos, do que estarão os adultos, que se conectam mais com os acontecimentos do mundo, com as notícias, com os eventos que costumam ser vistos como históricos: “Sem dúvida, não há nada em sua cabeça que se ligue a acontecimentos políticos e *faits divers*, àquilo que mais tarde ficará claro que pertence à paisagem da infância, um conjunto de coisas sabidas e genéricas” (*ibid.*, p. 32). Assim, as lembranças dessa época dizem respeito a alguns acontecimentos da escola, brincadeiras com as colegas de aula, passeios feitos em turma, sem deixar de haver menções a lembranças que poderíamos tomar como coletivas, como as competições de ciclismo do Tour de France ou, quando estava em um passeio na praia com uma tia e presenciou soldados mortos na guerra sendo desenterrados para serem enterrados novamente em outro local.

Também devemos nos ater à representação que é feita da França nos anos de infância de Ernaux, já no final dos anos 1940. Devido à dificuldade de locomoção dentro do país e em um tempo em que as viagens não eram acessíveis para sua classe social, a França é narrada como um país enorme, com regiões muito diversas entre si e onde seus habitantes levam suas vidas limitadas a espaços mais restritos: “A maior parte das vidas se desenrolava dentro do mesmo perímetro de uns cinquenta quilômetros. [...] O exótico começava na cidade grande mais próxima. O resto do mundo era irreal” (*ibid.*, p. 33). Além disso, a capital, Paris, era vista como um local inacessível, belo e poderoso, e quem já tivesse, por acaso, colocado os pés na capital era dotado de uma aura de superioridade. No lugar da viagem, a família acompanha o deslocamento dos ciclistas do Tour de France em um mapa colado na parede da cozinha. É possível notar, ao longo do livro, que a percepção da narradora em relação ao tempo e ao espaço muda, e acreditamos que isso se deva não apenas à mudança de idade e conseqüente visão do mundo, como também ao desenvolvimento e popularização dos meios de transporte, a uma aceleração do tempo e ao progressivo processo de globalização.

Neste período englobado pela quinta foto, aparece pela primeira vez a relação das pessoas com as compras e o consumo, outro aspecto que será retomado ao longo de toda a narrativa. Segundo *Os anos*, no final dos anos 1940, as coisas duravam muito tempo e não eram facilmente descartadas: “Tudo o que havia nas casas tinha sido comprado antes da guerra. [...] Tudo deveria durar por muito tempo. [...] Nada era jogado fora” (*ibid.*, p. 34). Assim, as mesmas panelas eram usadas por muito tempo, mesmo depois de perderem o cabo e o esmalte; as roupas eram remendadas diversas vezes, repassadas para os irmãos; mesmo aquilo que hoje tomamos como descartável, como fezes ou jornais, eram reutilizados: no primeiro caso para adubar as plantas e no segundo caso para embrulhar legumes, secar os sapatos por dentro e se limpar no banheiro.

Vivíamos uma situação de penúria. De objetos, de imagens, de distrações, de explicações para a própria existência e para o mundo, limitadas ao catecismo e aos sermões [...], às histórias que as mulheres contavam de suas vidas e da vida dos vizinhos durante a tarde, tomando uma xícara de café. As crianças acreditavam em Papai Noel por muito tempo e também que os bebês vinham de dentro de uma rosa ou de um repolho. (*ibid.*, p. 34-35)

Isto é, não só as viagens se davam em um espaço mais restrito, como também circulavam em um espaço mais limitado as histórias e as notícias. Era uma época em que o compartilhamento das narrativas e das crenças também ecoava mais. Por fim, Ernaux menciona outros aspectos relacionados à sensação da passagem do tempo na época, como o fato de a vida ser pautada por “um ritmo regular”, em que o silêncio estava bastante presente, em que a bicicleta media a velocidade da vida e em que se vivia muito próximo à merda (cf *ibid.*, p. 35). Assim, começamos a notar que a narrativa de *Os anos* revela que a memória também está ligada à velocidade e ao ritmo da vida. Uma vida circular, uma vida em que as coisas são reaproveitadas, é uma vida mais lenta, o que contrastará, como logo perceberemos, com as formas de narração da vida acelerada do pós-guerra.

### **3.1.4 Foto 6: Reconstrução**

O tempo abarcado pela quinta foto se encerra falando da mortalidade infantil, comum nos anos 1940, e da fragilidade da saúde das “crianças da guerra”, ameaçada por doenças como coqueluche, rubéola, sarampo, tuberculose, meningite, otites, bronquite. Logo em seguida, entramos na sexta foto, que se diferencia em relação a todas as outras dezesseis descritas em *Os anos*. É a única foto que não segue a ordem cronológica de passagem do tempo, pois volta

para o ano de 1937, e é a única em que a pessoa presente e descrita na fotografia não é Annie Ernaux, mas sua irmã, que ela não chegou a conhecer, pois a menina faleceu aos seis anos de difteria, antes mesmo de Ernaux ter nascido<sup>40</sup>. Assim, estabelece-se uma relação entre a mortalidade infantil recorrente na época e a perda de uma irmã ainda criança na família, havendo novamente uma aproximação entre as esferas coletiva e pessoal. A foto descrita da irmã é “deteriorada e fora de foco”, lembrando a questão da passagem do tempo abordada anteriormente, e apresenta a “irmã mais velha da menina na praia de Sotteville-sur-Mer” (*ibid.*, p. 36), a mesma da quinta foto (Annie Ernaux).

Apesar de voltar aos anos 1930, na ocasião da descrição da foto, a narrativa segue avançando cronologicamente após esse momento, tratando do pós-guerra e da reconstrução.

Os prédios da Reconstrução se erguiam da terra em meio aos rangidos intermitentes das guas em rotação. Os dias de penúria chegavam ao fim e os novos produtos começavam a surgir, com um ritmo tão espaçado que todos podiam ser recebidos com surpresa e alegria. Nas conversas, as pessoas avaliavam e discutiam a utilidade de cada um deles, que se materializavam como nas fábulas: inesperados e imprevisíveis. (*ibid.*, p. 37)

Aqui, a ideia de progresso, relacionada ao barulho das guas e ao aumento da oferta de produtos, começa a tomar o lugar dos escombros, da penúria e das doenças. O consumo começa a aumentar, com o surgimento de diversos produtos descartáveis, como canetas Bic, absorventes internos Tampax e xampus em pote, em um movimento contrário do que se observava há pouco tempo, com os objetos que eram feitos para durar muito tempo e que não podiam ser jogados fora. O descartável e o novo invadem o mercado e passam a ser preferidos aos produtos do passado: “Preferíamos as conservas aos produtos frescos, achando mais chique servir pera em calda em vez de fresca, e ervilhas em lata, e não as do jardim” (*ibid.*, p. 38). Trata-se de um momento em que a caminhada para o progresso parece ser um movimento natural e inevitável.

O progresso estava no horizonte de cada existência. Significava ter bem-estar, as crianças com saúde, a casa com luz elétrica e as ruas bem iluminadas, o saber, tudo aquilo que nos afastava da escuridão do campo e da guerra. O progresso estava no plástico e na fórmica, nos antibióticos e nos benefícios sociais, na água corrente saindo da pia e no saneamento básico, nas colônias de férias, na continuação dos estudos e no átomo. (*ibid.*, p. 39)

---

<sup>40</sup> O livro *L'autre fille* (2011), de Annie Ernaux, consiste em diversas cartas escritas para essa irmã que nunca chegou a conhecer.

Além desses produtos novos e descartáveis, criados com o objetivo de facilitar e melhorar a qualidade de vida das pessoas, começam a ganhar destaque também produtos que não servem diretamente para a subsistência, mas que estavam mais destinados ao prazer, como o chocolate ao leite com avelã, ou ao aprimoramento da aparência, como os cremes clareadores de pelos. Nesse sentido, começa a se delinear um movimento, que se estenderá ao longo das próximas décadas, em direção a uma sociedade mais individualista. Percebemos essa tendência de uma priorização e valorização da performance individual na seguinte passagem: “Começava a haver uma preocupação com o caráter digestivo dos alimentos, com as vitaminas e com a forma física” (*ibid.*, p. 38).

Junto com a efusão acerca da comercialização de artigos novos e modernos, vem o crescimento da publicidade, veiculada nas rádios ou nos alto-falantes das lojas, e em breve nas televisões. Os anúncios, segundo Ernaux, expressam um “entusiasmo imperativo” (*ibid.*, p. 38) e uma “certeza da felicidade futura” (*ibid.*), vinculados também à expectativa de progresso. Sabemos que, assim como as fotos pessoais, a lembrança das canções é muito importante na reconstrução da memória coletiva proposta por Ernaux. Tendo isso em conta, é extremamente pertinente atentarmos para o fato de que diversas canções evocadas pela autora nessa época, as canções que marcaram este tempo para ela, são *jingles* de anúncios publicitários: “*Lévitan, móveis com garantia por muito mais tempo! Chantelle, a cinta que não sobe! Óleo Lesieur é três vezes melhor! Ela cantava alegremente dop dop dop adote o xampu Dop, Colgate é saúde, Colgate pro dente [...]*” (*ibid.*, destaques da autora).

Acreditamos que a associação dessa época aos *jingles* publicitários aponta não só para o impacto que o desenvolvimento do comércio teve na ocasião, como também para aquilo que está constituindo a memória coletiva. Se há pouco tempo as canções giravam em torno da guerra e tinham forte caráter patriótico, permitindo lembrar em conjunto experiências vividas coletivamente, não é trivial perceber que essas canções estejam sendo substituídas por melodias que têm por intenção não rememorar e transmitir a própria história e a história dos seus, mas vender. Podemos pensar ainda que, se antes as canções e memórias se formavam em torno de um coletivo que era do tamanho da família ou no máximo da vila, agora, com o crescimento econômico e a publicidade, a memória coletiva deixa de ser algo tão específico para assumir o caráter genérico dos produtos publicitários, o que muda qualitativamente a relação das pessoas com o local da memória e com o próprio sentimento de pertencimento a um lugar.

Também notamos nesta ocasião uma mudança em relação à percepção da passagem do tempo. Se há alguns anos era a bicicleta que media a velocidade da vida das pessoas, pautada por um ritmo regular, começava agora a surgir uma preocupação em não se “perder tempo”.



Nota-se assim uma aceleração da percepção temporal: “era inacreditável o tempo economizado com as sopas em saquinhos já prontas, a panela de pressão e a maionese em tubo” (*ibid.*, p. 38). Quanto mais prático, mais rápido e moderno, melhor. A descartabilidade dos objetos, o aumento do consumo, a consolidação da publicidade e a aceleração do tempo são elementos que começam a se tornar mais evidentes na narrativa acerca dos anos 1950 em uma tendência que, como veremos, se intensificará nas décadas seguintes.

Todavia, ao mesmo tempo em que se observava esse suposto avanço e desenvolvimento, bem como uma maior oferta e diversidade de produtos que chegavam às vitrines, a realidade da vida das pessoas no interior da França não tinha mudado muito: as famílias seguiam tendo que dormir no mesmo quarto, sem banheiro dentro de casa, tomando banho de bacia; os absorventes eram feitos de tecido, faltavam dentes em todas as bocas e os estudos eram vistos com desconfiança, podendo até mesmo deixar as pessoas loucas (cf. *ibid.*, p. 40). Havia um abismo entre o mundo criado e veiculado pela mídia e pela publicidade e o mundo em que vivia Ernaux: “O curso dos dias seguia igual, pontuado pelo retorno das mesmas distrações, que não obedeciam à abundância e à novidade das coisas” (*ibid.*).

Ainda em relação ao tempo, percebemos outra aparente contradição. Por um lado, a troca das estações, que antes era marcada pelas transformações da natureza, começa agora a ser marcada pelas liquidações sazonais. Por outro, ainda era “a religião [que] estava na base da vida das pessoas e [que] era responsável por estabelecer o tempo” (*ibid.*, p. 41), em eventos como a quaresma, a páscoa, as missas de domingo, no que diz respeito à passagem dos dias e dos anos, mas também em cerimônias como a primeira comunhão e o casamento, consistindo em rituais que marcam a passagem das diferentes etapas da vida. Isto é, se por um lado o tempo começa a ser pautado pelo desenvolvimento, por supostos símbolos do progresso, ainda se percebe um vínculo às tradições e aos rituais, celebrados na coletividade, em um paradoxo que não acreditamos que se dissolverá por completo com a passagem das décadas seguintes.

Essa coexistência contraditória entre a modernidade e uma suspeita em relação a ela, observada aqui em *Os anos*, se alinha à tese de Latour (1994) de que jamais fomos modernos. Segundo o autor, existe uma contradição inerente ao processo de modernização, que se dá a partir da sobreposição de uma lógica moderna sobre os costumes arraigados na memória coletiva, que é, ainda, para alguns efeitos, “pré-moderna”. Assim, podemos entender a modernidade, conforme Latour, como um projeto que se estende sobre essas práticas arraigadas assimilando-as, sem destruí-las por completo. Desse modo, acreditamos que seja essa tensão que está em jogo na coexistência observada entre essas tendências opostas, como o progresso

e a penúria, a modernidade e a religiosidade, presente também na percepção da ordem do misterioso e da mágica em relação aos novos produtos disponíveis no mercado:

Tínhamos todo o tempo do mundo para desejar as coisas [...]. E quando tínhamos algumas delas, não nos decepcionávamos. Exibíamos para os outros admirarem. Elas guardavam um mistério e uma magia que não se esgotavam na contemplação ou manipulação. Mexendo e remexendo-as, continuávamos esperando delas algo desconhecido, mesmo depois de possuir esses objetos. (*ibid.*, p. 39)

Quando observamos as frases comumente ditas pelas pessoas nessa época, segundo *Os anos*, também notamos essa mesma ambivalência: ao mesmo tempo em que, ao se falar do progresso e dos ditos avanços da década de 1950, se dizia que “é preciso *pertencer ao seu tempo*” (*ibid.*, p. 39, destaques da autora) e acompanhar as mudanças, se dizia também, ao falar da realidade precária e mais conectada com a religiosidade do interior, que “os tempos não são os mesmos para todos” (*ibid.*, p. 40). Ao mesmo tempo em que Ernaux fala em “superfície das coisas inalteráveis” (*ibid.*, p. 47), ela lembra que “As pessoas diziam ‘as coisas mudam’” (*ibid.*, p. 48).

Ernaux observa também que, se na indústria e no comércio as mudanças estavam ocorrendo rapidamente, na escola não ocorriam grandes transformações. A instituição escolar, ainda pouco acessível, é narrada como um “lugar de transmissão de um saber imutável” (*ibid.*, p. 42), em que o mesmo “bloco de conhecimento” deveria ser repassado a todos e em que “os programas dos cursos nunca mudavam” (*ibid.*, p. 43). Da mesma forma, a crescente ansiedade em relação ao comércio, acompanhada de palavras de ordem como iniciativa e dinamismo, convivia com valores conservadores e patriarcais, como os de valorização do trabalho, do esforço, da coragem, do heroísmo, do amor pela família e pela pátria, da admiração pelos generais e pelos colonizadores (cf. *ibid.*, p. 48). Desse modo, a sexta foto de *Os anos* nos parece descrever uma época de mudanças, marcada por diversas tensões e ambiguidades.

### **3.1.5 Foto 7: adolescência nos anos 1950**

A sétima foto, também em preto e branco, foi tirada em julho de 1955, no jardim do internato Saint-Michel. Nela, encontram-se duas moças adolescentes, uma loira e uma morena (Ernaux). Ao falar desta foto, é retomado o questionamento acerca de Ernaux ser ou não a mesma do passado. Contudo, entra também em questão uma percepção interessante: talvez a adolescente da foto e a mulher idosa que está escrevendo não sejam em muitos aspectos a mesma pessoa; todavia, o que as liga é a mesma memória que compartilham e que faz com que

a mulher mais velha consiga ter muito mais informações sobre a vida que aquela moça levava do que a foto permite mostrar.

Mesmo que não se reconheça na moça morena aquela menina de tranças na praia, que poderia tranquilamente ter se transformado na loira, é ela, e não a loira, que foi um dia aquela consciência captada naquele corpo, com uma memória única, dado que permitia saber que os cabelos cacheados eram resultado de uma permanente, ritual que, depois da Primeira Comunhão, ela sempre fazia em maio; que a saia dela tinha sido cortada de um vestido do verão anterior que ficou apertado, e que o pulôver tinha sido tricotado por uma vizinha. (*ibid.*, p. 49)

A frase seguinte a essa passagem também nos interessa por iluminar o projeto de construção da memória coletiva a partir das percepções e sensações vividas individualmente. Trata-se da história tal qual ela é vivenciada:

É por meio das percepções e sensações vividas por esta adolescente morena de óculos de catorze anos e meio que a escrita pode registrar parte dos acontecimentos que perpassavam os anos 1950 e captar o reflexo da história coletiva projetado na tela da memória individual. (*ibid.*)

Da mesma forma, é o reflexo da história coletiva projetado na tela da memória individual que permite que Ernaux escreva sobre suas memórias e, logo, sobre a memória coletiva. Do ponto de vista do projeto de escrita ernausiano, sem essa projeção provavelmente não seria possível delinear essa história da coletividade.

Em seguida, ao descrever as roupas que usava na foto, constata que elas não correspondiam à moda dos anos 1950 ou à representação que temos hoje das vestimentas dessa época. E a partir disso observa que aquelas fotos antigas, para quem olha para trás, se confundem em uma massa indistinta do passado. E ressalta, ao dizer que o ano de 1955 não poderia ser confundido com nenhum outro, que a vivência da história, anterior à sua narração ou ao olhar para o passado que permitiria equivaler tudo, é muito singular.

A foto poderia datar do fim dos anos 1940 ou do início dos 1960. Aos olhos de todos aqueles que nasceram depois, ela é simplesmente antiga, faz parte da pré-história de si, onde todas as vidas precedentes se nivelam. Porém, a luz que ilumina uma parte do rosto da moça e o pulôver, na região entre os seios que despontam, provocou nela uma sensação de calor de um sol de junho de um ano que, tanto para os historiadores como para aqueles que viveram a época, não pode se confundir com nenhum outro, 1955. (*ibid.*, p. 50)

Esse período introduzido pela sétima foto se passa ao longo da adolescência de Ernaux e, por isso, evoca diversos elementos relacionados a essa época da vida, tais como: questões ligadas à sexualidade, como pensar nos meninos ou querer ser cortejada; o tabu em torno da

masturbação, único contato com a sexualidade possível em um momento em que o sexo antes do casamento era algo inaceitável; sair com as amigas, mas respeitando o horário de retorno imposto pela mãe, entre outros: “Passear na cidade grande, sonhar, ter orgasmos e esperar, eis um resumo possível de uma adolescente morando no interior” (*ibid.*, p. 51). Esse resumo fala de sua adolescência, mas também do que era ser adolescente, integrar esse grupo social, no interior da Normandia nos anos 1950.

Ernaux também se questiona sobre o que sabia, o que lembrava e no que pensava na época, e a partir disso começa a enumerar alguns fatos, no formato de lista já proposto desde a introdução, que marcaram os anos 1950, como a queda de Dien Bien Phu ou a grande greve de trens no verão de 1953. Nisso, também vêm à tona lembranças que dizem respeito à memória pessoal e coletiva, como “a morte de Stalin anunciada no rádio em uma fria manhã de março, bem na hora de ir para a escola” (*ibid.*, p. 51), no que parece ser uma exemplificação da sombra da memória coletiva projetada na tela da memória individual. Aqui também é feita uma menção ao padre Abbé Pierre, sendo esse um personagem que aparecerá diversas vezes ao longo de *Os anos*, ocupando o lugar de uma figura importante na memória coletiva da França, tal como o general De Gaulle.

Em dado momento, Ernaux fala sobre as memórias não oficiais, onde são guardadas as coisas impensáveis, vergonhosas ou difíceis de formular (cf. *ibid.*, p. 52), como a mancha marrom em um lençol herdado da avó, uma cena a agressão do pai contra a mãe ou ainda a lembrança muito peculiar de um dia em que Ernaux passava por um terreno baldio e viu uma menina brincando de enfiar o pé na argila empapada de água. Mais tarde, voltando a passar pelo mesmo lugar, percebeu que as pegadas da menina tinham ficado marcadas na terra e que ali permaneceram por meses (cf. *ibid.*, p. 53). Essa lembrança das pegadas na argila remete, a nosso ver, aos rastros deixados pelas pessoas que vão fazendo a história, ainda que se trate de uma história não-oficial. Pelo que podemos constatar, a memória coletiva que Ernaux busca reconstruir não é apenas a memória dos grandes fatos e acontecimentos, como também a de eventos não reconhecidos como notáveis.

Neste momento do livro, é a presença dos adolescentes na mesa que tem destaque nas refeições em família, visto que o ponto de vista da narração depende do momento da vida em que se encontrava a escritora na época abordada. Assim, antes, nas refeições, as crianças já se levantavam e iam brincar logo após comer, enquanto agora os adolescentes já ficavam na mesa para conversar e eram autorizados a beber e a fumar na hora da sobremesa, o que marcava “o início da entrada deles no círculo dos adultos” (*ibid.*, p. 54). Além de acompanharmos o crescimento de Ernaux e a passagem por diferentes fases da vida, acompanhamos também

como cada grupo social interagiu e socializava na época, além da transformação por que passavam as refeições em família em si.

Depois dos comentários sobre os pratos que comíamos — que despertavam lembranças dos mesmos pratos que tinham sido comidos em outras circunstâncias — e das dicas sobre a melhor maneira de prepará-los, as conversas à mesa se voltavam para a existência dos discos voadores, o Sputnik, quem iria primeiro à Lua, americanos ou russos, os alojamentos de emergência construídos por Abbé Pierre, e o alto custo de vida. A guerra acabava voltando à cena. Lembravam-se do Êxodo, dos bombardeios, as privações do pós-guerra [...]. Aquela era a história do nosso nascimento e da nossa primeira infância, que ouvíamos com uma nostalgia indefinível [...]. Contudo, no tom de voz havia certo distanciamento. Alguma coisa se fora com a morte dos avós que tinham vivido as duas guerras, o crescimento das crianças, a reconstrução completa das cidades, o progresso e os móveis pagos à prestação. As lembranças de privações da época da Ocupação e da infância vivida no campo se distanciavam para um passado longínquo. Havia uma convicção real de que a vida estava melhor. (*ibid.*, p. 54-55)

Além da referência às discussões que marcaram os anos 1950, como a corrida espacial, percebemos uma transformação em curso nos encontros em família. Na passagem anterior, notamos que a Segunda Guerra, tão presente até há pouco tempo nas discussões à mesa, tornava-se distante com a morte dos avós, com a passagem dos anos e com as mudanças da cidade, como constatava Walter Benjamin (2012) após a Primeira Guerra. Em um próximo momento, fazendo menção aos franceses mortos nas guerras da Indochina e da Argélia, sobre as quais nem se falava muito, é dito que: “Eram tragédias individuais, mortes isoladas. Não havia inimigo, nem combatente ou batalha. Nem mesmo um sentimento de guerra” (*ibid.*, p. 56).

Assim, há uma clara diferença no que toca à relação e à narrativa sobre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, de um lado, e as guerras da Indochina e da Argélia, de outro. Enquanto as duas primeiras foram, segundo Ernaux, vividas e rememoradas coletivamente, seja na rememoração das histórias da guerra ou nas canções cantadas à mesa, as duas últimas não formavam experiência, no sentido benjaminiano, e sua percepção, conforme *Os anos*, parecia muito difusa, desinteressada, e tida mais como um acontecimento individual do que como uma experiência vivida e compartilhada coletivamente: “Ninguém falava sobre os campos de concentração. [...] O assunto tinha virado uma desgraça pessoal. Na hora da sobremesa, ninguém cantava mais as canções patrióticas de depois da Libertação” (*ibid.*, p. 56). As noções de nação e coletividade começam a erodir, e já não parece haver uma manutenção da memória coletiva realizada pelos membros da família. Além disso, as canções perdem seu espaço na mesa, e os jovens estão mais interessados nas músicas em inglês que estão fazendo sucesso e que não seriam bem recebidas pela família à mesa. Assim, as mudanças sociais

conforme as épocas são representadas e afetam as relações familiares, representadas aqui nas refeições feitas em conjunto.

Junto à menção às guerras da Indochina e da Argélia, cujo objetivo é restabelecer a ordem nas colônias francesas, temos aqui a primeira referência à xenofobia e ao preconceito contra os imigrantes na França, sobretudo contra os magrebinos, frequentemente chamados de árabes, em um movimento que se intensificará com o passar dos anos. Nesta ocasião, a narrativa é feita do ponto de vista do colonizador. Por fim, esse momento introduzido pela sétima foto em *Os anos* enumera diversos aspectos culturais que marcaram os anos 1950 na França, como o existencialismo, Brigitte Bardot, James Dean, Prévert, Brassens, Elvis Presley, o livro *Bonjour tristesse*, a vitrola, o jazz, a música gospel, o rock'n'roll e as músicas em inglês que aos poucos iam tomando o lugar das músicas em francês. Sem dúvida, a menção frequente às canções cria uma trilha sonora para o leitor e recria o ar de cada época em *Os anos*.

### **3.1.6 Foto 8: sociedade de lazer e de consumo**

A oitava foto do livro, tirada em 1957, em Yvetot, mostra uma moça, Ernaux, de dezesseis anos. O que mais se destaca na descrição da fotografia é a atenção dada ao corpo, sobretudo à forma das curvas, das coxas, das pernas, dos seios, indicando as mudanças decorrentes da puberdade. Nessa época, Ernaux já escrevia diários e, apesar de já ter mais consciência a respeito de questões sociais e da classe social à qual pertencia, diz que suas lembranças e seus registros da época se centram ainda muito em sua vida pessoal e pouco em acontecimentos políticos e globais. Ao situar a Guerra Fria e a continuação da Guerra da Argélia neste contexto do final dos anos 1950, afirma justamente que “Sem dúvida, ela [...] recebe informações e notícias do mundo deste mesmo modo refratário, misturando sensações, sentimentos e imagens — sem nenhum sinal da ideologia das coisas” (*ibid.*, p. 63).

Até agora demos bastante atenção ao olhar retrospectivo, que se volta para o passado e para as lembranças, e nos detivemos pouco sobre as projeções e as expectativas em relação ao futuro, que também aparecem em algumas circunstâncias em *Os anos*. No período englobado pela sétima foto, os dias futuros não pareciam ter forma definida: “O futuro é imenso demais para que ela imagine como será. Um dia ele vai chegar, e pronto” (*ibid.*, p. 53). Já aqui, logo após descrever a oitava foto, Ernaux fala sobre como se imaginava quando adulta: seria professora, encontraria o grande amor, seu corpo e sua aparência corresponderiam aos das modelos de revistas femininas. Além disso, ela teria um carro, sinal máximo de emancipação e de liberdade do momento, o que estava alinhado também com o discurso de progresso e com

a crescente facilidade de deslocamento de um lugar a outro. Apesar de visualizar quem gostaria de se tornar quando mais velha, diz que “a vida dela depois da escola é uma escada que se perde na neblina” (*ibid.*, p. 61). Ou seja, ainda que os projetos e os sonhos comecem a se tornar mais claros, viabilizando uma projeção mais delineada do que está por vir, resta sempre o caráter indefinido e imprevisível do futuro.

O aumento do consumismo, bem como da substituição e da descartabilidade dos objetos, descritos na sexta foto, segue seu rumo.

As pessoas acreditavam ter uma vida cada vez melhor graças às coisas que tinham. De acordo com as possibilidades de cada um, trocavam o forno a carvão por um fogão a gás, a mesa de madeira forrada com uma toalha protetora por uma com tampo de fórmica, o carro de potência de quatro cavalos por um Dauphine, substituíam o barbeador mecânico e um ferro de passar por seus equivalentes elétricos, os utensílios de metal pelos mesmos de plástico. O item mais desejado de todos, e também o mais caro, era o carro, sinônimo de liberdade e de domínio completo do espaço, de certa maneira, do mundo. Aprender a dirigir e tirar carteira de motorista eram uma vitória, saudada por todos como ter um diploma. (*ibid.*, p. 64)

O aprimoramento das coisas tinha que acompanhar também o aprimoramento das pessoas, que se inscreviam em cursos à distância para aprender novas habilidades, como desenho, inglês, jiu-jitsu ou secretariado. Dizia-se que “hoje em dia [...] é preciso saber mais do que antes” (*ibid.*, p. 64), isto é, nem só os carros, o fogão e os utensílios domésticos tinham que performar melhor, atestando sua modernidade, como também os seres humanos. O entusiasmo em relação a esse movimento de modernização é evidente e vai se confirmando ao longo das épocas, em *Os anos*.

Junto com a mudança da percepção temporal, sobre a qual falamos anteriormente, vem a alteração da percepção espacial. Se na infância de Ernaux a circulação se restringia à própria cidade ou às cidades vizinhas, e as realidades se resumiam a um espaço mais delimitado, agora as pessoas já viajavam mais dentro da França e começavam a ir para o exterior de férias. O próprio conceito de férias, aliás, já faz parte da inauguração da sociedade de lazer (cf. *ibid.*, p. 64), que, saindo do período de penúria após a guerra, começa a ter mais espaço para o prazer. Ao mencionar as praias, Ernaux se refere aos corpos de biquínis no domingo, “expostos ao sol em meio à indiferença ao mundo” (*ibid.*). Acreditamos que essa indiferença em relação ao mundo e aos outros venha acompanhada de um aumento do individualismo, que vai tomando aos poucos o lugar dos momentos compartilhados coletivamente.

No âmbito político, no final dos anos 1950, as pessoas já estavam cansadas e queriam paz na guerra da Argélia. Quando houve o golpe de estado de 13 de maio em Argel, a narradora de *Os anos* conta que se esperava que o general De Gaulle ressurgisse e viesse salvar a França

novamente, tendo sido uma figura importante na Resistência durante a ocupação da França na Segunda Guerra. Como já vimos, Charles de Gaulle é um desses personagens históricos recorrentes em *Os anos*, cuja função é contribuir para a construção da história da memória coletiva, mas também marcar a passagem do tempo. Aqui, por exemplo, De Gaulle já não é mais um herói, que estampava cartazes na rua depois da Segunda Guerra, mas um idoso.

Nós, que tínhamos a lembrança do rosto magro debaixo do quepe, o pequeno bigode de antes da guerra, estampado nos cartazes da cidade em ruínas, e que não tínhamos ouvido a chamada de 18 de junho, ficamos aturdidos e decepcionados ao ver as bochechas caídas e as sobrancelhas espessas de burocrata acomodado, aquela voz tomada pelo tremor de um idoso. (*ibid.*, p. 65)

Há como uma nostalgia da figura mais jovem do general e a percepção de que as pessoas simbolicamente importantes para a memória coletiva de um povo se transformam, envelhecem e morrem, enquanto seguem surgindo novas pessoas que se tornarão também símbolos históricos.

Adolescente, no final do ensino secundário, já tendo passado pelo *baccalauréat*, prova de conclusão dessa etapa escolar na França, Ernaux fala mais uma vez da grande espera que atravessava a adolescência: a espera do amor, do sexo, do fim das férias, da faculdade. Trata-se de mais uma situação em que a percepção acelerada do tempo, que vem sendo relatada com o passar dos anos, não impera. Ela conta que os jovens que não tinham dinheiro para fazer viagens à Inglaterra ou à Côte d'Azur trabalhavam como monitores de colônias de férias em outras regiões da França, cuidando de crianças. Esse, que era o primeiro trabalho para muitos adolescentes, marcava um momento em que eram assumidas novas responsabilidades: era a primeira vez longe da casa dos pais e da própria cidade, a primeira vez que ganhavam o primeiro salário e a ocasião em que recebiam o número de previdência social. Além disso, para Ernaux, foi o contexto em que perdeu a virgindade, história que aprofunda no livro *Mémoire de fille* (2016). Sobre isso, Ernaux diz: “Mas uma coisa era certa, nunca mais daria para lembrar como era o mundo antes de experimentar ter um corpo nu encostado no seu” (*ibid.*, p. 67). É interessante a percepção de que algumas experiências, tal qual a primeira relação sexual, podem mudar a forma de pensarmos e rememorarmos, visto que a memória está atrelada à subjetividade.

Também tem espaço nessa época em *Os anos* a descrição de uma sociedade patriarcal, que condena e vigia as mulheres e seus corpos em todas as ocasiões.



A vergonha era uma assombração na vida das mulheres. A maneira como se vestiam e se maquiavam era sempre acompanhada por um “demais”: curto, longo, decotado, justo, chamativo etc. A altura dos saltos, com quem anda, as saídas e voltas para casa, o fundilho da calcinha no fim do mês, tudo era objeto de uma vigilância generalizada da sociedade. (*ibid.*, p. 68)

Assim, nada era mais importante na época do que a reputação sexual de uma moça, isto é, “seu valor no mercado do casamento, do qual as mães, a exemplo das próprias mães, eram as guardiãs” (*ibid.*). Podemos observar que essa manutenção do valor da família é feita por uma geração sobre a próxima, como um papel ou uma função hereditária que vão sendo passados adiante.

Embora esses valores sejam passados de uma geração a outra, tal como a experiência benjaminiana, e possam parecer imutáveis, eles vão se transformando ao longo de *Os anos*. Apesar das proibições, o sexo antes do casamento, bem como as práticas sexuais que tinham menos chance de levar a uma gravidez, ocorria de todo modo, ainda que debaixo do olhar da sociedade. As jovens sonhavam com as pílulas contraceptivas vendidas na Alemanha e se viam obrigadas a casar caso engravidassem. E é sob a convicção de que nada vai mudar nunca e que as mulheres estarão presas a essa tradição, que as transformações coletivas vão ocorrendo, ainda que lentamente.

Ninguém falava no assunto nem se perguntava por quanto tempo ainda proibiriam o aborto e morar junto sem casar. Os sinais das transformações coletivas não são perceptíveis na particularidade das vidas, a não ser, talvez, no tédio e cansaço que levam milhares de pessoas a secretamente pensarem ao mesmo tempo, “nada disso vai mudar nunca”. (*ibid.*, p. 69)

### 3.1.7 Foto 9: Guerra Fria

Na nona foto descrita em *Os anos*, também em preto e branco, há um grupo de meninas do Liceu Jeanne D’Arc, de Rouen. Debaixo da foto, e desta vez não no verso, consta anotado à mão: turma de filosofia de 1958-1959. Ernaux não consegue precisar, todavia, quem eram as moças presentes na fotografia.

Os nomes das alunas não foram escritos, como se tivessem certeza, no momento em que a representante de turma entregou as fotos, que se lembrariam de todas. Era impossível imaginar a si mesma quarenta anos depois como uma mulher já mais velha, observando os rostos, na época familiares, e vendo, nessa foto de turma, não mais do que três fileiras de fantasmas com os olhos de um brilhante intenso e fixos. [...] O que essas quatro estão vendo — o fotógrafo?, a parede? outras alunas? — perdeu-se para sempre. (*ibid.*, p. 69-70)

Mais uma vez, o destaque não é dado apenas ao que é rememorado, à memória, como também ao esquecimento, àquilo que não pode ser resgatado ou reconstruído. Escrever a partir do que se lembra é também escrever sobre o que se esquece. Olhar para o passado é constatar, para além do esquecimento, mudanças e perdas. Pessoas conhecidas se tornam anônimas, e aquelas que outrora eram tão vivas se tornam fantasmas nas fotografias — seja porque morreram de fato ou porque não se tem mais notícias sobre elas. Acreditamos que a ideia do fantasma corresponde bem ao paradigma da presença ausente observado por Platão em relação à memória (cf. Ricoeur, 2007), visto que o fantasma representa aquilo que foi e já não é mais, que partiu ou morreu, mas que de alguma forma segue existindo, nem que seja como assombração. Assim, o esforço em rememorar, em buscar o passado, em reconstruir as memórias individual e coletiva a partir da escrita, contará sempre com um espaço vazio, de não saber, que é impossível de ser totalmente preenchido.

Logo a seguir, Ernaux se pergunta: “Se uma das maneiras de adquirir mais conhecimento sobre si próprio está na possibilidade de determinar como, em cada idade, cada ano de existência, o passado é representado — então qual memória se pode atribuir a esta moça da segunda fileira?” (*ibid.*, p. 72). Tal passagem mostra que a verdade buscada pela escritora passa necessariamente pela memória, ou melhor, pela atribuição no momento da escrita de uma memória àquela que ela foi, a cada momento da vida, sabendo que não há possibilidade de univocidade, de fixidez nesta tarefa. Trata-se, afinal, da representação do passado, e não do encontro do passado tal qual ele foi. Talvez a assombração venha justamente nesse sentido: não como uma reincorporação precisa daquilo que foi, mas como uma projeção, uma reconstrução de algo que já não é (o momento em que a turma de filosofia do final da década de 1950 foi retratada), mas que de alguma forma segue sendo (o que a foto da turma evoca, o que pode ser lembrado a partir da observação desta foto).

Passada a descrição da foto e as reflexões acerca da memória e dos processos de recordação, ganham espaço as lembranças do final dos anos 1950 e início dos anos 1960. Consolidam-se os produtos industrializados, assim como o rádio e a televisão como meios de comunicação: “Já havia o novo franco, a pulseira trançada *scoubidou*, os iogurtes aromatizados, o leite em caixinha e o rádio” (*ibid.*, p. 72). Neste momento, começa a ficar evidente que são os produtos que figuram no supermercado e os novos meios de comunicação que constroem a memória coletiva. As experiências compartilhadas coletivamente são sobretudo as experiências de consumo. Ou seja, a experiência benjaminiana, em que a narrativa tem papel central para passar adiante o conhecimento de uma geração a outra, já está se esvaindo em *Os anos*, sendo

aos poucos substituída por algo próximo da vivência descrita por Benjamin. Isto não quer dizer, entretanto, como veremos, que a possibilidade de narrar esteja inviabilizada.

O entusiasmo em relação à rádio, em *Os anos*, também parece colaborar para um maior individualismo, visto que substitui a presença física dos outros, dos próximos, por uma presença virtual, de desconhecidos: “A alegria despertada pelo rádio era totalmente inédita, com ele podíamos estar a sós sem estar e dispor à vontade do barulho e da diversidade do mundo” (*ibid.*). A passagem também aponta para o caminho de um mundo mais globalizado e conectado, ainda que essa conexão não se dê necessariamente entre aqueles que convivem, mas entre pessoas que não compartilham o cotidiano e os mesmos espaços.

Segundo Ernaux, para essa geração, ao contrário do que ocorria em sua infância e adolescência, havia diversas fontes de entretenimento, como revistas e programas de televisão para jovens, ainda que eles não tivessem direito a nada, como a se relacionar romântica e sexualmente conforme bem entendessem, a votar e a opinar — o que veremos que será bem diferente nas próximas décadas.

O futuro era uma série de experiências que deveríamos ter, serviço militar de vinte e quatro meses, trabalho, casamento, filhos. Esperavam de nós que aceitássemos com naturalidade a tradição. Diante desse futuro formatado, a vontade que tínhamos era de permanecer jovens por mais tempo. O discurso e as instituições estavam atrasados em relação aos nossos desejos, mas a distância entre o dizível da sociedade e o nosso indizível nos parecia normal e irremediável, nem chegava a ser algo palpável que pudesse ser questionado. (*ibid.*, p. 73)

Caminham juntos o futuro pré-estabelecido pela tradição, aparentemente imutável, e os novos desejos, que levam à mudança paulatina da cultura, dos comportamentos, das relações. Um movimento de transformação que, embora às vezes não seja questionado ou perceptível, está em curso, e que, ao se colocar lado a lado diferentes gerações, salta aos olhos.

Achamos importante observar também que Ernaux não fala apenas do esquecimento do ponto de vista da memória pessoal, como também da memória coletiva. Enquanto no primeiro caso o esquecimento está mais relacionado a mecanismos psicológicos, biológicos e neurológicos, que poderíamos chamar de um esquecimento “espontâneo”, no segundo caso o esquecimento é bastante determinado pela política e pelos movimentos sociais, que estabelecem o que entrará para a memória oficial ou não, ou seja, um esquecimento imposto. Nesse caso, há uma escolha do que se quer recordar ou fazer com que seja esquecido. Assim como a memória, o esquecimento é também matéria pública sujeita às dinâmicas do poder.

A esse respeito, a escritora fala, no contexto da descolonização dos territórios da França na África, sobre a violência cometida contra os árabes, especialmente no massacre que se deu

no dia 17 de outubro de 1961, em Paris. Na ocasião, uma manifestação pacífica de argelinos, mobilizada a favor independência da Argélia, foi reprimida pela polícia, resultando no assassinato de um número impreciso de manifestantes, mas que se estima ter passado de duzentos. Corpos mortos foram jogados ao rio Sena, e a repressão foi abafada pelo governo e pela mídia, vindo à tona para a população e podendo ser debatido apenas décadas depois. Com os Acordos de Évian, assinados em 1962, que firmavam o cessar fogo em território argelino, Ernaux diz que “era o começo do esquecimento” (ibid., p. 74).

Desse modo, tal esquecimento consiste muito mais em uma censura, em uma intenção de calar, de apagar rastros de eventos da memória oficial coletiva do país, do que em uma dinâmica de lembrança e esquecimento. Ainda assim, não obstante os esforços em apagar o massacre em 1962, os corpos atirados ao Sena e seus vestígios vieram eventualmente à superfície ou chegaram às margens. Podemos tomar esse evento como um modelo para pensar a resistência da memória, que, apesar dos esforços de apagamento engendrados, pode ou mesmo tende a emergir em um momento ou outro. A memória resiste, mesmo não vocalizada.

Na duração da passagem linear do tempo, observamos as transições de gerações, havendo pontos de contato, mas sobretudo diferenças entre elas. A geração de Ernaux era jovem e inovadora em relação à de seus pais e à de seus avós, mas velha e desatualizada em relação à mais nova. É mencionada neste momento a impressão de uma geração nunca alcançar a outra, em um correr ininterrupto dos anos e em uma sucessão irreversível das gerações.

E não tínhamos afinidade alguma com a geração dos iê-iê-iês, que diziam *Hitler? não conheço*, e nem com os ídolos deles, mais jovens que nós, meninas de chuquinhas cantando músicas para a hora do recreio, meninos gritando e rolando no chão do palco. Tínhamos a impressão de que nunca nos alcançariam; perto deles, éramos velhos. (ibid., p. 75, destaques da autora)

Como a história do grupo social das mulheres tem grande destaque em *Os anos*, acompanhamos na narrativa diversas transformações em relação à vivência da sexualidade pelas mulheres, e é nesta ocasião que a questão da interrupção voluntária da gravidez ganha mais espaço. Sabemos que Ernaux, no início dos anos 1960, realizou um aborto, acontecimento que aborda no livro *L'événement* (2000), de modo que, mais uma vez, suas lembranças e experiências pessoais falam de um fato social e político vivido não somente por ela, como também por diversas mulheres da sua, das próximas e certamente das precedentes gerações.

Era preciso resolver “aquilo” de um jeito — na Suíça, para as mais endinheiradas — ou de outro — na cozinha da casa de uma desconhecida, sem formação na área, que usava como instrumento uma sonda fervida dentro de um caldeirão. Naquele

momento, não servia de nada ter lido Simone de Beauvoir, apenas confirmava a infelicidade de ter um útero. Durante três semanas em quatro, as moças continuavam medindo a própria temperatura como se estivessem doentes, para calcular, de modo arriscado, o ciclo menstrual. Viviam em dois tempos diferentes: um era o tempo de todo mundo, com trabalhos para apresentar e férias; o outro, temperamental, ameaçador, sempre a ponto de parar, era o tempo mortal do sangue. (*ibid.*, p. 76)

Chama a atenção nessa passagem a presença de diferentes tempos no livro. Já falamos sobre a mudança da percepção temporal ao longo da narrativa, que parece às vezes ser mais lenta ou mais acelerada, conforme a época ou a fase da vida representadas. Contudo, nesse último trecho percebemos não uma transformação progressiva da percepção do tempo, mas a concomitância de mais de uma temporalidade ou da experimentação de mais de uma temporalidade por uma mesma pessoa. Cabe notar que essa diferença temporal descrita por Ernaux se dá em função de ser mulher ou de se ter um útero. O próprio ciclo menstrual dispõe de fato de sua própria temporalidade e regula de certa forma o tempo vivido. É também interessante notar que a menstruação e a gravidez não remetem ao nascimento e à vida, mas à morte — provavelmente a possível morte social decorrente gravidez antes do casamento, ou ainda a possível morte da vida escolar e profissional ainda em desenvolvimento na juventude.

Nos almoços de domingo nos anos 1960, as conversas giravam definitivamente em torno das novas aquisições, dos novos carros e da televisão. Chama a atenção que os artistas e apresentadores de televisão, apesar de distantes ou desconhecidos, entravam nas conversas dos lares como se fossem vizinhos.

[...] as conversas eram sobre o novo supermercado ou a construção de uma piscina municipal, sobre os novos modelos da Renault, o 4L, e da Citroën, o Ami 6. Quem tinha comprado uma televisão discutia a aparência dos ministros e dos apresentadores, das estrelas que viam na telinha como se fossem vizinhos de porta. (*ibid.*, p. 78)

Ao redor da mesa, especulava-se como seriam os anos 2000, se haveria robôs, casas na Lua, e se as refeições se resumiriam a comprimidos. Cabe notar que a projeção sobre o que será o futuro também é um dado de memória coletiva: cada geração, em cada lugar, imagina o seu futuro de forma diferente. Assim, as heterocronias do presente estimulam as heterocronias sobre o futuro.

Os jovens, grupo ao qual Ernaux pertencia no momento, já estavam dispostos a participar das conversas dos adultos, como em um sacrifício necessário para fazer parte daquele grupo social. Observavam tudo, para aprender como se portar, o que dizer, o que pensar.

Todavia, logo percebiam que havia uma grande distância entre a vida que estavam levando, crescendo no pós-guerra e tendo acesso à educação, e a vida de seus antepassados.

[...] e de repente podíamos ver o ambiente familiar com certo distanciamento, como um mundo à parte ao qual já não pertencíamos. Nossas ideias eram estranhas às doenças, aos legumes que deveriam ser plantados na lua crescente, às caminhadas até a fábrica, a tudo que era dito ali. Por isso, evitávamos falar de nós, das aulas, e fazíamos um esforço para não contradizer ninguém em nada. (*ibid.*, p. 79)

Além disso, a guerra perdeu definitivamente seu espaço na mesa das refeições familiares: “Os convidados já não se animavam com as lembranças da Ocupação e dos bombardeios. As emoções do passado tinham desaparecido” (*ibid.*, p. 80). E então Ernaux se lembra mais uma vez dos domingos à tarde de sua infância, que ficavam cada vez mais para trás, e cujas vozes, conversas, canções iam se tornando cada vez mais uma massa distante e indistinta.

Ali havia um rumor de vozes, palavras e expressões que ouvíamos desde que chegamos ao mundo mas que já não vinham à memória espontaneamente. Flutuávamos em meio a imagens indiscerníveis de outros tempos, mergulhando na memória até aqueles domingos em que, cansados de tanto brincar, ouvíamos histórias na hora da sobremesa e canções de que ninguém mais se lembrava. (*ibid.*, p. 80)

Cabe ressaltar que muitas dessas refeições familiares que marcam *Os anos* ocorrem nos domingos à tarde, dia ao qual é popularmente atribuída uma temporalidade à parte. Não é raro pensarmos o domingo como um dia de suspensão e de ócio, ao cabo de uma semana de trabalho. Assim, acreditamos que o domingo se destaque em *Os anos* não apenas por ser a ocasião por excelência dos encontros das famílias — a partir dos quais Ernaux evocará a memória coletiva, a partilha com os próximos e as mudanças ao longo dos anos —, mas também por ser o dia culturalmente associado à pausa e ao descanso. Dessa forma, o domingo acaba sendo esse tempo particular de reunião, de suspensão e de transformação, de pausa e de continuidade.

### **3.1.8 Foto 10: passagem para a vida adulta**

Em preto e branco, a décima foto descrita por Ernaux em *Os anos* apresenta seis jovens, no alojamento universitário de Mont-Saint-Aignan, em junho de 1963. No verso da foto, além do local e da data, constam também os nomes dos jovens (ao contrário da nona foto do livro, esses “fantasmas” são nomeados). Ernaux estava então no final da graduação em letras modernas e percebe que já não fazia parte da mesma classe social dos pais e que já não se

identificava mais com suas origens. Os estudos e a literatura (nesse momento apenas a leitura e não ainda a escrita) eram importantes demais em sua vida para que se sentisse próxima de sua cultura familiar. Já está sendo traçado aqui o caminho que levará Ernaux — com os estudos, a profissão de professora e o casamento — a se considerar posteriormente uma trânsfuga social.

Percebemos mais uma vez, na passagem a seguir, um jogo entre as lembranças do passado e as projeções para o futuro, em uma temporalidade que se permite ir e vir. Chama especialmente a nossa atenção o fato de que não só as pessoas esquecidas do passado sejam chamadas por ela de “fantasmas”, como também a pessoa que um dia ela virá a ser no futuro:

Costuma se fixar nas imagens da infância, o primeiro dia da escola, um parque de diversões itinerante em meio aos escombros, as férias em Sotteville-sur-mer etc. Também gosta de se imaginar dali a vinte anos recordando as discussões de agora sobre o comunismo, o suicídio e os métodos anticoncepcionais. A mulher de vinte anos a mais é uma ideia fixa, um fantasma. Ela nunca terá essa idade. (*ibid.*, p. 82)

Assim, parece-nos que essas personagens do futuro e do passado, cada uma à sua maneira diferente em relação ao presente narrado, acabam sendo vistas como esse fantasma desconhecido.

Também é possível observar, no seguinte trecho, como se desenvolve na prática a intenção de Ernaux de reconstruir, em *Os anos*, a história conforme ela atravessa e atravessou sua existência, ou ainda, como colocado por ela, em que ela captaria “este mundo que [...] só registrou vivendo” (*ibid.*, p. 224).

Não há qualquer relação entre a vida dela e a História, embora alguns resquícios dos acontecimentos gerais tenham ficado gravados na memória dela por causa da sensação de frio e do tempo cinzento de um mês de março (greve de funcionários), da umidade de um final de semana de Pentecostes (morte do papa João XXIII), da frase de um colega que dizia, “em dois dias começa a guerra mundial” (a crise de Cuba), da coincidência entre uma noite passada em um baile da União Nacional dos Estudantes da França e o golpe de estado dos generais, Salan, Challe etc. O tempo dela, todo feito de imagens de si mesma, não é o mesmo tempo dos acontecimentos e nem mesmo dos *faits divers* — que ela despreza. Alguns meses depois, o assassinato de Kennedy, em Dallas, não será capaz de despertar nada nela, bem com a morte de Marilyn Monroe no verão anterior, pois ela está sem menstruar há oito semanas. (*ibid.*, p. 83)

Assim, fica claro que os acontecimentos e os eventos históricos são retidos e contados por um viés diferente dos livros de história ou dos relatos oficiais, visto que se apoiam, na maior parte das vezes, em circunstâncias e lembranças da vida pessoal (como é o caso da relação entre o baile e o golpe de estado ou entre a morte de Kennedy e a gravidez inesperada), ou ainda no ambiente que enquadrou a percepção ou a recepção da notícia daquele evento (como a sensação de frio ou a lembrança do tempo cinzento). A retratação dos eventos históricos é indissociável,

em *Os anos*, da forma como foram percebidos e das sensações que provocaram, o que também nos permite pensar que teríamos tantas reconstruções da memória coletiva, levando em conta a proposta de Ernaux, quantos testemunhos. Outras questões que podemos colocar a esse respeito são: o que cada um retém dos acontecimentos coletivos? De que forma eles atravessam cada existência? O quanto cada um consegue, em sua individualidade, recuperar ou alcançar algo do que é coletivo?

Retomando o relato da passagem dos anos, o consumismo seguia a todo vapor na década de 1960, e a resistência e a desconfiança em relação aos novos produtos que chegavam ao mercado e às novas tecnologias iam progressivamente diminuindo. Além disso, as comidas industrializadas, instantâneas, congeladas ou em conserva garantiam seu espaço no mercado, como uma atestação da modernidade.

A chegada cada vez mais veloz de novos bens de consumo fazia o passado ficar para trás. As pessoas não se perguntavam sobre a utilidade de cada objeto, simplesmente desejavam ter as coisas e sofriam por não ganhar o bastante para poder comprar tudo à vista. Virava um hábito preencher cheques e as “facilidades de pagamento” e os créditos eram descobertos. Todos estavam à vontade com as novidades, sentiam orgulho de ter um aspirador em pó e um secador de cabelo elétrico. A curiosidade era mais forte que a desconfiança. (*ibid.*, p. 83)

Fica evidente, na leitura, que a percepção da passagem do tempo vai se tornando cada vez mais acelerada, e não podemos deixar de notar que isso também tem a ver com a vivência da história por Ernaux e com a representação do tempo por ela conforme os anos a atravessam.

Para além da aceleração do tempo, que já vem sendo constatada em *Os anos* há algum tempo, percebemos que o global continua crescendo em relação ao local e que o individualismo segue aumentando: “As cooperativas e os familistérios davam lugar aos supermercados onde os clientes ficavam encantados por poder tocar nas mercadorias antes de comprar. As pessoas se sentiam livres, não pediam nada a ninguém” (*ibid.*, p. 83-84). A liberdade, vinculada ao consumo e à não necessidade dos outros, atesta que a coletividade de fato vai perdendo lugar para o individualismo, e que o gozo está mais em usufruir dessa liberdade do que em compartilhar. Neste momento, a liberdade também aparece relacionada à liberação da pílula anticoncepcional, ainda que se tratasse de uma liberdade temerosa, pois o que as mulheres fariam com tanta liberdade quanto um homem (cf. *ibid.*, p. 85)?

Com diversas pessoas partindo da zona rural para as grandes cidades e com a chegada de muitos imigrantes nos grandes centros franceses, vindos especialmente da Argélia com o fim da guerra em 1962, os complexos habitacionais nas periferias iam aumentando. Sobre isso, é dito que o “que as pessoas buscavam de verdade ali não era estar junto, mas, sim, o



aquecimento central, as paredes limpas e um banheiro” (*ibid.*, p. 85). A nosso ver, esse trecho aponta evidentemente para uma melhor qualidade de vida das pessoas, que já não vivem mais em uma situação tão precária quanto a relatada no início do livro, mas é dada também uma ênfase à quebra do compartilhamento das experiências em comunidade, de modo a primar uma sociedade mais isolada e individualista nos grandes centros urbanos.

É também o momento em que muitas pessoas andavam de avião pela primeira vez na França e na Europa, em um movimento em que as fronteiras se tornam mais facilmente transponíveis e em que a circulação entre regiões e países aumenta. Além disso, muitos aguardavam há mais de um ano o número de telefone, o que colabora para a expansão da comunicação e da globalização. Em geral, o que observamos neste livro com a passagem dos anos é que há uma compressão temporal, de modo que a aceleração vai se impondo cada vez mais, e uma superexpansão espacial, que torna o fluxo de pessoas, objetos e informações cada vez mais dinâmico e acessível.

Segundo Ernaux, não havia tédio na época, todos queriam aproveitar, e o otimismo em relação ao futuro e ao progresso, embalado ao som dos Beatles, é bastante claro: “o futuro parecia luminoso, as tarefas pesadas e anti-higiênicas seriam executadas por robôs, todos teriam acesso à cultura e ao saber. [...] o primeiro transplante de coração, na África do Sul, parecia um passo na direção da erradicação da morte” (*ibid.*, p. 84). Ernaux também percebe que o aumento de ofertas das mercadorias e do otimismo para com o futuro não estava acompanhando o progresso das ideias: “A profusão de coisas ocultava a escassez de ideias e o desgaste das crenças. [...] Valores e linguagens tinham se esgotado” (*ibid.*, p. 84-85). Sabemos que isso culminará, muito em breve, em Maio de 68.

Além do general De Gaulle e do Abbé Pierre, há dois outros personagens históricos que aparecerão mais vezes ao longo de *Os anos*, de forma que também acompanharemos sua transformação com o passar do tempo. Esses personagens são Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir: “Sartre e Beauvoir continuavam se recusando a falar na televisão (mas ninguém dava muita bola)” (*ibid.*, p. 85). O general De Gaulle também retorna, em um almoço de família, mas desta vez como motivo de deboche e implicação. De Gaulle já era visto como um homem senil, e a aura heróica já tinha o abandonado (cf. *ibid.*, p. 89).

Esse momento do livro, introduzido pela décima foto, tratará sobretudo da passagem para a vida adulta vivida pela geração de Ernaux nos anos 1960, aos vinte e poucos anos. Com o término dos estudos, o início da vida profissional, o casamento e logo a chegada do primeiro filho, os jovens casais com emprego estável abriam uma conta bancária e pegavam um empréstimo para equipar a casa com eletrodomésticos: “O processo de integração social se

completava no momento em que comprávamos uma televisão” (*ibid.*, p. 87). Embora pareça que se tornar adulto, conforme *Os anos*, seja se tornar oficialmente um consumidor e um cidadão que paga suas contas e dívidas, este também é um momento que permite que conhecimentos e experiências sejam transmitidos de uma geração para a outra: “Da noite para o dia tínhamos virado adultos e agora, finalmente, os pais poderiam ensinar, sem serem repreendidos, o saber das coisas práticas da vida, tais como economizar, criar os filhos, limpar o piso” (*ibid.*, p. 87). Isto é, ainda que identifiquemos diversos movimentos que lembram a passagem da experiência para a vivência descrita por Benjamin (2012), restam espaços para o compartilhamento dos saberes e das experiências, o que confirma a percepção de que essas temporalidades, associadas ao moderno e ao pré-moderno, não se substituem, mas se sobrepõem.

É interessante perceber que neste livro não só as transformações, a temporalidade e a passagem dos anos adquirem uma velocidade maior, como também a transição em questão, da juventude para a vida adulta, entre etapas da vida, é percebida neste caso como algo súbito, que aconteceu rapidamente de uma hora para outra. Assim, não só a percepção temporal da passagem coletiva dos anos e das décadas entra em questão, como também a vivência da passagem dos anos de vida está em jogo em *Os anos*. No trecho a seguir, podemos notar, por exemplo, que, embora o espaço coletivo venha se expandindo, e o tempo, se acelerando, dentro do núcleo familiar o espaço diminuía e o tempo se regularizava:

O espaço se encolhia, o tempo ganhava regularidade e era dividido pelos horários do trabalho, da escolinha, do banho, do desenho animado *Le manège enchanté*, das compras de sábado. A felicidade da ordem ocupava nossas vidas. A melancolia de ver um projeto individual se afastar — pintar, fazer música, escrever — era compensada pela satisfação de contribuir para o projeto familiar. (ERNAUX, 2019, p. 88)

Em meio ao bem-estar visível nos rostos da família e aos sons de uma criança acordando da sesta, éramos tomados por um sentimento fugaz de algo provisório e nos assustávamos de estar ali, de termos conseguido tudo o que queríamos, um homem, um filho, um apartamento. (*ibid.*, p. 91)

Existe uma complexidade no narrar das percepções temporais e espaciais em *Os anos*, que se transformam, se expandem, se contraem, se articulam e se sobrepõem, e que não nos permitem afirmar categoricamente uma transformação única em um só sentido. Acreditamos que esse movimento esteja muito relacionado ao funcionamento da própria memória, que também opera de forma circular, com quebras, lacunas, em um ritmo e mecanismo que não são lineares e unívocos.

Em relação às refeições de família descritas no início dos anos 1960, em um momento em que Ernaux já fez essa passagem da vida estudantil para a vida adulta, temos um cenário bastante diferente dos anteriores. Desta vez, o almoço em família já não se dá mais na casa de seus pais, mas em sua própria casa, onde vive com seu marido e o primeiro bebê do casal. Além disso, os convidados não são seus pais e seus próprios familiares, mas seus sogros. Ou seja, com o casamento e a maternidade, houve uma expansão do que Ernaux considerava família e uma modificação importante dessa espécie de ritual em que constituem as refeições familiares e que ocorre desde a infância de Ernaux.

O jovem casal se esforçava para impressionar os familiares com a comida, preparada por eles mesmos, e com o bom gosto na escolha dos móveis e eletrodomésticos da casa. As conversas giravam em torno da política, da literatura, dentre outros assuntos:

[...] conversas pequeno-burguesas sobre o trabalho, as férias e os carros, San Antonio, os cabelos do cantor Antoine, a feiura de Alice Sapritch, as canções de Dutronc. Não dava para fugir de uma discussão sobre o que seria economicamente mais rentável ao casal: a mulher trabalhando fora ou ficando em casa. (*ibid.*, p. 89)

A guerra, como já sabemos, já se inscrevia mais na história do que fazia parte da memória, se empregarmos os termos propostos por Nora (1984): “Os mais velhos, com cinquenta e poucos anos, evocavam a guerra por meio de histórias pessoais, cheias de glória vã, que pareciam ladainha. Do nosso ponto de vista, para tal exaltação já havia os discursos de celebração e as coroas de flores” (ERNAUX, 2019, p. 90). Assim, contrariamente ao que Benjamin (2012) coloca, os personagens de *Os anos* falam sobre a guerra, mas no momento em que essas narrativas se tornam ladainhas e não são mais levadas a sério, deixam de formar experiência.

### 3.1.9 Foto 11: Maio de 68

A undécima fotografia, também em preto e branco, foi tirada na Rue de Loverchy, no inverno de 1967 — informações que constam no verso do retrato. Nela estão uma mulher, que supomos ser Ernaux, e seu primeiro filho. A foto foi tirada pelo marido, pai da criança, nesse novo ambiente e espaço familiar.

Certamente uma foto tirada num domingo, único dia que tinham para estar juntos, no qual podiam, imersos no cheiro do almoço sendo feito, ao som da criança tagarelando e brincando de Lego, do concerto da descarga e da *Oferenda musical* de Bach — podiam, juntos, construir uma memória em comum e consolidar o sentimento de, no fim das contas, serem felizes. A foto contribui para esta construção e funciona como

uma garantia da “pequena família” para os avós, que também receberam uma cópia. (ERNAUX, 2019, p. 92)

Atentamos para o fato de, nesta passagem, a foto ter sido tirada em um domingo, dia que, como vimos, é recorrente no livro por abrigar os almoços em família e por viabilizar, em *Os anos*, a construção e a reconstrução da memória familiar e coletiva. O movimento cíclico de retorno às fotos e aos domingos em família nos parece remeter igualmente ao ritmo circular que também integra os fenômenos mnemônicos. Podemos perceber aqui, além disso, a importância das fotografias para o trabalho de recordação empreendido por Ernaux, visto que funcionam declaradamente como um suporte para a construção da memória e contribuem, neste caso, não apenas para o estabelecimento desse novo núcleo familiar, como também para a ligação e a transmissão da memória entre as diferentes gerações.

Esta fase da vida, marcada pela experiência da maternidade para Ernaux, é pautada pela repetição de hábitos, cheiros, sons e preocupações, que configuram, por sua vez, a rotina da nova vida familiar. A recorrência das ações é acompanhada da recorrência das lembranças.

Sempre voltam à sua memória imagens furtivas dos pais na cidadezinha normanda, a mãe trocando de roupa para a missa de fim de tarde, o pai voltando do jardim com a enxada no ombro, um mundo lento que continua existindo, mais irreal do que um filme, distante de seu mundo de agora, moderno, culto, que segue em frente, difícil saber para qual direção. Não existe um ponto de interseção entre o que acontece no mundo e o que acontece com ela, são duas retas paralelas, uma é abstrata, toda feita de informações que chegam mas são logo esquecidas, e a outra é fixa. (*ibid.*, p. 94)

Percebe-se aqui que o tempo passado e o tempo presente são compreendidos como retas paralelas, e não como uma reta única em que, em uma linha do tempo ininterrupta, um tempo sucede o outro. A reta abstrata, bombardeada cotidianamente por novas informações, é a reta vivida no presente, da vida adulta, desse tempo que segue se acelerando. A reta fixa, por sua vez, é a da memória da infância, do tempo da experiência, dos dias vividos em sua lentidão e que, apesar de passados, seguem existindo, graças à possibilidade de retorno por meio da memória. A dicotomia benjaminiana entre *Erfahrung* e *Erlebnis* se encontra aqui certamente presente.

No mesmo sentido, Ernaux escreve que “Parece que são versões dela que continuam existindo. Em outras palavras, o passado e o futuro se inverteram, agora é o passado, e não o futuro, seu objeto de desejo” (*ibid.*, p. 94). Isto é, embora a construção de *Os anos* se dê, à exceção da parte introdutória, majoritariamente em ordem cronológica, o processo de recordação de que se vale Ernaux não segue a mesma linearidade, indo e vindo no tempo. Ainda neste período abarcado pela undécima foto, é mencionada a pintura *Aniversário*, de Dorothea

Tanning, em que é possível ver uma mulher diante de intermináveis portas entreabertas. Podemos compreender essas portas, que abrem para diferentes anos da vida, como temporalidades que coexistem paralelamente, sem que uma anule ou encerre a outra, fazendo com que seja possível, assim, transitar livremente por entre os diferentes espaços temporais.

Como de hábito, essa parte inicial, seguida da descrição da fotografia e mais relacionada às lembranças pessoais da autora, abre espaço para a memória coletiva, de modo que entramos na época em que se desenrolam os eventos de Maio de 1968 na França. É interessante perceber que Ernaux recupera fatos históricos conhecidos do movimento — cenas e acontecimentos que fazem parte da representação oficial deste evento — e os conjuga a lembranças menos notórias, que não entraram para a história oficial e que são recuperadas pelas recordações pessoais de alguém que vivenciou este momento. Cabe observar que a televisão tem um papel importante na difusão dos acontecimentos de Maio 68 e na preservação dos acontecimentos na memória coletiva, e que isso se dá justamente por meio da repetição das imagens. Ou seja, a repetição, que assegura que a memória coletiva será passada adiante, não é alimentada e mantida pela narrativa oral, mas pelo trabalho reiterativo que a televisão como meio de comunicação desempenha.

E a televisão, difundindo uma iconografia imutável com um *corpus* reduzido de atores, instituiria uma versão imutável aos acontecimentos, impondo uma impressão de que, naquele ano, todos tínhamos entre 18 e 25 anos e estávamos jogando pedras na polícia e usando lenços para cobrir a boca. De tanto repetirem as imagens captadas pelas câmeras, acabaríamos repelindo as outras imagens da história de maio, as que não são nem notórias — a praça da estação deserta num domingo, sem passageiros e sem jornal nas bancas — nem gloriosas — quando entramos em pânico, com medo de ficar sem dinheiro (e foi um corre-corre para sacar o dinheiro dos bancos), sem gasolina e, sobretudo, sem comida (e enchemos até o alto o carrinho no Carrefour), por causa da memória herdada da fome. (*ibid.*, p. 95)

No período abarcado pela oitava foto, era descrita a impressão de que, com o decorrer monótono e aparentemente inalterável dos dias, as coisas não mudariam nunca, enquanto que, neste período introduzido pela undécima foto, diversas transformações e mudanças parecem se dar em apenas um mês. Isso não quer dizer que tudo tenha permanecido estável e que as transformações tenham ocorrido subitamente, mas a narrativa revela que, de fato, o movimento das mudanças está sempre em curso e que estas ocorrem imperceptivelmente até que, em dado momento, se tornem evidentes. Está em jogo também o movimento das gerações, em que as ações de uma geração contribuem para a transformação das próximas, ainda que sejam marcadas por diversas diferenças.

Nós, que nunca tínhamos realmente defendido nosso trabalho, que não queríamos de verdade as coisas que comprávamos, nos reconhecíamos naqueles estudantes um pouco mais novos que nós atirando pedras do calçamento para cima da tropa de choque. Eles reagiam ao poder e devolviam, em nosso lugar, os anos de censura e de repressão, o controle violento das manifestações contra a guerra da Argélia, os ataques racistas, a proibição de *A religiosa* e os Citroëns pretos dos oficiais. Eles se vingavam por nós de toda a contenção da nossa adolescência, do silêncio respeitoso nas salas de aula, da vergonha que sentíamos ao receber, escondidas, os rapazes em nosso quarto no alojamento universitário. O motivo para a adesão a estas noites que pegavam fogo em Paris estava em nós mesmas, nos desejos reprimidos, na redução de nossa submissão. (*ibid.*, p. 96-97)

Diversos fatos sociais narrados por Ernaux na ocasião do Maio de 68, e especialmente as transformações que sucederam este movimento, condizem com as percepções de Gilles Lipovetsky (2005) em relação à nova fase do individualismo que o mundo ocidental adentra neste contexto. Conforme o autor, em um processo que vem se desdobrando desde o fim da Segunda Guerra, com a transformação dos estilos de vida associada à revolução do consumo, ocorre uma fratura da socialização disciplinar e autoritária, em que havia um ideal de universalidade que impunha a todos as mesmas regras. Tal rompimento dá lugar a um processo de personalização, em que passam a primar valores hedonistas, o respeito pelas diferenças, o culto da libertação pessoal, da descontração, do humor e da sinceridade, bem como o psicologismo e a expressão livre (cf. LIPOVETSKY, 2005, p. 11). Assim, neste processo de autonomia e de particularização dos grupos e dos indivíduos, em que a identidade própria toma o lugar da universalidade, têm destaque o neo-feminismo, a libertação dos costumes e das sexualidades, as reivindicações das minorias regionais e linguísticas, as tecnologias psi, o desejo de expressão e de realização do eu e os movimentos ‘alternativos’” (cf. *ibid.*, p. 13). O autor também pontua que a sociedade pós-moderna é a sociedade em que reina a indiferença de massa (cf. *ibid.*), aspecto que aparecerá no comportamento dos jovens nas próximas décadas em *Os anos*. Também cabe assinalar que, neste processo, como temos observado com o passar dos anos na narrativa do livro, a coletividade perde cada vez mais espaço para a individualidade.

Da mesma forma que Lipovetsky, Ernaux falará neste período sobre diversas mudanças de mentalidade e comportamento: sobre a dissolução das hierarquias e dos espaços institucionais e sagrados, o aumento da liberdade sexual, as mudanças nas relações (de casal, familiares, entre mulheres, de trabalho) e na alimentação (com o aumento dos adeptos ao vegetarianismo), bem como um maior interesse na expressão por meio das artes, da psicanálise e de novas linguagens. Trata-se também de um momento revolucionário para o feminismo e para a liberdade das mulheres, que defendem então abertamente o direito ao aborto, em

oposição ao tabu e ao silenciamento em relação à interrupção voluntária da gravidez que eram descritos há até pouco tempo em *Os anos*. Há, enfim uma revolução a respeito de tudo o que se pensava sobre família, educação, prisão trabalho, férias, loucura, publicidade (cf. ERNAUX, 2019, p. 100).

Ernaux também afirma, assim como Lipovetsky em relação ao hedonismo, que “o discurso do prazer tomava conta de tudo. Era preciso ter prazer lendo, escrevendo, tomando banho, defecando. Esta era a finalidade das atividades humanas” (*ibid.*, p. 103). Além disso, acompanhamos em *Os anos* um maior interesse pela vida no campo, em cidades pequenas e isoladas, vida esta que seria, em teoria, mais “autêntica”, pois não “desfigurada pelo progresso industrial” (cf. *ibid.*, p. 106), no que parece ser uma reação aos movimentos que temos observado, de aceleração, industrialização, hiperindividualismo, urbanização. Ainda assim, apesar do interesse por um mundo pretensamente “sem progresso”, é incontestável a cada vez mais preponderante globalização, que fazia com que houvesse um apagamento das fronteiras no que diz respeito ao consumo, ao compartilhamento das novas ideias, lutas e teorias e à busca de novos modelos: “Nada neste mundo deveria ser estranho para nós [...], fazíamos parte de todas as lutas” (*ibid.*, p. 101).

Após a efusão do mês de maio de 1968, segundo *Os anos*, as coisas foram esfriando e voltando ao normal, as pedras foram colocadas de volta, os calçamentos foram refeitos em asfalto, como se nada tivesse acontecido. E, esperando que os movimentos voltassem a esquentar, as pessoas aos poucos deixaram de pensar nisso até “um dia, encontrando uma calça jeans antiga, dissermos ‘ela participou de Maio de 68’” (*ibid.*, p. 99). Tal frase nos chama a atenção por ilustrar, em poucas palavras, a intenção de Ernaux de conjugar as memórias coletiva e pessoal nesta narrativa. O movimento social, historicamente conhecido, se atrela à lembrança pessoal da calça jeans, usada por alguém que participou e vivenciou as manifestações de 68.

Mais uma vez aparecem Simone de Beauvoir, Sartre e o general De Gaulle em *Os anos*. Beauvoir e Sartre são descritos neste momento como envelhecidos, mas mais combativos do que nunca, tomando partido nas manifestações de Maio de 68. Enquanto isso, De Gaulle, em uma postura conservadora, se destaca por reprovar, com asco, as manifestações e, logo depois, em 1970, descobrimos sua morte:

Ao sabermos da morte do general De Gaulle em uma manhã de novembro, por um instante ficamos todos incrédulos — aos nossos olhos, ele era imortal. Depois percebemos que ele já estava esquecido havia um ano e meio. Esta morte colocava

um ponto final no tempo anterior ao mês de maio, os anos distantes da nossa vida (*ibid.*, p. 102).

Com a morte de Charles de Gaulle, este personagem que volta e meia aparece em *Os anos*, marcando e ritmando, de certa forma, a passagem do tempo na história coletiva francesa, é como se morresse uma época, uma parte da história, relacionada aqui sobretudo à Segunda Guerra. Sua reprovação, nesta narrativa, a Maio de 68 como que marca seu descompasso e anacronismo em relação aos “novos tempos” e às mudanças de mentalidade que estavam se dando na França. Apesar da expectativa de sua imortalidade, assim como a já mencionada impressão de que as coisas não mudassem, De Gaulle morre e as transformações são inegáveis.

A refeição descrita no período contemplado pela undécima foto, para nossa surpresa, não ocorre exatamente em família. Em consonância com o final dos anos 1960 e início dos 1970, o almoço narrado neste momento é compartilhado com diversas pessoas, dentre elas amigos e desconhecidos, em uma viagem ao campo. Todos estavam lá reunidos por ideais e estilos de vida semelhantes, discutindo assuntos que há até pouco tempo eram tabu e gozando da liberdade herdada de Maio de 68. É possível reparar que aspectos relacionados à nova fase de individualismo, como colocava Lipovetsky (2005), estão aqui presentes, por exemplo, na reunião em torno dos mesmos ideais progressistas, na valorização da diversidade e no desatrelamento em relação ao passado. Da mesma forma, o desinteresse, e até mesmo desdém, por aquilo que no começo de *Os anos* vinha atrelado à transmissão da experiência e das histórias familiar e coletiva revela que, de fato, trata-se de outro momento, de outra mentalidade e de outros valores.

Estar ali naquela noite de verão entre pessoas que não tinham laços entre si, tão distante das refeições em família e dos rituais que passamos a detestar, dava um sentimento emocionante de abertura para a diversidade do mundo. Era como ser adolescente outra vez. Não passava pela cabeça de ninguém evocar a guerra, Auschwitz e os campos de concentração, e nem os acontecimentos na Argélia, já um caso passado. Apenas Hiroshima, o futuro nuclear. Nada tinha acontecido entre os séculos de campesinato — cujo sopro era trazido pela noite exalando um cheiro de mato — e aquele momento de agosto de 1973. (*ibid.*, p. 108-109)

O trecho “Os pais e as pessoas com mais de cinquenta anos eram de outro tempo, inclusive ao insistirem em querer compreender os mais jovens. Considerávamos as opiniões e os conselhos que eles davam como simples informação. Nós nunca iríamos envelhecer” (*ibid.*, p. 111) também nos chama bastante a atenção por ir ao encontro do que observava Benjamin (2012) em relação à ruína da experiência. Como vimos, segundo o filósofo, a narrativa oral tinha o intuito de aconselhar, e o conselho dos mais velhos era algo bastante valorizado e



respeitado, visto que permitia passar adiante o conhecimento de uma geração a outra. No momento em que a opinião e os conselhos dos mais velhos viram simples informação (que, para Benjamin, é por natureza o oposto da narrativa), é que como se pudéssemos atestar, em *Os anos*, a própria queda da experiência de que falava Walter Benjamin.

### **3.1.10 Filmagem 12: no ritmo da televisão**

O décimo segundo documento de registro descrito em *Os anos* não é, para nossa surpresa, uma fotografia, mas uma filmagem caseira, sendo esta uma nova forma, para a época, de documentar e guardar lembranças da vida cotidiana familiar. Assim, a descrição à qual temos acesso não é feita a partir de uma imagem estática, mas de cenas em movimento. Nesta filmagem, feita pelo pai da família, aparecem uma mulher — Ernaux — e seus dois filhos, constrangidos e desconfortáveis diante da novidade da filmadora. Sem saber muito bem o que fazer, se comportam como se posassem para uma foto que não termina de ser tirada. Desta vez não no verso da fotografia, mas na etiqueta da bobina do filme, consta “Vida familiar 72-73”, indicando que foi gravado no início dos anos 1970. Além da filmadora, que permitia filmar as cenas cotidianas, havia os gravadores, que permitiam gravar a própria voz e os sons ao redor, gerando também o constrangimento de escutar a si próprio pela primeira vez. Sem dúvida esta é também uma forma de falar sobre os avanços tecnológicos da época e sobre a mudança dos suportes para a rememoração.

No contexto do assassinato de Salvador Allende, das manifestações contra Pinochet, da morte de Mao e dos últimos anos da Guerra do Vietnã, acompanhamos, em *Os anos*, a realidade da entrada cada vez mais expressiva das mulheres no mercado de trabalho, tendo que conciliar com exaustão a maternidade, a vida familiar e a vida profissional, desprovidas de qualquer possibilidade de tempo livre e sem contar com uma divisão igualitária das tarefas domésticas com o marido. Tudo isso devia ser feito pelas mulheres sem que elas deixassem de ser femininas, de cuidar da aparência e de estar na moda. A preocupação com a aparência revela não apenas a mentalidade de uma sociedade patriarcal, como também de uma sociedade identificada com os valores individualistas de que falava Lipovetsky (2005), que vê a alta performance, a juventude e a boa apresentação pessoal como importantes valores a serem zelados.

Acompanhamos também o desenrolar deste movimento, sobre o qual falamos no período da undécima foto, após Maio de 68, que valorizará a individualidade, o prazer, a liberdade e a diferença. Assim, conquistas como o voto aos dezoito anos de idade, o divórcio

por mútuo consentimento e a descriminalização do aborto são finalmente alcançadas. Além disso, há uma sólida modificação dos valores morais, sendo possível a partir de então assistir a filmes pornográficos no cinema ou então a cenas até então chocantes, de violência e sexo, em filmes para o grande público. Têm também destaque os shoppings centers, paraíso do consumo, em acordo com os valores de uma sociedade hiperindividualista. Ernaux, assim como Lipovetsky (2005), também discorre sobre a primazia da indiferença entre as pessoas.

Perdíamos o hábito de usar palavras correntes associadas à moralidade, passando a usar outras que julgavam ações, comportamentos e sentimentos de acordo com o prazer, “frustração” e “gratificação”. A nova maneira de se estar no mundo era a “descontração”, ficar à vontade com seu tênis, mistura de segurança de si e indiferença aos outros. (*ibid.*, p. 118)

É nos anos 1970 que Ernaux e sua família, apesar de idealizarem uma vida mais calma no campo, deixam o interior da França e se mudam para a região de Île-de-France, passando a morar nos entornos de Paris. Tal mudança é percebida como uma “entrada completa na modernidade” (*ibid.*, p. 118), havendo uma mudança radical de rotina e estilo de vida para os membros da família. A gama de produtos para comprar aumenta expressivamente, a vida se torna mais acelerada e não conhecer ninguém em uma cidade com tanta gente é visto como algo normal. Com o tempo, todavia, eles se acostumavam com aquela realidade tão diferente da infância de Ernaux após a Segunda Guerra no interior da França.

Ao migrar do interior para a região parisiense, o tempo ficava mais acelerado. O sentimento de duração das coisas não era mais o mesmo. [...] Era como ser transplantado para outro espaço-tempo, outro mundo, provavelmente o futuro. Por isso a dificuldade em nomear, era possível apenas ter a experiência atravessando a área de pedestres aos pés da torre Bleue, no meio de pessoas que nunca se conheceriam e de skatistas. Ninguém nunca pensava no outro, eram milhares de indivíduos morando naquela região e milhões até a região da Défense. (*ibid.*, p. 119-120)

Ao longo das semanas, da rotina estabelecida e da prática para estacionar o carro, a sensação de estranheza se dissipava. Com espanto, percebíamos que fazíamos parte desta população imensa e informe cujo ruído indistinto, percorrendo as estradas de manhã e à noite, parecia nos entregar à realidade invisível e potente. (*ibid.*, p. 122)

A televisão colorida invade então os lares franceses e, diferentemente da televisão em preto e branco, as cores fazem com que a distância percebida entre o mundo da tevê e o mundo real diminua, contribuindo para reforçar diversos processos que vêm sendo progressivamente observados em *Os anos*: a globalização, com as notícias vindo instantaneamente de toda a parte do planeta para a casa das pessoas; a aceleração do tempo e a contração do espaço, com a oferta

cada vez maior e mais imediata de informações; e o consumo, com a difusão das propagandas, direcionadas a diferentes públicos. Assim, a televisão garantia a todos, de crianças a idosos, a possibilidade de se distrair a qualquer momento, havendo aí uma crítica quanto a uma possível alienação, apesar do acesso maior à informação: “O saber comum se alargava, um saber feliz e sem consequências” (*ibid.*, p. 125).

Se há algumas décadas, na passagem dos anos 1940 para os anos 1950, no período abarcado pela quinta foto, era a bicicleta que ditava o ritmo da vida, agora sem dúvida era a televisão que marcava, com sua programação, os períodos do dia. Assim como observamos em relação aos jingles e à rádio, que, com a repetição e a forte presença no cotidiano da população, contribuíam para a formação da memória coletiva, o mesmo ocorre sem dúvida com a televisão. Assim, a repetitividade e o retorno dos mesmos programas, anúncios, publicidades, informações para uma sociedade já mais individualista parecem colaborar mais para a atualização e organização da memória coletiva do que as narrativas orais em torno do almoço, como ocorria antigamente. Não podemos deixar de observar que neste momento a família não se reúne apenas em torno da mesa, como também — e provavelmente por mais tempo — em torno da televisão.

O registro heterogêneo e contínuo do mundo, à medida que o tempo passava, era transmitido pela televisão. Uma nova memória estava nascendo. [...] O que ficava eram as propagandas que duravam um tempo maior, as figuras mais pitorescas ou expostas, as cenas insólitas ou violentas [...]. (*ibid.*, p. 125)

E, retomando alguns dos personagens emblemáticos em *Os anos* para a memória coletiva francesa, Beauvoir e Sartre reaparecem, relacionados curiosamente à televisão: Beauvoir aceita finalmente ir pela primeira vez falar na tevê, enquanto Sartre, considerado gagá, ainda se recusava a fazer o mesmo. Poucas páginas depois, morrem Sartre e celebridades como Barthes, Brel e Brassens, também mencionados anteriormente em outras ocasiões em *Os anos*.

As conversas da refeição em família do final dos anos 1970 narradas em *Os anos* giram em torno dos novos modelos de carros, das novas compras, das últimas férias e sobre valer ou não a pena comprar uma casa.

No fim dos anos 1970, a memória estava ficando mais curta nos encontros familiares (tradição mantida, apesar da dispersão geográfica de uns e outros). [...] Ninguém mais remexia nas lembranças da guerra e da Ocupação [...]. Os laços com o passado se esvaíam. Apenas o presente importava. (*ibid.*, p. 126-127)

Apesar de constatarmos, neste contexto de *Os anos*, tal primazia do presente e o rompimento com que estamos chamando neste trabalho de experiência benjaminiana, não acreditamos que

o que está em jogo no livro seja a morte da memória coletiva. Segue havendo a atualização e a manutenção da memória coletiva, ela está apenas apoiada em outros critérios e fatores, como, por exemplo, na rádio, nas propagandas, nos jingles, na televisão.

Tem destaque também no almoço em família a preocupação dos pais em relação à educação dos filhos, visto que esses estavam sendo criados e educados a partir de novos valores, pautados em maior liberdade. É bastante interessante observarmos, na passagem “Os pais se julgavam os únicos responsáveis pelo sucesso individual da prole. O tempo dos filhos substituía o tempo dos mortos” (*ibid.*, p. 127), alguns aspectos que revelam o imaginário da época conforme ele vem sendo representado em *Os anos*. O primeiro é a preocupação com o sucesso dos filhos, que se alinha bastante com os valores individualistas, conforme Lipovetsky (2005). O segundo é a ideia segundo a qual os pais seriam os únicos responsáveis por tal êxito, o que aponta para o triunfo do individual sobre o coletivo, visto que não se entende que esta responsabilidade se estenda a mais responsáveis, como o resto da família, a escola, a vizinhança, a sociedade. O terceiro é que, no momento em que o tempo dos filhos (o presente e o futuro) substitui o tempo dos mortos (o passado), temos a confirmação da impressão de que o presente e as projeções para o futuro passam a ser mais valorizados do que o passado. Esta é uma questão que se assemelha bastante com o que o Benjamin descreve em relação à *Erlebnis*, como se houvesse um desvencilhamento com a tradição, a história e a memória, e um constante choque com a atualidade.

Por fim, a narrativa do período dos anos 1970 em *Os anos* termina em torno do divórcio “dela”, que sabemos ser a própria Ernaux. O que mais nos chama atenção, nesse sentido, é que o divórcio se dá em um momento em que a separação dos casais já é mais bem aceita socialmente, e é igualmente interessante notar que o fim do casal se confirma com o inventário dos objetos e a separação dos bens adquiridos ao longo de todos os anos juntos (cf. *ibid.*, p. 131). Ou seja, mesmo as relações humanas, como neste caso o divórcio, são compreendidas a partir da perspectiva do consumo, da aquisição e da posse de bens materiais.

### **3.1.11 Foto 13: os anos 1980 e a geração “tanto faz”**

A décima terceira fotografia mencionada no livro é a primeira colorida. Ela apresenta uma mulher, um homem e um menino de uns doze anos: são Annie Ernaux, seu marido (do qual estava se separando) e o filho mais novo do casal, em uma viagem à Espanha, em julho de 1980. Quem tirou a foto foi o filho mais velho. A partir desta fotografia, Ernaux recorda: “Ela tem a sensação de que um livro está se escrevendo sozinho a partir dos rastros dela, apenas

vivendo, mas é apenas uma sensação” (*ibid.*, p. 134). Este livro parece remeter ao próprio *Les années* ou a algum outro de sua vasta obra autobiográfica, visto que seus livros partem sempre de sua história e experiências pessoais. Todavia, a ideia do livro também parece apontar para a escrita da memória coletiva a partir da memória e das vivências individuais. Nesse sentido, os rastros produzidos pelos indivíduos contribuem para a construção da memória coletiva, sendo este o livro que parece se escrever sozinho.

No campo político, na França dos anos 1980, acompanhamos em *Os anos* a eleição de Mitterrand, representante da esquerda, da juventude e das pautas progressistas: “era a favor das rádios livres, de um reembolso para quem fizesse o aborto, da aposentadoria aos sessenta anos, das 39 horas de trabalho, da abolição da pena de morte” (*ibid.*, p. 135). Em relação à vitória de Mitterrand nas urnas, resultado de um movimento que vinha sendo feito há pelo menos uma década, Ernaux evoca a mobilização de símbolos e eventos nacionais, assim como canções, que podemos compreender como elementos da memória coletiva.

Depois de todo este tempo, em uma noite nebulosa de um domingo de maio que apagava o fracasso do outro, nos reconciliávamos com a História, ao lado de um grupo enorme de pessoas, jovens, mulheres, operários, professores, artistas e homossexuais, enfermeiras, carteiros, e tínhamos vontade de escrevê-la outra vez. Muitos momentos poderiam ter dado certo, 1936, a Frente Popular dos pais, a Libertação, 1968. Precisávamos de lirismo e emoção, da rosa e do Panteão, de Jean Jaurès e de Jean Moulin, das canções “Les corons” e “Temps des cerises”, de Pierre Bachelet. Aquelas palavras vibravam e pareciam sinceras porque não se ouvia nenhuma delas havia muito tempo. Era necessário ocupar o passado outra vez, retomar a Bastilha, se embebedar de símbolos e de nostalgia antes de enfrentar o futuro. (*ibid.*, p. 135-136)

Embora a recuperação desses símbolos se dê de forma bastante pontual (e mesmo excepcional) a essa altura da narrativa, acreditamos que ela reforça a ideia de que ainda podemos falar em construção e manutenção da memória coletiva, apesar da dissolução da *Erfahrung* e do predomínio de elementos da publicidade com esta função.

Assim, apesar da decepção posterior da esquerda com o novo presidente, esta foi uma época de muitas transformações e conquistas de direitos sociais na França: a pena de morte foi abolida, fixou-se o reembolso pela interrupção voluntária da gravidez, os imigrantes clandestinos tiveram sua situação regularizada, a homossexualidade foi autorizada, os feriados se alongaram para uma semana e a semana de trabalho foi reduzida em uma hora (cf. *ibid.*, p. 136). Há destaque também para o desenvolvimento do neoliberalismo, acompanhado de palavras como “performance”, “desafio”, “lucro” e “sucesso” (cf. *ibid.*, p. 138). Mais uma vez, as recordações de Ernaux vão no mesmo sentido do que coloca Lipovetsky (2005).

Os hipermercados cresciam, os carrinhos de compras eram substituídos por outros ainda maiores, cujo fundo só dava para alcançar se pendurando. Trocávamos a televisão por outra com uma entrada que pudesse se conectar ao videocassete e ao som. A chegada da novidade deixava as pessoas calmas, e a certeza de um progresso contínuo suprimia o desejo de imaginar o futuro. Elas recebiam os objetos sem deslumbre nem angústia, como um acréscimo de liberdade individual e de prazer. Com a chegada dos CDs não era mais preciso se levantar a cada quinze minutos para trocar o lado do disco, o controle remoto dava a possibilidade de ficar sentado no sofá a noite inteira sem ter de levantar. Os videocassetes realizavam o grande sonho de ter o cinema em casa. Na tela do Minitel, consultávamos a lista telefônica, os horários do trem, o horóscopo e os sites eróticos. Finalmente era possível fazer tudo em casa sem pedir nada a ninguém e assistir, em close, ao sexo e ao esperma, no conforto do lar, sem ficar constrangido. Já não havia nenhum espanto. Ninguém se lembrava que um dia fora inimaginável poder ver algo assim. Agora, víamos. E, então, nada. Tínhamos apenas a satisfação de poder acessar impunemente os prazeres antes proibidos. Com a criação do walkman, pela primeira vez a música penetrava o corpo e nós podíamos viver nela se escondendo do mundo. (ERNAUX, 2019, p. 140-141)

Na passagem anterior, chamamos especialmente a atenção para os indícios da indiferença em relação às novidades e mesmo às outras pessoas. O entusiasmo, que vinha há até pouco tempo atrelado ao aumento do consumo e à chegada dos novos produtos às prateleiras e às vitrines, deu lugar à calma e a um certo costume com o “andar natural” do progresso. Tal indiferença também atravessa a política, que passava a ser vista através do “filtro do escárnio divertido do comediante Coluche” (*ibid.*, p. 134). Fica cada vez mais claro também o aumento do individualismo e do desejo de se isolar e de não depender dos outros. No mesmo sentido, a preocupação e o cuidado com o corpo, bem como o espaço de destaque dado ao prazer e à sexualidade (acompanhados de um *boom* da pornografia), de que falávamos ao longo da décima segunda foto, são reforçados também neste momento.

O corpo seguia o seu caminho rumo à assunção: era preciso “manter a forma” com corrida, ginástica tonificante, exercícios aeróbicos, água Évian, iogurtes e pureza interior. Era o corpo que pensava em nós. A sexualidade deveria “desabrochar”. [...] A expressão “se dar prazer” era cada dia mais comum. [...] A esperança e a expectativa se deslocavam das coisas para os cuidados com o corpo, com a busca de uma juventude inalterável. (*ibid.*, p. 143-144)

Ao contrário do que ocorria na infância de Ernaux, a mortalidade infantil diminuiu drasticamente e se tornava impensável viver perto de excrementos: “A merda e a morte deveriam ser invisíveis” (*ibid.*, p. 144).

Boa parte do período compreendido pela décima terceira foto se concentra na descrição dos jovens dos anos 1980 — talvez porque esta tenha sido a época de adolescência dos próprios filhos de Ernaux e, assim, ela tenha podido acompanhar mais de perto a juventude desta década. Chamados de geração “tanto faz” (cf. *ibid.*, p. 141) — em sintonia com a indiferença recém

mencionada —, os jovens da década de 1980 estavam mais ocupados, segundo *Os anos*, com a música, tocada nos walkmans, com os programas de televisão, com os videogames, com a chegada dos microcomputadores e com outras atividades de lazer. Foram criados com a liberdade que seus pais gostariam de ter tido, lidando com suas questões com menos tabus e vivendo relações de gênero mais igualitárias, em comparação com a geração de Ernaux. Não se interessavam por política, mas defendiam a tolerância, o antirracismo, o pacifismo, a ecologia e o direito à diferença. Não eram muito bagunceiros, obedeciam aos pais, estudavam e não davam muito trabalho.

As refeições em família seguem ocorrendo, como de hábito. Além do desinteresse pelo passado e pelas grandes narrativas das guerras, nos parece interessante dar atenção à ideia da contemporaneidade entre pais e filhos. Esse aspecto nos remete a certa dissolução da diferença entre gerações e ao desejo de juventude eterna, cultivada até hoje em nossa sociedade. Assim, são colocados no mesmo plano pais e filhos, havendo o progressivo apagamento do respeito pelo mais velho, aquele capaz de transmitir o conhecimento da experiência.

Nos encontros de família, as referências ao passado se tornavam rarefeitas. Não havia interesse por parte dos jovens em desenterrar as grandes histórias da época da nossa infância, e nós tínhamos tanto horror quanto eles às guerras e ao ódio entre os povos. Já ninguém falava da Argélia, do Chile ou do Vietnã, nem de Maio de 68 nem da luta pelo aborto livre. Nós éramos contemporâneos de nossos filhos. (*ibid.*, p. 142)

Como vimos, para Nora (1984), a necessidade de memória percebida pelo autor era na verdade uma necessidade da história, uma vez que essa teria substituído aquela. Totalmente alinhado às suas percepções, o seguinte trecho apresenta justamente essa questão. Existe um dever de memória porque a memória já não é mais assegurada por si só, inconscientemente e naturalmente; é necessário que esse processo, que passa pela história, garanta a preservação destes dados.

O tempo de antes se retirava das mesas familiares, escapava do corpo e das vozes das testemunhas. Ele ocupava agora o espaço da televisão, estava nos documentos e arquivos comentados por uma voz vinda de lugar nenhum. O “dever da memória” tinha virado uma obrigação cívica, o sinal de uma consciência justa, um novo patriotismo. (*ibid.*, p. 142)

Assim, Ernaux narra também um grande interesse ao longo da década de 1980 pela genealogia e pela busca de informações sobre os próprios antepassados, sendo necessário apelar aos arquivos, à história, aos dados, visto que não é mais possível contar com a transmissão da experiência e a manutenção da memória, como coloca Nora, de uma geração

para outra. Ernaux fala também de uma necessidade de “voltar às origens”: “De todos os lados, proliferava uma exigência de encontrar as raízes” (ERNAUX, 2019, p. 143). Da mesma forma, existe uma grande preocupação com a identidade, compreendida como bem precioso e supremo, o que nos remete não apenas às observações de Nora (1984), como também às de Lipovetsky (2005), visto que o indivíduo e o asseguramento de sua identidade ganham igualmente extrema importância. Também é interessante observar que essa configuração de desenvolvimento do estado de bem-estar social dos anos 1980, anterior ao fim da Cortina de Ferro, se dê concomitantemente ao desenvolvimento da corrente historiográfica da Nova História, em que se destacam os esforços de trabalhar a memória em complementariedade com a história.

### **3.1.12 Filmagem 14: heranças da Revolução Francesa**

O décimo quarto documento descrito em *Os anos* é uma novamente uma filmagem, de uma fita VHS, onde é possível observar uma aula do primeiro ano secundário de uma escola em Vitry-sur-Seine, em fevereiro de 1985. A mulher, cuja trajetória acompanhamos desde os primeiros anos de vida, ocupa agora o lugar de professora. Nessa aula, em dado momento, alguém pergunta como era sua vida quando tinha a idade de seus alunos, e sua resposta busca dar conta das mudanças vividas pelas mulheres nas últimas décadas. Esse esforço que ela (a personagem que atravessa *Os anos*) faz nessa aula é bastante semelhante ao que a autora-narradora faz ao longo do livro, se lembrarmos que o único lugar social que Ernaux ocupa do início ao fim nesta narrativa é o das mulheres. Neste momento da vida compreendido pela décima quarta foto, ela já está divorciada e tem um amante. Fazendo referência à sua carreira literária, fala do projeto de escrita de um livro que tinha vontade de escrever, embora estivesse ainda pensando como. Ao que tudo indica, esse livro veio a se realizar vinte anos depois, com *Les années*.

[um livro] que mostrasse a passagem do tempo em seu interior e fora, na História. Um “romance total” que terminaria num gesto de se desfazer de tudo e de todos, pais, marido, filhos que saem de casa, móveis vendidos. Ela tem medo de se perder em meio à profusão dos objetos que compõem a realidade a ser apreendida. De que maneira organizar essa memória com tanto acúmulo de acontecimentos e *fait divers*, de milhares de dias que a conduzem até hoje? (*ibid.*, p. 149)

Podemos identificar facilmente em *Os anos* a intenção de escrever um livro que mostre a passagem do tempo em seu interior e fora, na História, o que acaba se dando por meio do



entrelaçamento entre a memória coletiva e a memória pessoal. Talvez menos claro, em um primeiro momento, seja o término da obra com um gesto de se desfazer de tudo e todos. No entanto, se pensarmos no foco que o início e o final do livro, como veremos, dão para o esquecimento e para a morte (*Todas as imagens vão desaparecer*), nos aproximamos mais desse gesto. Além disso, o próprio mecanismo de retomar fotos e filmagens pessoais, do âmbito familiar, e partir delas para encontrar um contexto social e histórico mais amplo e coletivo, pode ser compreendido como tal gesto que busca se desfazer de tudo o que diz respeito à vida pessoal.

Assim, tais lembranças pessoais se abrem para lembranças que contribuem para recuperar aqui a memória coletiva. Ao longo dos anos 1980 acompanhamos, então, em *Os anos*, a morte de personalidades francesas como Michel Foucault, Simone de Beauvoir, Jean Genet e Coluche, sendo alguns deles mencionados mais vezes ao longo do livro como figuras importantes da memória coletiva. Esta também é a década do início da epidemia de HIV, em que as mortes por AIDS acabaram freando a liberdade sexual há pouco conquistada.

O medo de fazer amor estava de volta com a chegada da AIDS, que não era apenas uma doença de homossexuais e drogados como se achava no início. Entre o momento em que o medo de engravidar tinha acabado e aquele em que surgia o temor de se tornar soropositivo, o intervalo de tranquilidade tinha sido curto. (*ibid.*, p. 156)

Além do retorno da direita e do aumento da xenofobia na França, são recordados também neste período dos anos 1980 a catástrofe da usina nuclear de Chernobyl, o massacre da Praça da Paz Celestial e a queda do Muro de Berlim. Na passagem seguinte, na ocasião do aniversário de duzentos anos do início da Revolução Francesa, Ernaux coloca todas as revoltas e revoluções do mundo como herdeiras desta primeira, criando uma tradição a partir da mobilização da memória coletiva francesa.

Na noite de 14 de julho de 1989 [...], tivemos a sensação de que tudo o que tinha acontecido em termos de revoltas e revoluções no mundo era nossa responsabilidade — do fim da escravidão, passando pelos estaleiros de Gdansk até a praça da Paz Celestial. Ao observar calmamente os povos do planeta, percebíamos que as lutas passadas, presentes e futuras, todas elas eram, para sempre, herdeiras da Revolução Francesa. (*ibid.*, p. 159)

Também é interessante pensar na ênfase dada às influências que, em um mundo globalizado, as nações têm umas sobre as outras. Não quer dizer que isso não ocorresse antes, mas percebemos que, em *Os anos*, a narrativa, que no início se centrava mais nos entornos da cidade natal de Ernaux ou no máximo no território francês, passa a abarcar um espaço

geográfico mais abrangente e globalizado com o passar dos anos. Isso pode ter a ver com uma maior disponibilidade de informação, assim como com o fato de que, adulta, Ernaux compreende melhor e acompanha mais o que acontece no mundo do que o fazia quando era criança.

Além disso, a narrativa se atém neste momento também às guerras que se dão fora da Europa, envolvendo países como Irã, Iraque, Líbano e Afeganistão. No início de *Os anos*, especialmente na ocasião das refeições em família, a temática das guerras era bastante presente. Agora, Ernaux fala sobre o quanto essa realidade se encontra longe do território francês e europeu, visto que as guerras ocorrem em outros territórios — ainda que por responsabilidade da Europa. No próximo trecho, é possível perceber uma crítica implícita à Europa, supostamente pacífica e civilizada.

A ideia de guerra tinha deixado de fazer parte do nosso mundo. Já não se viam rapazes fardados andando nas ruas. Servir no exército era uma obrigação da qual todos tentavam escapar. [...] Que bom seria se militares da ONU estivessem por todo o mundo para fazer reinar a paz eterna. Nós éramos civilizados, cada vez mais preocupados com a higiene e cuidados com o corpo, consumidores de produtos que eliminavam os próprios odores. (*ibid.*, p.152)

É dada especial atenção igualmente ao espaço cada vez mais importante do carro na vida das pessoas e à sua colaboração para o processo de progressivo individualismo em curso. Compreendido praticamente como uma extensão do corpo humano, o carro serve como um híbrido entre os espaços privado e público.

As pessoas passavam cada vez mais horas dentro de carros silenciosos e confortáveis, com janelões, ouvindo música. Os automóveis constituíam uma casa transitória, cada vez mais pessoal e familiar, onde não se admitiam os desconhecidos — já não havia o hábito de dar caronas, situação em que as pessoas cantavam, lembravam de histórias, conversavam e faziam confidências com o olhar fixo no trânsito, sem se virar para o passageiro ao lado. Deste lugar ao mesmo tempo aberto e fechado, a existência dos outros, nos carros ao lado, se limitava a um perfil rápido, eram seres sem corpos cuja realidade brutal num acidente, sob a forma de fantoches desfigurados no assento, aterrorizava. Quando dirigíamos por muito tempo mantendo a mesma velocidade, o automatismo dos gestos conhecidos dava a impressão de não sentirmos mais o corpo, como se o carro dirigisse sozinho. (*ibid.*, p. 155)

É feita também uma crítica, direcionada de uma geração a outra, ao rumo que estava tomando a luta das mulheres. Ernaux critica a má compreensão do movimento feminista e do que seria a garantia dos direitos das mulheres, mas sobretudo o esquecimento da geração mais nova em relação à luta que a geração anterior tinha empreendido para que as mulheres pudessem gozar de tantos direitos agora. Segundo *Os anos*, a luta das mulheres era a única que não tinha entrado ainda para a memória oficial, embora pertença à memória coletiva.

O excesso de peitos e pernas expostos nas propagandas deveria ser valorizado como se fosse uma homenagem à beleza. O feminismo era uma ideologia antiga, vingativa e sempre de mau humor, totalmente desnecessária para a vida das jovens, que a viam com condescendência e não duvidavam da própria força e da igualdade de gêneros. [...] O esquecimento jogava por terra a luta das mulheres, única memória que não tinha sido lembrada oficialmente. [...] Nós, que passamos por abortos em cozinhas, nos divorciamos e achamos que nossos esforços para nos libertar serviriam para outras mulheres — nós estávamos totalmente exaustas. Já não sabíamos se a revolução feminina tinha de fato acontecido. (*ibid.*, p. 162-163)

Achamos pertinente recuperar o trecho em que é abordada a realidade vivida nesta época pelas mulheres de sua geração, que estavam quase na menopausa. Ernaux atribui, aliás, à menstruação a função de “escansão regular do tempo” (cf. *ibid.*, p. 163), o que é bastante interessante em um livro em que a questão do tempo e as experiências das mulheres são centrais. Já vimos, em *Os anos*, a bicicleta e a televisão marcarem o tempo, agora vemos a menstruação. Mais uma vez, como na ocasião da décima terceira foto, é possível perceber a seguir um nivelamento das idades e das gerações, como se as diferenças de idade ou o abismo entre as gerações fossem maiores no passado. Essa questão nos remete mais uma vez aos tempos de individualismo, ao cuidado com o corpo, ao ideal de juventude e à liberdade conquistada pelas mulheres, que permitia que vestissem o que bem entendessem e que tivessem relações amorosas para além do divórcio e do casamento.

Usávamos calças *legging* e camisetas como as moças de quinze anos, nos referíamos a um amante regular como “meu namorado”. Conforme íamos envelhecendo, passamos a não ter mais idade. Ao escutar “Only you” ou “Capri c’est fini” na rádio Nostalgie, uma ternura juvenil nos invadia, o presente se alargava até os nossos *twenties*. Em relação às nossas mães, trancafiadas na menopausa e transpirando horrores, tínhamos a sensação de vitória. (*ibid.* p. 163)

Excepcionalmente, neste período englobado pela décima quarta foto, não há menção a nenhuma refeição de domingo em família. Ainda assim, há espaço para mais algumas observações em relação à juventude dos anos 1980, a geração “tanto faz”, que levava mais tempo do que a anterior para deixar a casa dos pais. Não só o comportamento dos filhos era diferente em casa, como também o comportamento dos pais. Em outra ocasião, Ernaux comenta que não é mais a mesma mãe depois do divórcio, pois teria se tornado uma mistura de “irmã, amiga, monitora, organizadora de uma rotina mais leve” (*ibid.*, p. 148), dando ainda mais liberdade aos filhos. Assim, com o passar do tempo e as transformações na sociedade, observamos também mudanças nas relações familiares e nos papéis exercidos por cada membro da família.

Os filhos, sobretudo rapazes, demoravam muito para sair da casa dos pais, a geladeira sempre cheia, roupa lavada, o barulho de fundo das coisas da infância. Eles faziam amor na maior inocência no quarto ao lado do nosso. Viviam uma longa juventude, o mundo não esperava por eles. E enquanto os alimentávamos e nos preocupávamos com esses filhos, tínhamos a sensação de estar vivendo sempre no mesmo tempo, sem nenhuma ruptura. (*ibid.*, p. 164)

### 3.1.13 Foto 15: envelhecendo nos anos 1990

Na décima quinta foto do livro, há apenas uma mulher com um gato no colo. A descrição da mulher se concentra desta vez nas marcas da idade de seu rosto e corpo, como nos cabelos brancos, nas bolsas debaixo dos olhos e nas linhas de expressão na testa, o que chama a atenção para o processo de transformação que este corpo atravessa desde o início do livro. No verso da foto, consta que ela foi tirada em Cergy, no dia 3 de fevereiro de 1992. Descobrimos que no início dos anos 1990, ela, Ernaux, mora sozinha. E, nas passagens a seguir, acompanhamos não apenas as mudanças da casa em que mora, como também as mudanças físicas pelas quais seu corpo passou. Podemos perceber a passagem do tempo e das fases da vida pelas próprias mudanças e marcas nessas duas moradas: a casa e o corpo.

Dez anos antes, também viviam ali seu marido, dois adolescentes, e de vez em quando sua mãe. Ela era a peça central da família e cuidava de tudo, desde a iniciativa de lavar os lençóis até fazer as reservas de um hotel nas férias. O marido, agora está distante, casou-se outra vez e teve outro filho, a mãe morreu, seus filhos moram longe. Ela constata o vazio deixado por eles de modo sereno, como uma trajetória inelutável. Quando faz suas compras em Auchan, não precisa mais de um carrinho, basta uma cesta. (*ibid.*, p. 165)

Às vezes ela se observa nua no espelho do banheiro, o torso fino, os seios pequenos, a cintura bastante marcada, a barriga levemente caída, as coxas pesadas com uma saliência em cima do joelho, o sexo bem visível agora que os pelos são escassos, uma fenda pequena se comparada com as fendas dos filmes para adultos. Duas estrias azuis perto da virilha, resquício das duas gravidezes. Ela se espanta: É o mesmo corpo desde que parou de crescer, por volta dos dezesseis anos. (*ibid.*, p. 165-166)

Aleida Assmann se atém, na segunda parte de sua obra *Espaços da recordação* (2011), aos meios de suporte para a memória cultural, sendo dois deles o corpo e os locais. Aqui, Ernaux mobiliza justamente esses dois *media*, ainda que eles estejam mais ligados aqui à memória pessoal. Assim, a casa e o corpo funcionam, neste momento, como esses espaços de recordação e como meios estáveis e contínuos (a mesma casa e o mesmo corpo) capazes de captar as mudanças através do tempo: é a mesma casa, mas ela já abrigou diversas histórias e quem a habita já não são mais as mesmas pessoas; é o mesmo corpo, mas ele já está bem diferente e guarda nele marcas, cicatrizes e traços de acontecimentos passados, a partir dos

quais é possível recordar. Ambos acabam por refletir, portanto, a inevitável passagem do tempo e o envelhecimento da narradora. O espanto ao olhar no espelho também vem nesse sentido: é o mesmo corpo, mas, ao mesmo tempo, não é, pois muito mudou.

Ainda em relação aos espaços de recordação, Ernaux faz o esforço de relembrar todos os quartos nos quais já dormiu na vida — quartos da infância, da adolescência, da universidade, da vida em casal, dentre outros — e de visualizar e caminhar mentalmente por esses ambientes de novo. É interessante reparar que Ernaux compara esse exercício às fotos, constatando que a lembrança dos quartos nunca é nítida como uma fotografia.

Nas noites de insônia, tenta lembrar os detalhes dos quartos em que dormiu. [...] Nestes quartos, não via a si mesma com a nitidez de uma foto, mas de modo embaçado, como em uma tevê mal sintonizada, apenas a silhueta, um penteado, os movimentos, se debruçar na janela, lavar os cabelos, as posições, sentada em uma escrivaninha ou deitada em uma cama. (*ibid.*, p. 168)

Isso ocorre porque as fotos servem como meio, como suporte de recordação — ao qual Ernaux recorre regularmente na narrativa de *Os anos* —, mas não são o mecanismo de recordação em si. Embora tenha o mesmo efeito de ressaltar a passagem do tempo, a referência aos quartos, esses espaços de intimidade, mobiliza uma lógica diferente em relação à passagem anterior que remetia à casa: em um primeiro momento, na mesma casa, no mesmo cenário, passam diversas pessoas, e a casa acaba sendo testemunha das transformações da configuração familiar; em um segundo momento, a mesma pessoa transita por diversos quartos, sendo a pessoa, e não o espaço, o elemento comum e contínuo.

As lembranças que orbitam a mãe, já falecida, recuperam neste contexto o jogo entre lembrança e esquecimento, reiterando que ambos andam juntos, e apontam igualmente para o atravessamento das individualidades pela memória coletiva, bem como para a transmissão geracional da memória coletiva. Assim, provérbios populares que a mãe dizia vêm hoje à mente e à boca de sua filha, marcando a transmissão de uma herança coletiva, que passa por valores, ideias, expressões, afetos, lembranças. Podemos dizer que encarar o corpo envelhecido é uma espécie de dobradura no tempo que aproxima a filha envelhecida da memória da mãe.

Da mãe, lembra-se apenas dos olhos, das mãos, da silhueta, mas não da voz, a não ser de modo abstrato, sem textura. A voz verdadeira se perdeu, não ficou nenhum registro material. Mas, com frequência, vêm aos seus lábios espontaneamente as frases que a mãe dizia no mesmo contexto, expressões que ela não se lembra de ter usado antes, “o tempo escorre”, “meu ouvido não é penico”, “um de cada vez, como no confessionário” etc. É como se a mãe falasse através de sua boca e, por meio dela, toda uma linhagem de pessoas. (ERNAUX, 2019, p. 166-167)

O jogo entre lembrança e esquecimento também sobrevém quando ela se lembra do ex-marido: “Quase nunca pensa no marido, porém traz guardada em si a marca da vida que tiveram em comum e dos gostos dele que ficaram nela, como Bach e a música sacra, o suco de laranja matinal etc.” (*ibid.*, p. 167). Ou seja, mesmo que tenham se separado e que ela não pense mais muito nele, há marcas em sua vida, em quem ela é ou se tornou, que denotam essa presença do ausente por meio da lembrança.

Na passagem a seguir, a partir do hipermercado<sup>41</sup> — um espaço bastante ocupado por mulheres, visto que estas são tradicionalmente as responsáveis pelos cuidados domésticos —, Ernaux levanta algumas reflexões a partir da observação das mulheres que ocupam esse espaço e que por lá transitam. Ela fala tanto de um movimento mais pessoal, enfatizando as diferentes etapas da vida pelas quais ela passou e ainda passa, quanto de um movimento coletivo de diferentes gerações de mulheres que vão se sucedendo. Nesse sentido, perde-se de vista o caráter estritamente individual (com *as silhuetas imprecisas* e *as bonecas russas*, por exemplo) e atinge-se esse fluxo transgeracional, impessoal e coletivo buscado em *Os anos*.

Quando espera na caixa do supermercado, ela se lembra de todas as vezes em que esteve assim em uma fila, com o carrinho mais ou menos cheio de comida. Vê as silhuetas imprecisas de mulheres, sozinhas ou acompanhadas de seus filhos, que brincam ao redor do carrinho, mulheres sem rosto, diferentes apenas pelo penteado [...] e pelas roupas [...], como se fossem imagens de si própria, descoladas umas das outras, desencaixadas como bonecas russas. Ela se imagina neste mesmo lugar dali a dez ou quinze anos, com o carrinho cheio de guloseimas e brinquedos para os netos que ainda não nasceram. Esta mulher imaginada parece tão distante para ela hoje quanto parecia distante, para a moça de 25 anos, a mulher de quarenta que ela sequer podia imaginar que se tornaria um dia — e que já não era mais. (*ibid.*, p. 167)

Neste período da década de 1990, acompanhamos em *Os anos* eventos históricos como conflitos na Iugoslávia, na Argélia e em Ruanda, a doença da vaca louca e, na França, no campo político, a eleição de Chirac e a morte de Mitterrand. Ernaux aproxima Mitterrand do general De Gaulle, no sentido de que ambos foram figuras históricas importantes para a memória coletiva e especialmente marcantes para as juventudes que viveram sob seu governo.

A passagem imperceptível de anos com Mitterrand ao fundo de uma época se solidificava em um bloco. Tinham sido catorze anos, não queríamos ter envelhecido tanto. Os jovens não faziam ideia e não tinham sentimento algum. Mitterrand era o Charles de Gaulle deles, tinham crescido com ele no poder, catorze anos é bastante tempo. (*ibid.*, p. 178)

---

<sup>41</sup> O hipermercado é um espaço muito recorrente na obra de Ernaux. O livro *Regarde les lumières mon amour*, lançado em 2014, por exemplo, tem o formato de um diário em que Ernaux frequenta o hipermercado Auchan, da cidade de Cergy, tomando notas em relação à organização e ao funcionamento do hipermercado, assim como em relação ao comportamento das pessoas dentro desse espaço. A autora busca, neste esforço que remete a um trabalho de campo, compreender aspectos da nossa sociedade a partir da observação deste ambiente.

As mortes por AIDS, doença vista como uma maldição do fim do milênio, seguem aumentando nesse período. Além disso, é uma década de altas taxas de desemprego na França, de aumento do número de pessoas em situação de rua e de aumento do racismo e da xenofobia, heranças do colonialismo francês. A França tinha se tornado um país de imigrantes e parecia estapafúrdio para os franceses que os filhos e netos de imigrantes, de famílias que já estavam há duas ou três gerações no país, se considerassem também franceses.

Durante anos, continuaram acreditando que as famílias da África negra e do Magrebe, amontoadas nos subúrbios das cidades, estavam ali só de passagem, e um dia iriam embora com sua ninhada de volta para o lugar de onde tinham vindo, deixando apenas um rastro de exotismo e nostalgia, como as colônias perdidas. Agora todos sabiam que elas ficariam. (*ibid.*, p. 172-173)

Nesta parte do livro, a narradora se estende bastante sobre os processos inerentes ao neoliberalismo e ao individualismo, em um movimento que vem acontecendo há décadas e segue avançando. Há, portanto, descrição do aumento do consumo, com a proliferação de hipermercados e shoppings em formato de labirintos, e da oferta cada vez maior de produtos, em um ritmo também cada vez mais acelerado, prometendo mudar a vida dos consumidores.

O sistema mercadológico pressionava cada vez mais e impunha seu ritmo ofegante. Munidas de um código de barras, as compras agora passavam com uma velocidade ainda maior pela esteira na direção da sacola com um bipe discreto, que dissimulava o custo da transação em um único segundo. Os produtos para a volta às aulas surgiam nas prateleiras antes mesmo que as crianças entrassem de férias, os brinquedos de Natal, no dia seguinte ao Dia de Todos os Santos, e os trajes de banho e maiôs em pleno inverno. O tempo das coisas nos sugava e nos obrigava a viver sem pausa com dois meses de antecedência. [...] E ninguém mais envelhecia. As coisas ao nosso redor não duravam o bastante para envelhecer, elas eram substituídas, renovadas com a maior velocidade. A memória não tinha tempo de associar os objetos a momentos de existência. (*ibid.*, p. 186-187)

A anomia tinha vencido. A relativização de tudo por meio da linguagem era cada vez mais comum, funcionava como um sinal de distinção intelectual. Competitividade, precariedade, empregabilidade, flexibilidade causavam estragos. Vivíamos um momento de discursos vazios. Sequer conseguíamos ouvi-los, o controle remoto da tevê tinha diminuído o tempo dedicado ao tédio. (*ibid.*, p. 171)

Com a profusão das informações, constata-se também o esquecimento cada vez mais imediato dos fatos e eventos: “Os fatos se apagavam antes mesmo de entrarem na narrativa. A indiferença ganhava força” (*ibid.*, p. 182). Portanto, mesmo eventos impactantes, como atentados, não chegavam a aderir à memória, sendo logo substituídos por novas informações,

que seriam por sua vez logo esquecidas, em um ciclo muito parecido com o que estava ocorrendo com os produtos.

As pessoas assinavam petições, mas em seguida esqueciam qual era a causa e, mesmo tendo assinado, perguntavam, quem era este Abu-Jamal? Cansavam-se da noite para o dia. Havia uma alternância entre efusão e apatia, protesto e consentimento. (*ibid.*, p. 184)

Esta também é uma época de grande desenvolvimento tecnológico, com a chegada às casas da secretária eletrônica — permitindo, com a gravação, que os seres ausentes estivessem de certa forma presentes e que a voz deles ficasse guardada no aparelho —, do fax, do telefone móvel, dos computadores, da internet e do e-mail. Apesar do aumento dos meios de comunicação, a narração de *Os anos* nos leva a crer que essas tecnologias acabaram também colaborando para reforçar o individualismo.

Quanto aos almoços em família no domingo, este era um ritual que continuava acontecendo nos anos 1990, apesar da separação, do falecimento dos avós e do distanciamento entre os membros da família. Os filhos, com quase trinta anos já, vinham às reuniões com os amigos. Segundo *Os anos*, “ali, o passado não interessava a ninguém” (*ibid.*, p. 178), e os assuntos giravam em torno de desejos e interesses atuais: séries, filmes, álbuns, gírias do momento, vantagens de ter um computador ou qualquer outra tecnologia.

Assim, diferentemente do que ocorria na infância de Ernaux, já não têm mais muito espaço as narrativas coletivas do passado, visto que as conversas seguem se atualizando com a renovação constante dos lançamentos, dos produtos, das propagandas. No entanto, em dado momento, os jovens da mesa começam a recordar, juntos, coisas que marcaram sua infância. Nesse sentido, é muito interessante observar quais elementos formam a memória coletiva para esta geração, pois, de fato, predominam propagandas, produtos, programas de televisão da época da infância. Esse trecho nos parece ser outro indício de que o que está em questão não é a ruína da memória coletiva, mas o fato de que ela passa a se basear em outros elementos do que se baseava outrora.

Na hora do champanhe, depois da refeição, eles se lembravam dos programas de tevê, produtos e propagandas, modas e roupas da época da infância e adolescência. A balaclava, as calças com protetor de joelho para evitar o desgaste, “atum é tudo”, a propaganda dos sanitários da SFA, biscoitos Trois Chatons, *Corrida maluca*, *Kiri*, o *palhaço*, o programa de rádio de Zegut, as vinhetas do desenho animado *O Gordo e o Magro* etc. Chegavam a competir para ver quem lembrava mais citações, tomados pela rivalidade ao voltar para os objetos de um passado comum, uma memória incomensurável e fútil que dava a eles um ar de meninos. (*ibid.*, p. 179-180)



### 3.1.14 Foto 16: na velocidade de um clique

Na décima sexta fotografia, cujo verso indica que foi tirada em Trouville, em março de 1999, é possível ver um grupo de quatro pessoas: ela, dois homens quase calvos e uma mulher mais jovem. São Ernaux, seus dois filhos e a namorada de um deles; a companheira do outro foi quem tirou a foto. Perto da aposentadoria, com rugas na testa e o contorno do rosto flácido, Ernaux está, na ocasião da foto, proporcionando à família uma viagem de final de semana à costa normanda. Tendo nascido na Normandia e vivido a infância em condições bastante precárias, percebemos que esse retorno a sua região de origem, na velhice, se dá em condições muito mais confortáveis. Assim, podemos constatar uma necessidade de retornar ao ponto de partida para “fechar” o círculo da memória. Existe aqui também uma surpresa com a passagem do tempo e as transformações que ocorrem em seu curso, expressa, por exemplo, por meio do espanto em constatar que aqueles dois homens grandes e adultos eram seus filhos e pela lembrança do espanto que sua mãe também sentia ao olhar os dois, seus netos, e perceber que tinham saído do ventre de sua filha (cf. *ibid.*, p. 190).

Com os anos 2000 chegando, havia, segundo *Os anos*, uma euforia e uma expectativa apocalíptica de que a extinção da humanidade e o fim dos tempos estivessem próximos. Ernaux também associa a virada do século à memória, uma vez que parecia ser necessário fazer incontáveis balanços e listas do que ocorrera no século XX para poder entrar nos anos 2000 com a “memória zerada” (cf. *ibid.*, p. 194). Também se tinha a impressão de que as pessoas que se tinha conhecido, mas de quem se tinha perdido o contato, assim como os familiares já falecidos, estariam todos definitivamente mortos. No fim, vieram os anos 2000 e nada mudou (cf. *ibid.*, p. 196).

O final do século XX e o início do XXI presenciaram a morte da princesa Diana, o escândalo sexual envolvendo Bill Clinton e Monica Lewinsky, a vitória da França na Copa do Mundo de 1998, a criação do euro e a queda das Torres Gêmeas, dentre diversos outros eventos coletivos nacionais e internacionais recuperados em *Os anos*. Com a globalização e a difusão instantânea das notícias em escala internacional pela mídia, a tragédia do 11 de setembro, embora tenha sido um acontecimento local, foi vivida e acompanhada coletivamente pelo mundo inteiro. Sem dúvidas este é um evento que integra a memória coletiva, entendendo que o coletivo não abrange mais aqui apenas o vilarejo, a cidade, o país, mas que se estende a todo o planeta. Assim, não falamos mais da memória coletiva enquanto histórias narradas e lembradas pela família de Ernaux, mas de um evento recordado internacionalmente pelas pessoas e pela mídia. Ernaux observa, nesse sentido, que o mais importante, na ocasião do 11

de setembro, era contar o que você estava fazendo quando recebeu a notícia dos atentados, e, assim, constata que “o tempo também se globalizava” (*ibid.*, p. 199).

Mas o que mais importava era dizer onde, como e por quem, ou por qual meio, tínhamos recebido a notícia do ataque às Torres Gêmeas. Os pouquíssimos que não souberam no mesmo dia ficaram com a impressão de terem faltado a um compromisso com o resto do mundo. [...] Não havia qualquer relação entre as duas coisas, a não ser estarmos vivos no mesmo momento que três mil seres humanos prestes a morrer mas que ignoravam o fato quinze minutos antes. Ao lembrar, estava no dentista, na estrada, em casa lendo, nessa estupefação da contemporaneidade, percebíamos com a mesma precariedade o que separava as pessoas na terra e o que as unia. (*ibid.*, p. 198-199)

Conforme *Os anos*, além de haver uma globalização do tempo, que fazia com o que ele se nivelasse e fosse vivido de forma cada vez mais semelhante e acelerada por todo o mundo, todos estavam “completamente tomados pelo tempo das coisas” (*ibid.*, p. 208). Isto é, o tempo era sobretudo pautado pelo consumo, pelo calendário das liquidações sazonais, pelo tempo dos lançamentos dos novos produtos, e, de certa forma, o consumo também dizia respeito ao tempo de vida: “Não acompanhar os novos produtos significava aceitar o envelhecimento” (*ibid.*, p. 207). Em uma sociedade em que consumidor era a “primeira acepção usada para definir o indivíduo” (*ibid.*, p. 206), renunciar ao papel de consumidor é caminhar para a morte: estar vivo é estar comprando, como atesta a obra de arte de Barbara Kruger “I shop, therefore I am” (1987).

A internet abriu um novo mundo de possibilidades e colaborou muito para a facilitação das compras e para a expansão da diversidade de produtos ofertados: esta é a época do aparelho de DVD, da câmera digital, do MP3 player, do modem ADSL e da televisão de tela plana. Depois da bicicleta (foto 5) e da tevê (filmagem 12), agora “o clique saltitante e veloz do mouse na tela era a medida do tempo” (*ibid.*, p. 210). Neste momento do livro, Ernaux traz reflexões muito interessantes em relação às mudanças dos processos de recordação na era da internet.

A busca do tempo perdido passava pela web. Os arquivos e todas as coisas antigas que sequer imaginávamos poder encontrar um dia chegavam até nós sem demora. A memória tinha se tornado inesgotável, mas a profundidade do tempo — cuja sensação era produzida pelo cheiro e o amarelecido do papel, o barulho das páginas, o sublinhado de um parágrafo pela mão de um desconhecido — tinha desaparecido. Estávamos em um presente infinito. (*ibid.*, p. 211)

É descrito, em *Os anos*, um fenômeno muito semelhante ao que Sérgio Branco debate em *Memória e esquecimento na internet* (2017). No livro, da área do Direito, o autor discute o direito ao esquecimento na internet e o fato de que, por mais que queiramos apagar nossos vestígios nos meios digitais, eles permanecerão eternamente registrados em algum local:

“Enquanto os registros da memória foram coletados em meios analógicos, era possível exercer sobre eles um controle quase absoluto. [...] Com o advento dos suportes digitais, tudo mudou” (BRANCO, 2017, p. 28-29). Era possível queimar papéis, fotografias, acabar com os rastros; na internet, o apagamento das informações e dos arquivos não se dá de forma definitiva. Assim, Branco constata que estamos todos destinados à morte, mas que “após o surgimento da internet, passou-se a morrer de modo menos definitivo” (*ibid.*, p. 103).

Ernaux constata justamente que, com a imensa capacidade de armazenamento de dados e informações, bem como com o registro e o compartilhamento do cotidiano cada vez mais intensos e constantes na internet, especialmente nas redes sociais, “ressuscitávamos antes da hora” (ERNAUX, 2019, p. 212). Diferentemente do que ocorria com as gerações anteriores, é como se a memória imperasse sobre o esquecimento, visto que quase tudo pode ser registrado e capturado para a posteridade. Todavia, Ernaux discorda que esse armazenamento compulsivo de informações seja a mesma coisa que recordar: “Cada um tinha em si uma grande memória vaga do mundo. [...] Porém, não eram lembranças de verdade, continuávamos chamando assim, mas eram outra coisa: marcadores de uma época” (*ibid.*, p. 212).

Como vimos, Pierre Nora (1984) já falara sobre o desaparecimento da memória e sobre as diferenças entre memória e a história. Este desejo de salvar todos os arquivos, fotos e documentos que Ernaux relata no início dos anos 2000 parece estar muito mais relacionado à concepção de história para Nora do que à de memória. Também muito semelhante ao que Nora (1984) levanta, segundo *Os anos*, a imprensa já tinha assumido totalmente a responsabilidade pelo processo de memória e esquecimento, comemorando tudo o que era possível — “cada dia é o aniversário de alguma coisa” (ERNAUX, 2019, p. 212) —, sem que houvesse exatamente uma percepção dos níveis de profundidade temporais: fizesse um ano, dez ou cem, tudo era recordado e celebrado como se fosse história remota (cf. *ibid.*, p. 213).

Sérgio Branco (2017) percebe também que, embora o individualismo ganhe ainda mais força na era da internet, com uma grande publicização da vida privada pelos próprios indivíduos, a tarefa de registro e de compartilhamento nas redes sociais não é uma construção apenas individual, mas coletiva.

Se antes o registro era uma tarefa essencialmente individual, agora a memória é criada coletivamente. [...] Com a internet, deixamos a era do arquivamento de si individual para a do arquivamento de si coletivo. Diários e autobiografias, como os conhecemos, sempre existirão [...], mas serão minoria no mundo das memórias integradas e interativas, criadas coletivamente a partir de postagens próprias, comentários em postagens alheias, compartilhamentos, intervenções, críticas, imagens, vídeos, citações. São tantas as possibilidades de registro, por si ou por terceiro, que por mais que um indivíduo deseje passar despercebido, invisível, *sem perfil*, dificilmente

conseguirá fazê-lo. Assim, temos também por característica desta era um arquivamento forçado, ainda que mínimo, ainda que involuntário, ainda que à revelia do indivíduo que se percebe objeto desse arquivo. (BRANCO, 2017, p. 60-61)

Dado que, no início dos anos 2000, as redes sociais não tinham ainda a força que têm hoje, vinte anos depois, Ernaux não se atém muito a essa questão, mas acreditamos que essa observação de Branco também traga pistas para pensar a tarefa a que a escritora se propõe com *Os anos*.

Na refeição em família da primeira década do século XXI, as crianças dela já são “quarentonas” e vêm acompanhadas ao almoço de seus companheiros e filhos, netos da narradora. Ela, Ernaux, já era a representante mais velha deste ritual, que já existia antes dela nascer e provavelmente seguirá existindo após sua morte. Podemos imaginar que as conversas em torno da mesa continuassem girando muito pouco ou quase nada em torno das narrativas e da memória de tempos passados. Com efeito, “o presente infinito” não está apenas na atualização constante das informações na internet, mas também nas conversas e trocas interpessoais.

A conversa tratava, primeiro, de questões recíprocas: trabalho precário ou ameaçado pela reestruturação da empresa, os meios de transporte, os horários e as folgas, a quantidade de cigarros por dia, deixar de fumar, as distrações de cada um, foto e música, os downloads, as últimas aquisições de produtos novos, a última versão do Windows, o último modelo de celular, a Internet 3G, a relação entre o consumo e o uso do tempo. Tudo o que permitia atualizar o conhecimento um do outro, avaliar os estilos de vida e fortalecer secretamente a crença de que o melhor era o seu próprio estilo. (ERNAUX, 2019, p. 215-216)

Ernaux constata que “não havia nem memória nem história. [...] Em meio ao entusiasmo da conversa, ninguém tinha mais paciência para as histórias.” (*ibid.*, p. 217). E, em família, procurando lembrar os detalhes de eventos públicos e coletivos recentes ou mais distantes, divulgados na mídia, percebem que há uma amnésia coletiva, como se as informações e os fatos não aderissem à memória, como se não fossem experimentados como experiência e não pudessem, conseqüentemente, ser narrados novamente mais tarde. Perto do final do almoço em família, juntando as coisas para ir embora, havia uma pergunta frequente: “será que não esquecemos nada?” (*ibid.*, p. 218). Essa pergunta, imediatamente direcionada aos pertences pessoais, que poderiam ficar para trás, nos parece ser bastante importante em um livro em que a memória e o esquecimento são centrais na narrativa. Já nas últimas páginas de *Os anos*, tal questão remete também ao esforço de buscar recordar para narrar. Inevitavelmente muita coisa será esquecida, assim como muita coisa foi recordada.

### 3.1.15 Foto 17: salvar alguma coisa deste tempo

A décima sétima e última foto de *Os anos* é uma dentre as centenas de fotos guardadas em envelopes de revelação ou armazenadas em arquivos digitais. Nela, vê-se uma senhora, cujas mãos são marcadas por articulações quase nodosas, segurando um bebê, sua neta. No verso, constam o local e a data em que a foto foi tirada: Cergy, 25 de dezembro de 2006. Diferentemente de todas as fotos anteriores, em que a narradora se vê separada, distante, como um outro diante das meninas, das mulheres e das senhoras que estão nas dezesseis fotos descritas até aqui, nesta, como o tempo da escrita e o momento em que a foto foi tirada estão muito próximos, “ela pode dizer *esta sou eu* = não tenho marcas a mais de envelhecimento” (*ibid.*, p. 220, grifos da autora). Em relação às mudanças, afirma: “Ao contrário da adolescência, em que tinha certeza de já não ser a mesma pessoa de um ano para o outro (às vezes até de um mês para o outro), enquanto o mundo ao redor permanecia imutável, agora é ela que se sente imóvel em um mundo que se transforma” (*ibid.*).

A senhora da foto já está então aposentada e já se desfez de todas as anotações que usava em suas aulas, o que chama de “embalagem” da sua vida (cf. *ibid.*, p. 194). Ao deixar de usar a linguagem especializada que era requisitada no trabalho, começa a esquecer também alguns termos e essa forma específica de se expressar, à qual recorrera por tantos anos. Nesta fase da vida, Ernaux está em tratamento para um câncer de mama, doença que descobriu junto com a notícia da chegada próxima de sua neta, o que aponta para o fluxo das gerações, que faz com que coincidam mortes e nascimentos. Em entrevista<sup>42</sup>, Ernaux afirma que o combate ao câncer e a proximidade, senão da morte, ao menos do envelhecimento, contribuíram para que ela finalmente se dedicasse à escrita de *Les années*, um livro que planejava escrever há décadas.

Não à toa, existe um grande esforço em *Os anos* em acessar a memória coletiva a partir da memória pessoal, enquanto esta ainda está disponível, e uma tentativa de relembrar, de escrever para não morrer, como dizia Gagnebin (2006). Todas as imagens e todas as lembranças vão desaparecer em um segundo, mas enquanto elas ainda estão, nem que seja parcialmente, acessíveis, é possível escrever.

Ela perdeu o sentimento que tinha em relação ao futuro, como uma espécie de pano de fundo sem fim sobre o qual projetava gestos, atos e a espera por coisas desconhecidas e boas que a habitavam [...]. Um sentimento de urgência substituiu o

---

<sup>42</sup> Entrevista concedida à livraria Shakespeare and Company, em 2018. Disponível em: <<https://shakespeareandcompany.com/event/924/annie-ernaux-on-the-years>>. Acesso em: 19 de dez. 2020.

sentimento de futuro e é ele que a atormenta agora. Ela teme que o envelhecimento faça sua memória voltar a ser nublada e silenciosa, como a que tinha quando era bem criança — momento que nunca voltará a se lembrar. Quando tenta pensar nos colegas professores da escola que ficava na serra onde lecionou durante dois anos, consegue ver as silhuetas e os rostos, às vezes até com extrema precisão, mas é impossível “dar um nome às pessoas”. Ela insiste procurando o nome que falta, tentando fazer coincidir uma pessoa com um nome, unir duas metades separadas. Talvez um dia isso possa acontecer com as coisas e suas denominações: ficarão separadas e ela não poderá mais nomear a realidade, haverá somente um real indizível. Ela precisa dar agora mesmo uma *forma* por escrito para esta ausência de futuro, precisa escrever este livro (ainda em estado de esboço, com milhares de notas) que duplica sua existência há mais de vinte anos e que pretende cobrir, de uma vez só, uma duração cada vez mais longa. (ERNAUX, 2019, p. 223, destaque da autora)

E agora que a distância que a separa da perda de seus pais [...] é cada vez maior, e que nada em sua maneira de viver e pensar se parece com a deles [...], ela tem a impressão de se aproximar deles. À medida que o tempo à frente dela diminui concretamente, ele também se estende cada vez mais, aquém de seu nascimento e para além de sua morte, quando ela imagina que, em trinta ou quarenta anos, poderão dizer que ela viu a Guerra da Argélia, assim como diziam, de seus bisavós, que “eles tinham visto a Guerra de 1870”. (*ibid.*, p. 222-223)

No final do livro, Ernaux também apresenta o projeto de escrita de *Les années*, trechos e questão que expusemos e discutimos no subcapítulo “3.1 Os anos”, deste trabalho. Ernaux busca, assim, apresentar a dimensão vivida da História, entrelaçando suas lembranças a uma narrativa da memória coletiva. Após discorrer sobre o projeto de escrita da obra, Ernaux fala de uma luz que atravessa todos os tempos, todas as lembranças e que toca todos os momentos, objetos, pessoas. Essa captação de uma luz, de cenas, nos remete a fotografias, um recurso que, como vimos, é recorrente nesta narrativa.

[...] agora tudo o que mais gostaria era de poder captar a luz que toca nos rostos já desaparecidos, nos guardanapos manchados de comida nos encontros de família, essa luz que já estava nas histórias contadas aos domingos em sua infância e que continuou encostando em todas as coisas assim que eram vividas, uma luz anterior. Gostaria de poder salvar para sempre [...] (*ibid.*, p. 227)

A oração “gostaria de poder salvar para sempre” vem seguida de uma listagem de cenas, de lembranças, bastante semelhante à listagem que lemos no início de *Os anos*. Nela, intercalam-se lembranças de diversas épocas, fora de uma ordem cronológica, e de natureza diversa. A diferença, aparentemente, entre a lista do início e a do final do livro, é que a primeira parece misturar o que chamamos de lembranças relacionadas à memória coletiva e à memória pessoal, enquanto a segunda parece remeter a cenas vividas no âmbito mais pessoal, que o leitor não chega a identificar como eventos históricos. Visto que foram vividas apenas por ela, talvez essas desapareçam mais em definitivo ou mais imediatamente do que as vividas por diversas pessoas, coletivamente. Como vimos, o fim da narrativa apresenta o traço proustiano

de que o que há no final do livro é a ideia e a necessidade de escrever o livro, *le temps retrouvé*. Assim, a última frase de *Os anos* é “Salvar alguma coisa deste tempo no qual nós nunca mais estaremos” (*ibid*, p. 228) e esse nos parece ser, de fato, o grande motor do livro: recordar e registrar enquanto é tempo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos compreender como se realiza a proposta de escrita de uma autobiografia impessoal por Annie Ernaux, no livro *Les années*, atentando especialmente para a construção de uma narrativa da memória coletiva a partir da memória pessoal da autora. É por meio do trabalho de recordação e da *écriture plate* que Ernaux, conhecida pela escrita autobiográfica e pela rejeição da ficcionalização da vida, tece uma narrativa da memória coletiva francesa e do correr ininterrupto dos anos compreendidos entre a década de 1940 e o início dos anos 2000. Acompanhamos, em *Les années*, diversos acontecimentos coletivos e históricos, como, por exemplo, a reconstrução após a Segunda Guerra, o início da sociedade de consumo, Maio de 68 e o 11 de setembro, estando estes atrelados a lembranças pessoais da escritora, visto que sua intenção é apresentar a dimensão vivida da História.

Como vimos, a narrativa de *Les années* se aproxima em muitos aspectos das percepções de Walter Benjamin (2012) em relação à queda da experiência (*Erfahrung*) e sua consequente substituição pela vivência (*Erlebnis*), processo que resulta na extinção da arte de narrar e da capacidade de transmissão coletiva do saber, do passado e da experiência. Com o interesse cada vez menor, ao longo dos anos, pelas narrativas coletivas do passado, bem como com o aumento do individualismo, com a profusão da informação e dos meios de comunicação, com a contração do tempo e com a expansão do espaço, constatamos efetivamente, em *Les années*, um movimento bastante semelhante ao observado por Benjamin.

Walter Benjamin buscou em Proust, Baudelaire e Kafka novos modelos de narratividade que dessem conta da vivência. Acreditamos que Ernaux também teve sucesso em dar forma, com *Les années*, a uma narrativa que inscrevesse a *Erlebnis*, uma vez que a escritora se vale justamente dos elementos que contribuem para a ruína da experiência benjaminiana — isto é, aos jingles, à publicidade, à rádio, à televisão, à informação —, para construir uma narrativa da memória coletiva, mostrando que ainda assim é possível narrar.

Além disso, Pierre Nora (1984) constata que, com o estabelecimento da historiografia, a memória deixa de ser social, coletiva e globalizante, passando a ser psicológica, individual e subjetiva. Nesse sentido, é interessante perceber que Ernaux recorre justamente à escrita autobiográfica e às lembranças pessoais, que se inscrevem tipicamente no âmbito da individualidade, para acessar a memória coletiva. Assim, não é que não exista mais memória: ela apenas está apoiada em outros elementos, como na publicidade e nos meios de comunicação — os mesmos que revelam a crise da experiência da coletividade e que são atribuídos a um modelo de sociedade individualista.



Precisamos salientar, todavia, que, embora *Les années* tome a forma de uma autobiografia, esta ganha contornos específicos, por consistir em uma autobiografia impessoal, na qual a objetividade e a concretude da *écriture plate* contribuem para valorizar o núcleo da impessoalidade do *on*, no lugar do núcleo da pessoalidade do *je*. Desse modo, tal escritura adotada por Ernaux vai ao encontro da renúncia da narrativa em primeira pessoa, por meio da adoção dos pronomes *elle*, *on* e *nous*, em *Les années*, e colabora para o processo de entrecruzamento dos âmbitos coletivo e pessoal, bem como para a construção de uma narrativa que busca acessar a memória coletiva.

Para além da substituição absoluta de uma temporalidade por outra, acreditamos que *Les années* nos permite intuir que existe, na verdade, uma fusão de dois estratos cronológicos, isto é, de duas temporalidades que, em vez de se anularem, coexistem. A primeira é a temporalidade do tempo cíclico, pautada pela repetição, sobre a qual fala Benjamin quando se refere à experiência. A segunda é a temporalidade do tempo moderno, que é linear e implica um encurtamento do tempo e uma dilatação do espaço, processo que fica bastante evidente ao longo da narrativa de *Les années* e ao qual Benjamin atribui o conceito de vivência.

As teorias da memória que recuperamos neste trabalho permitem compreender que a memória funciona, assim como a primeira temporalidade, de forma cíclica, não linear, estando baseada na repetição e vinculada ao esquecimento e ao equívoco, diferentemente da história, que é construída linearmente. Desse modo, embora a vida moderna opere de forma linear e acelerada, conforme a segunda temporalidade, o funcionamento da memória não passa por drásticas alterações e segue funcionando conforme o primeiro modelo.

Assim, podemos concluir que uma temporalidade não anula a outra, não havendo uma transformação total de um tempo “pré-moderno” em um tempo moderno, dado que eles, na prática, se sobrepõem e coexistem. *Les années* aponta que, apesar de as balizas para a memória terem se transformado — deixando de estar apoiadas nas narrativas orais familiares e em espaços mais delimitados, como a vizinhança, o vilarejo, e passando a se expressar em propagandas, jingles, no cinema, nas canções, na mídia —, o tempo moderno não erradica totalmente a forma de a memória operar, com base no refrão e na repetição. Desse modo, é compreensível que os jingles, as canções e as publicidades, que são feitos para serem reproduzidos repetidas vezes, fiquem colados à cabeça, sendo associadas na memória a épocas específicas. O que muda substancialmente é que a memória coletiva passa a ser compartilhada por mais pessoas, em espaços mais abrangentes — como constata Ernaux quando diz que o tempo globalizava —, visto que as canções, os jingles, as notícias também são veiculados e difundidos mais amplamente.

Por fim, acreditamos que Ernaux tem sucesso em dar forma a todas essas tensões — entre memória pessoal e coletiva, memória e história, experiência e vivência, individualidade e coletividade, pessoalidade e impessoalidade — em *Les années*, recriando intersecções entre tais esferas, que seguem se atravessando, comunicando e coexistindo.

## REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras escolhidas v.1)**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BARTHES, Roland. **Le degré zéro de l'écriture**. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BRANCO, Sérgio. **Memória e esquecimento na internet**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017

BOURDIEU, Pierre. L'objectivation participante. **Actes de la recherche en sciences sociales**, vol. 150, n. 5, 2003, p. 43-58. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-actes-de-la-recherche-en-sciences-sociales-2003-5-page-43.htm#>>. Acesso em: 2 fev. 2020.

CARDOSO, Raíssa Furlanetto. (2018). A recusa do “eu” autobiográfico em Les Années. **Revista Criação & Crítica**, (21), p. 37-58. DOI: <<https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i21p37-58>>. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/143380>>. Acesso em: 2 fev. 2020.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

ERNAUX, Annie. **Annie Ernaux on The Years**. Entrevista concedida à livraria Shakespeare and Company, em 2018. Disponível em: <<https://shakespeareandcompany.com/event/924/annie-ernaux-on-the-years>>. Acesso em: 19 dez. 2020.

ERNAUX, Annie. **Écrire la vie**. Paris: Éditions Gallimard, 2011.

ERNAUX, Annie. **Entretien avec Annie Ernaux.** Entrevista concedida a FERNIOT, Christine; DELAROCHE, Philippe. L'express, 2008. Disponível em: <[https://www.lexpress.fr/culture/livre/annie-ernaux\\_813603.html](https://www.lexpress.fr/culture/livre/annie-ernaux_813603.html)>. Acesso em: 14 nov. 2020.

ERNAUX, Annie; JEANNET, Frédéric-Yves. **L'écriture comme un couteau: entretien avec Frédéric-Yves Jeannet.** Barcelona: Folio, 2017.

ERNAUX, Annie. **Les Années.** Barcelona: Folio, 2017.

ERNAUX, Annie. **Os anos.** Tradução Marília Garcia. São Paulo: Três Estrelas, 2019.

DELATOUR, Y. et al. **Nouvelle Grammaire du Français: cours de civilisation française de la Sorbonne.** Paris: Hachette Livre, 2010.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer.** São Paulo: Editora 34, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Prefácio: Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras escolhidas v.1).** São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 7-19.

GODARD, Caroline Marie. **Une sorte de vaste sensation collective: story and experience in the work of Marcel Proust, Walter Benjamin and Annie Ernaux.** Faculty of Miami University, Master of Arts. Oxford, Ohio, 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1994.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio.** Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manole, 2005.

MEIZOZ, Jérôme. Éthique du récit testimonial, Annie Ernaux. **Nouvelle Revue d'esthétique**, n. 6, 2010. p. 113-117. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-nouvelle-revue-d-esthetique-2010-2-page-113.htm>>. Acesso em: 2 fev. 2021.

MONTEIRO, Geovana da Paz Monteiro. Da duração ao tempo espacializado: filosofia e ciência em Bergson. **Anais do Colóquio Internacional Henri Bergson**, NEFI/UERJ, 7 a 9 novembro 2007, disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/filosofia/0021.html>>. Acesso em: 1 ago. 2020.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *In: Les lieux de la mémoire*. Paris: Gallimard, 1984. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

PESTRE, Élise. Prefácio “Expérience, traduction et modernité”. *In: BENJAMIN, Walter. Expérience et pauvreté, suivi de Le conteur et La tâche du traducteur*. Paris: Petite Biblio Payot Classiques, 2018.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento**. Conferência de 8 de março de 2003. Disponível em: <[https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos\\_ricoeur/memoria\\_historia](https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia)>. Acesso em: 1 ago. 2020.

SILVA, João Gabriel Lima da. **O castelo da experiência: Walter Benjamin e a literatura**. Rio de Janeiro: Editora Appris, 2015.

YÜCEDAĞ, Seçil. **Une Nouvelle Forme d'Autobiographie dans Les Années d'Annie Ernaux: Autobiographie Impersonnelle**. 2017. DOI: <<http://dx.doi.org/10.21497/sefad.377411>>. Disponível em: <<http://sefad.selcuk.edu.tr/sefad/article/view/861/>>. Acesso em: 2 fev. 2021.